

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

THARCILLA BARROS SEIDEL

PEDRA DO SAL:

O resgate da memória africana em um dos berços do samba.

Niterói, RJ

2014

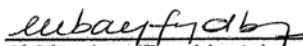
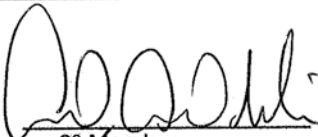
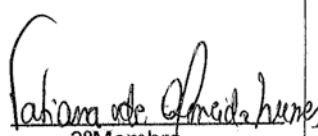


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DA GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL - GGR

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: THARCILLA BARROS SEIDEL	Matrícula: 20933084
Título do Trabalho: PEDRA DO SAL: O RESGATE DA MEMÓRIA AFRICANA EM UM DOS BERÇOS DO SAMBA	
Orientador: Drª Marina Bay Frydberg	
Categoria: Monográfica	Data da Apresentação: 16.07.2014

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente) Drª Marina Bay Frydberg
2º Membro: Me. Luiz Mendonça
3º Membro: Me. Tatiana de Almeida Nunes da Costa

AVALIAÇÃO:		
Análise / Comentário <p>A banca salientou a boa qualidade do trabalho e da pesquisa. Identificou um olhar analítico voltado para a produção cultural. A banca recomenda a continuidade do trabalho na pós-graduação.</p>		
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora): 10,0		
ASSINATURAS		
 1º Membro (Presidente)	 2º Membro	 3º Membro

THARCILLA BARROS SEIDEL

PEDRA DO SAL:

O resgate da memória africana em um dos berços do samba.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marina Bay Frydberg.

Niterói, RJ

2014

THARCILLA BARROS SEIDEL

PEDRA DO SAL:

O resgate da memória africana em um dos berços do samba

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Rio de Janeiro, 16 de julho de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Marina Bay Frydberg - Orientadora
Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Me. Tatiana de Almeida Nunes da Costa
Universidade Federal Fluminense

Prof. Me. Luiz Mendonça
Universidade Federal Fluminense

Niterói, RJ

2014

Dedico esta monografia
a todos os consumidores e apreciadores do samba,
assim como eu.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por estar sempre presente direcionando minhas escolhas, mesmo quando eu não percebia.

Aos meus pais Marina Bastos Barros Seidel e Israel Honorato Seidel que apoiaram minha decisão de prestar vestibular para outra cidade, proporcionando o que foi preciso para que eu estivesse dedicada inteiramente a essa fase. O meu carinho e amor por vocês é grandioso.

Aos meus queridos padrinhos Marise Gomes e Marcos Gomes presentes em todas as etapas da minha vida, antes mesmo do desafio da graduação ter começado na minha trajetória. A atenção, preocupação e carinho, com certeza foram itens que me ajudaram a levantar a cabeça e seguir em frente em muitas vezes que cogitei desistir.

Ao Jefferson Luiz por ter sido o melhor companheiro que alguém poderia ter. Por ter sido sempre tão atencioso e prestativo. Por ter estado comigo nas idas a pesquisa de campo e ter sido o meu assistente durante as entrevistas. Por ter me ajudado em questões de estrutura e formatação durante as minhas escritas e principalmente pela paciência e parceria, sempre. Sem o seu apoio, certamente não chegaria tão longe.

Às amigas Flávia Braga e Tatiana Maia é impossível não citar vocês que estiveram sempre presente nas minhas dúvidas e inseguranças e sempre dispostas a me ajudar. Muito obrigada por terem sido minhas companhias nas visitas à Pedra do Sal. Com certeza, a presença de vocês, fez com que tudo saísse mais perfeito.

Aos integrantes das rodas “Samba de Lei” e “Roda de Samba da Pedra do Sal” que foram sempre tão solícitos em contribuir com a minha pesquisa. Certamente sem a colaboração de vocês, não chegaria tão longe.

À Dona Irene, ao Alexandre e ao Marcelo, proprietários dos bares situados na Pedra do Sal que foram sempre tão agradáveis respondendo as minhas questões.

À todos os consumidores das rodas de samba da Pedra do Sal que participaram das entrevistas e fizeram da minha pesquisa uma noite agradável e proveitosa.

À Universidade Federal Fluminense, que me trouxe muitos aprendizados e experiências incríveis. À turma 2.2009 do PURO, sem dúvida a melhor e mais incrível que eu poderia ter feito parte. Aos meus supervisores dos inúmeros estágios que tive ao longo da graduação que contribuíram significativamente para moldar meu perfil profissional. Contribuindo com essa conquista, agradeço imensamente a professora doutora Marina Frydberg. Antes de tudo por ter aceitado o desafio de me orientar, por respeitar meu tempo durante a construção dessa pesquisa e por ter sido tão incrível na indicação das referências bibliográficas. Valeu a pena cada leitura, cada corrida contra o tempo e cada correção ao longo do trabalho. Agradeço aos Professores mestres Tatiana Almeida e Luiz Mendonça por terem aceitado fazer parte dessa etapa, avaliando o que foi produzido.

Eu canto samba
Até parece moamba
Feitiço, despacho ou mandiga,
Eu estremeço toda
Num samba de roda
Que ginga, que ginga,
Ai, ai...
Eu gosto de samba - Ary Barroso

RESUMO

As manifestações culturais de matriz africana, como o samba, vêm sendo atualmente cada vez mais inseridas na cidade por meio de um intenso movimento de resgate da cultura popular, como as rodas de samba que acontecem na Pedra do Sal, que retomam um lugar da cidade tradicionalmente negro e vinculado ao samba. É inegável, contudo, que as manifestações da cultura negra sejam um reflexo dos gostos nos dias de hoje. A aproximação entre essa região que historicamente é negra e afrobrasileira e seus admiradores é notório. É a partir do resgate do passado, do antigo através da busca por compositores de gerações anteriores que novos músicos recriam gêneros musicais tradicionais. Através de práticas, representações, expressões artísticas e da profissionalização constroem as suas identidades de sambistas. Os consumidores criam um espaço para interação, sociabilidade e mantêm relações sociais. Esse público consumidor recria a figura de um novo malandro através da manutenção de alguns itens tradicionais na vestimenta desse personagem e também pela troca e acréscimo de outros. Os consumidores das rodas de samba da Pedra do Sal criam uma identidade coletiva por possuírem algumas práticas e valores em comum.

Palavras-chave: Afrobrasileira, Samba, Pedra do Sal, Tradição, Profissionalização, Identidade, Sociabilidade, Produção, Consumo

LISTA DE IMAGENS

Capítulo 1

Dança de negros: Figura retirada do livro Zoobibliion - Livro de animais do Brasil de Zacharias Wagener (1964)

Pedra do Sal: foto retirada do site, www.tintanproducoes.com.br/.pedradosal

Capítulo 2

Thiago Torres: acervo pessoal do músico

Wagner Silveira: acervo pessoal do músico

Maicon Salles: acervo pessoal do músico

Kaká Nomura: acervo pessoal do músico

Márcio Kalunga: acervo pessoal do músico

Wando Cordas: acervo pessoal do músico

Júnior Travassos: acervo pessoal do músico

Rogério Família: acervo pessoal do músico

PC Correia: acervo pessoal do músico

Peterson Vieira: acervo pessoal do músico

Walmir Pimentel: acervo pessoal do músico

Wando Azevedo: acervo pessoal do músico

Júnior Silva: acervo pessoal do músico

“Roda de Samba da Pedra do Sal”: imagem retirada da página pessoal dos músicos, <http://rodadesambadapedradosal.blogspot.com.br/>

“Samba de Lei”: imagem retirada da página pessoal dos músicos, <http://ovencedornews.blogspot.com.br/2014/01/sambar-e-lei-toda-sexta-feira-na-pedra.html>

Capítulo 3

O público consumidor da roda “Samba de Lei”: foto Tharcilla Barros Seidel

O público consumidor da “Roda de Samba da Pedra do Sal”: foto Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de segunda-feira: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 1: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 2: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 3: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 4: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 5: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 6: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 7: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 8: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 9: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 10: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 11: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 12: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 13: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 14: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 15: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 16: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 17: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 18: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 19: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 20: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 21: gráfico Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda "Samba de Lei" sentados na Pedra do Sal: foto Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda "Samba de Lei" assistindo à roda em pé: foto Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda "Samba de Lei" dançando: foto Tharcilla Barros Seidel

Os consumidores da roda "Samba de Lei" batendo palmas: foto Tharcilla Barros Seidel

O antigo malandro: foto retirada de busca no site da "Google"

O novo malandro: acervo pessoal do músico

As vestimentas dos consumidores da Pedra do Sal: foto Tharcilla Barros Seidel

O uso do chapéu panamá: foto Tharcilla Barros Seidel

Mulheres com turbantes: foto Tharcilla Barros Seidel

SUMÁRIO

“VAI, MEU SAMBA VAI. LEVA DOR, TRAZ A ALEGRIA...”: INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1	
A HISTÓRIA DO NEGRO, DO SAMBA E DA PEDRA DO SAL.....	4
1.1 Antecedentes do samba: Lundu, Fofa, Modinha, Polca, Fado, Maxixe e o Choro.....	6
1.2 As transformações do samba: Herdeiro dos batuques dos séculos XIX e XX.....	10
1.3 A história do negro no Rio de Janeiro.....	13
1.4 Pedra do Sal e seus diferentes momentos de ocupação.....	17
CAPÍTULO 2	
A PRODUÇÃO CULTURAL NA PEDRA DO SAL.....	21
2.1 As rodas de samba e o resgate da música popular e tradicional.....	22
2.2 A Tradição de família e a profissionalização dos músicos.....	39
2.3 A produção e a dinâmica de funcionamento das rodas de samba.....	48
CAPÍTULO 3	
OS CONSUMIDORES DA PEDRA DO SAL.....	57
3.1 O consumo como comunicador de categorias culturais, valores sociais e construção de identidades.....	58
3.2 Práticas, representações e expressões dos consumidores.....	86
3.3 Os consumidores e a recriação do malandro.....	91
“TERRA DE SAMBA E PANDEIRO”: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS	
Bibliográficas.....	101
Internet.....	102
ENTREVISTAS.....	104

“VAI, MEU SAMBA VAI. LEVA A DOR, TRAZ ALEGRIA...”: INTRODUÇÃO

Vai, meu samba vai
 Leva a dor, traz alegria
 Eu sou negro sim
 Liberdade e poesia
 E na atual sociedade
 Lutamos pela igualdade
 Sem preconceitos sociais
 Templo negro em tempo de consciência negra - Salgueiro¹

O samba sempre esteve presente de uma forma ou de outra na minha vida. O gosto e a aproximação com esse estilo musical vêm desde pequena. Sempre que podia acompanhava meus tios nos ensaios da Viradouro e Porto da Pedra, escolas de samba de Niterói e São Gonçalo respectivamente, cidades em que meus familiares moravam. De família tradicionalmente negra com o samba circulando nas veias, passei a apreciar e buscar o samba nas rodas que aconteciam aos finais de semana na casa de tios e amigos. Mais tarde, conheci o samba da Pedra do Sal, um local onde se tem uma relação forte com a cultura africana que é o samba. Foi dessa forma que me apaixonei por esse ritmo envolvente, que quando se ouve “eu estremeço toda num samba de roda que ginga que ginga”².

As manifestações culturais de matriz africana, como o samba vem sendo cada vez mais inseridas na cidade por meio de um intenso movimento de cultura popular, como as rodas de samba que acontecem na Pedra do Sal, que retomam um lugar da cidade tradicionalmente negro e vinculado ao samba. É inegável, contudo, que as manifestações da cultura negra sejam um reflexo dos gostos nos dias de hoje. A aproximação entre essa região que historicamente é negra e afro-brasileira e seus admiradores é notório. Busco estudar, analisar e compreender um movimento que já existe a muitos anos, respeitando e divulgando a cultura ancestral, no local onde tanto sangue negro foi derramado. São análises em torno dessa temática que ocorreram nesse estudo.

A pesquisa consistiu na investigação teórico-bibliográfica e também utilizou o método etnográfico. A investigação teórico-bibliográfica consistiu na preocupação

¹ Esse foi um samba-enredo de 1989, criado para a escola de samba “Salgueiro”.

² Trecho da música *Eu gosto de samba* do compositor Ary Barroso de 1940.

em buscar informações sobre a história do negro no Rio de Janeiro; a transformação do samba e sua aceitação em diferentes épocas, tendo em vista a importância e atualidade da história do samba e informações sobre a Pedra do Sal e seus diferentes momentos de ocupação. Assim como utilizei referências bibliográficas para contextualizar os capítulos que falam de produção e consumo na Pedra do Sal. Utilizei conceitos como tradição, identidade e profissionalização. Todas essas questões vistas por meio de autores que tratam sobre esses temas.

As reflexões expostas neste trabalho surgiram a partir de uma pesquisa realizada entre os meses de dezembro de 2013 até maio de 2014 com consumidores, patrocinadores e músicos das rodas “Samba de Lei” que se apresenta às sextas-feiras e “Roda de Samba da Pedra do Sal” que se apresenta às segundas-feiras na Pedra do Sal. O trabalho de campo incluiu visitas à Pedra do Sal e todo o seu entorno, como os bares, por exemplo, que recebem frequentadores e admiradores de samba; observação participante em rodas de samba ao vivo; entrevistas semi-estruturadas com os músicos das rodas de samba, consumidores dessas rodas e proprietários dos bares, fazendo sempre a comparação entre o samba que acontece às segundas-feiras com o samba que acontece às sextas-feiras; gravações de conversas espontâneas e registro fotográfico.

O **Capítulo 1** situa o samba no tempo e no espaço e fala um pouco da história do negro e da Pedra do Sal. Considerando o samba como manifestação cultural, é importante que sua origem seja entendida, assim como as transformações de sua aceitação ao longo das décadas. Com esse estudo surge a possibilidade de compreender melhor esse movimento cultural negro que lutou para se afirmar e perdura fortemente até os dias de hoje. Não menos importante, devemos entender o surgimento do monumento histórico, Pedra do Sal, e sua especial importância para a cultura negra carioca e para os amantes do samba. É de especial importância compreender também sua ocupação em diversos momentos. Pretendem-se através dos estudos do samba e do negro na cidade do Rio de Janeiro e os diversos momentos da ocupação da Pedra do Sal entender a importância desse espaço para a cultura negra carioca e os amantes do samba atualmente.

O **Capítulo 2** investiga as apropriações e usos do espaço da Pedra do Sal atualmente. Esse capítulo analisa a produção cultural dada nesse espaço através das rodas de samba que se apresentam ali por meio de patrocínio ou produção

independente. O capítulo explora a roda de samba como lugar privilegiado de construção da identidade de novos sambistas que resgatam a tradição afrobrasileira. A busca pela tradição, mas ao mesmo tempo a recriação do samba vai ser pensada através do resgate do “samba autêntico e puro” tão importante para esses músicos na construção do seu fazer musical, das suas identidades e dos seus projetos artísticos. Entendo de que forma a música e mais especificamente o samba é um meio capaz de construir identidades e ao mesmo tempo estabelecer uma relação de sociabilidade. Tive como universo de pesquisa os encontros semanais com as “Roda de Samba da Pedra do Sal” e “Samba de Lei”. Foi através da etnografia com esses músicos e suas rodas de samba que comecei a perceber o papel fundamental da aprendizagem e da profissionalização na trajetória desses músicos.

O **Capítulo 3** identifica quem são as pessoas que freqüentam as rodas de samba da Pedra do Sal. Aponta caminhos para compreensão de um número cada vez maior de apreciadores de samba. O consumo é analisado através de um espaço onde se constroem relações sociais. Onde uma identidade coletiva é criada e mantida através dos consumidores que compartilham práticas, representações e expressões. Esse capítulo analisa a recriação do malandro sambista pelos consumidores das rodas de samba na Pedra do Sal, que assim como os músicos também buscam a tradição. Essa recriação da figura do malandro acontece por meio do uso de antigos elementos, mas também da substituição ou acréscimo de novos elementos característicos desse personagem tão marcante na história do samba. A pesquisa consistiu em entrevistas com os consumidores das rodas de samba que se apresentam às segundas-feiras e às sextas-feiras.

A escola de samba Salgueiro cantou em samba enredo “Vai, meu samba vai. Leva a dor, traz alegria”. Essa frase, utilizada como título desta introdução que abre esta monografia, serve como ponto de partida para pensar as relações da cultura afrobrasileira, como o samba, que foi por muito tempo cantado com dor, lembrado com tristeza o que essa cultura negra já viveu. E hoje é cantado com alegria trazendo com seu ritmo, o canto, a dança e as palmas de muitos dos seus apreciadores. A partir disso, podemos refletir entre a tradição e a modernidade. Através da recriação por novos músicos de tradições musicais ao mesmo tempo populares e nacionais, que resgatam essa cultura negra através de práticas e representações antigas e através de compositores de gerações anteriores.

CAPÍTULO 1

A HISTÓRIA DO NEGRO, DO SAMBA E DA PEDRA DO SAL

Glória aos piratas
 Às mulatas, às sereias
 Glória à farofa
 À cahaça, às baleias
 Glória a todas as lutas inglórias
 Que através da nossa história
 Não esquecemos jamais
 Salve o navegante negro
 Que tem por monumento
 As pedras pisadas do cais
 O Mestre sala dos mares - João Bosco e Aldir Blanc³

Alguns gêneros musicais como o lundu, a fofa, a modinha, a polca, o fado, o maxixe e o choro contribuíram para a formação do futuro samba. Nesses batuques⁴ de negros, comemorados com festas, danças e músicas começaram a surgir adaptações provocadas pelo casamento da percussão, da coreografia e do canto africano com estilos de dança, formas melódicas e novo instrumento, a viola (TINHORÃO, 2008).

Considerando o samba como manifestação cultural, é importante que sua origem seja entendida, assim como as transformações de sua aceitação ao longo das décadas. O termo samba é de origem africana e tem seu significado ligado às danças típicas tribais do continente. As raízes do samba foram fincadas em solo brasileiro na época do Brasil colonial. No século XX, por exemplo, os sambas aconteciam no fundo de quintal, imperceptível para a polícia que passava em frente às casas, pronta a reprimir as manifestações da música considerada mestiça e marginal (SANDRONI, 2001). Com esse estudo surge a possibilidade de compreender melhor esse movimento cultural negro que lutou para se afirmar e perdura fortemente até os dias de hoje.

³ Todas as epígrafes expostas no capítulo 1 são referentes aos assuntos tratados em cada subcapítulo referente.

⁴ Batuque era um termo genérico usado pelos negros para designar festejos. Qualquer manifestação que reunisse dança, canto e uso de instrumentos (DINIZ, 2006).

Os negros baianos vindos para a cidade do Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades de trabalho encontravam dificuldades devido ao preconceito contido naquela época. Os negros eram excluídos da vida política e em alguns cargos trabalhistas. Os negros que vieram de Salvador trouxeram o aprendizado de ofícios urbanos, negras baianas trabalhavam com o comércio de doces e aluguel de roupas. Alguns trouxeram a experiência de liderança de muitos de seus membros em candomblés ou na organização de grupos festeiros. Isso seria a garantia do negro no Rio de Janeiro. Duas figuras importantes na propagação da cultura negra nessa época foram: Hilário Jovino Ferreira e Hilária Batista de Almeida conhecida como Tia Ciata. Essas duas figuras são parte fundamental da memória do samba (MOURA, 1995).

Não menos importante, devemos entender o surgimento do monumento histórico, Pedra do Sal, e sua especial importância para a cultura negra carioca e para os amantes do samba e do choro. É de especial importância compreender também sua ocupação em diversos momentos. Desde os séculos XVII e XVIII quando os escravos eram desembarcados ali para serem comercializados. Passando pela virada do século XIX para o XX quando negros vindos da Bahia deram origem a uma comunidade que praticava, sem grandes problemas, seus hábitos religiosos, suas rodas de capoeira e seus batuques. Até o tombamento provisório da Pedra do Sal como patrimônio cultural em 20 de janeiro de 1984 e, definitivamente em 27 de abril de 1987 através da Resolução nº 23 publicada no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro em 11 de maio de 1987 (O'DWYER, 2012). A Pedra recebeu esse nome porque o mar avançava até essa região, início da subida do Morro da Conceição, e todo o sal era separado e levado pelos negros morro acima.

O objetivo desse capítulo é tratar a discussão histórica em torno dos antecedentes do samba e a transformação desse gênero; do negro na cidade do Rio de Janeiro e a Pedra do Sal, para entender como esse gênero musical, o samba é recriado hoje. Que imaginário os músicos que tocam nas rodas de samba nesse espaço tão marcado pelas tradições e religiões negras e seus consumidores estão querendo resgatar. Como se dá a produção nesse lugar para que tudo aconteça? De que maneira os consumidores contribuem para isso? Esse é um capítulo introdutório para se entender todo o contexto.

1.1 Antecedentes do samba: Lundu, Fofa, Modinha, Polca, Fado, Maxixe e o Choro

Jura, jura, jura
 Pelo senhor,
 Jura pela imagem
 Da Santa Cruz do Redentor
 Pra ter valor a sua jura
 Jura - Sinhô

Os primeiros descendentes crioulos e mestiços estavam prontos para fazer sua entrada na vida cultural do Brasil, ao som ruidoso e potente dos seus batuques e calundus (TINHORAO, 2008). O desenhista alemão, Zacharias Wagener (1964) presenciou em vinda ao Brasil, não apenas uma *Dança de negros* como intitulou seu desenho em seu livro *Zoobiblion - livro de animais do Brasil* (WAGENER, 1964), mas um momento do ritual de terreiro da religião de origem africana.



Dança de negros

Quando os espertalhões [escravos] terminam sua estafante semana de trabalho, lhes é permitido então comemorar a seu gosto os domingos, dias em que, reunidos em locais determinados, incansavelmente dançam com os mais variados saltos e contorções, ao som de tambores e apitos tocados com grande competência, de manhã até a noite e da maneira mais descontraída, homens e mulheres, velhos e moços, enquanto outros fazem voltas, tomando uma forte bebida feita de açúcar chamada Grape [garapa]; e assim gastam também certos dias santificados, numa dança ininterrupta em que se sujam tanto de poeira, que às vezes nem se reconhecem uns aos outros. (WAGENER, 1964 apud TINHORAO, 2008, p.35)

O poeta Gregório de Matos Guerra (1969) relata em sua obra intitulada *Preceito I* referências à realização de cerimônias religiosas chamadas calundus, nome que se dava a invocação de divindade secundária responsável pelo destino de cada pessoa.

Que de quilombos que tenho\ com mestres superlativos\ nos quais se ensinam de noite\ os calundus, e feitiços\ com devoção os freqüentam\ mil sujeitos femininos\ e também muitos barbados\ que se prezam de narcisos\ Ventura dizem que buscam\ não se viu maior delírio\ eu, que os ouço, vejo, e calo\por não poder diverti-los\ O que sei é que em tais danças\ Satanás anda metido\ e que só tal padre - mestre\ pode ensinar tais delírios\ Não há mulher desprezada\ galã desfavorecido\ que deixe de ir ao quilombo\ dançar o seu bocadinho\ E gastam belas patacas\ com os mestres de cachimbo\ que são todos jubilados\ em depenar tais patinhos\ E quando vão confessar-se\ encobrem aos Padres isto\ porque têm por passatempo\ por costume ou por estilo\ Em cumprir as penitências\ rebeldes são, e remissos\ e muito pior se as tais\ são de jejum, e cilícios\ A muitos ouço gemer\ com pesar muito excessivo\ não pelo horror do pecado\ mas sim por não consegui-lo\ (MATOS, 1969 apud TINHORAO, 2008, p.38)

O poeta informava que em quilombos⁵ os negros realizavam por volta do século XVII, sessões de religiões africanas onde invocavam calundus para saber o destino de mulheres desprezadas e de homens em dúvida quanto a perspectivas amorosas. Tais rituais incluíam o ritmo de tambores e atabaques, além de danças das filhas de santo (TINHORAO, 2008).

A palavra Calundus também era chamada de lundus. Apesar das duas palavras serem parecidas possuíam significados diferentes. Os calundus com toda a ideia de sons de batuques e de dança que a eles se tenha agregado têm sempre em comum a origem religiosa, enquanto o futuro lundu refere-se a uma dança profana, mais cultivada por brancos e mestiços do que por negros (TINHORÃO, 2008).

Segundo Tinhorão (2008) com o crescimento da participação de brancos e mulatos das camadas baixas das cidades nesses batuques de negros começaram a surgir adaptações provocadas pelo casamento da percussão, da coreografia e do canto africano com estilos de dança, formas melódicas e novo instrumento, a viola. (TINHORAO, 2008, p.55).

A fofa e o lundu pouco se diferenciavam um do outro, pois ambos tiravam dos batuques duas das contribuições negro-africanas que mais os distinguiam. Na fofa que foi sempre somente dança, existiam os meneios de corpo julgados indecentes do Congo; e no lundu, mais preso à sua origem negro - africana dos batuques, compreendia o repetido canto de um estribilho marcado pelo ritmo de palmas e a alegre irreverência das umbigadas de Angola. O único elemento coreográfico representativo da

⁵ Os quilombos eram aldeias que ficavam escondidas nas matas, em lugares preferencialmente inacessíveis, como o alto das montanhas e grutas, e era onde então os escravos se reuniam e conseguiam levar uma vida livre. As pequenas aldeias eram também chamadas mocambos, e tanto eles como os quilombos duraram todo o período da escravidão no Brasil.

contribuição branco - europeia (o castanholar de dedos dos bailarinos com os braços levantados para o alto, arqueados sobre a cabeça) aparecia tanto na fofa quanto no lundu. (TINHORAO, 2008, p.61)

Na segunda metade do século XVIII, a fofa começa a perder terreno para o lundu que, além da umbigada, acrescentava a característica herdada dos batuques africanos: os cantos de improviso em resposta aos refrãos. Esse canto repetido marcado pelo ritmo de palmas, com o passar do tempo, se iria acrescentar estrofes acompanhadas de viola, fazendo nascer o lundu - canção (TINHORAO, 2008).

No século XIX, tem-se um fenômeno musical, a modinha, contemporânea do lundu e a ele muito associada em seu gênero canção. A moda, que era toda canção da época, virou modinha quando se popularizou pelo país. O primeiro compositor da modinha e do lundu - canção a época de seu surgimento foi o mulato Caldas Barbosa. Ele era filho de português com escrava de Angola e teve sua obra reconhecida na corte portuguesa (DINIZ, 2006; SANDRONI, 2001). Como afirma Diniz (2006), “a modinha foi, de fato, um elemento de integração nacional, cantada nos quatro cantos do Brasil. Sua relevância permanece em nossa cultura, na obra de compositores do porte de Chico Buarque, Vinicius de Moraes e Tom Jobim” (p.21).

No início do século XIX, com a invasão da polca no Brasil (trazida por artistas de companhias de teatro francesas), surgiu à fusão polca - lundu. A polca foi o mais eletrizante e revolucionário gênero surgido nessa época. Segundo Diniz (2006), “ela foi originária de uma dança da República Tcheca da região da Boêmia de compasso binário e melodia saltitante e caiu no gosto de todos os segmentos da sociedade brasileira, pois além de comunicativa, os dançarinos ficavam com os corpos bem juntos e era executada por toda a cidade” (p.22).

O fado dançado do Brasil foi constituído por uma mistura do lundu com forte influência de ritmos africanos assim como a fofa; e seria um antecedente do fado - canção luso. Há uma sensualidade do lundu, notória sobre a dança do fado no Brasil (PAIS, 2012).

O escritor Manuel Antônio de Almeida (1944) em seu romance *Memórias de um sargento de milícias* no capítulo intitulado “Primeira noite fora de casa” ambientado no Rio de Janeiro entre 1817 e 1821, documenta descrição da dança do fado.

Os meninos entraram sem que alguém reparasse neles, e foram colocar-se junto do oratório. Daí a pouco começou o fado. Todos sabem o que é o fado, essa dança tão voluptuosa, tão variada, que parece filha do mais apurado estudo da arte. Uma simples viola serve melhor do que instrumento algum para o efeito. O fado tem diversas formas, cada qual mais original. Ora uma só pessoa, homem ou mulher, dança no meio da casa por algum tempo, fazendo passos os mais dificultosos, tomando as mais airozas posições, acompanhando tudo isso com estalos que dá com os dedos, e vai depois pouco e pouco aproximando-se de qualquer que lhe agrada; faz-lhe adiante algumas negaças e viravoltas, e finalmente bate palmas, o que quer dizer que a escolheu para substituir seu lugar. Assim corre a roda até que todos tenham dançado. (ALMEIDA, 1944 apud TINHORÃO, 2008, p.78)

O termo fado serviu não apenas para denominar a dança em si, mas a própria festa. Como afirma Tinhorão (2008), “quando o fado começa custa a acabar, termina sempre pela madrugada, quando não leva de enfiada dias e noites seguidas e inteiras” (p.81). Segundo Tinhorão (2012), os primeiros sinais do maxixe, também chamado de tango, podem ser encontrados na década de 1870 no repertório dos grupos de choro cariocas. Como afirma Tinhorão (2012), “o maxixe representou a versão nacionalizada da polca importada da Europa e acabou depois de conquistar a elite brasileira, sendo reexportado como a dança do momento para a Europa, fazendo sucesso, sobretudo em Paris” (p.58).

O maxixe se diferencia do lundu em alguns aspectos. O lundu era mais ligado ao mundo rural e todos participavam da roda cantando, dançando e batendo palmas, já no maxixe todos os pares dançam ao mesmo tempo, sendo a melodia e a voz externas ao universo dos dançarinos. Segundo Diniz (2006), “pelo seu caráter lúdico e sensual, o maxixe foi rotulado de indecente por grande parte da sociedade” (p.24).

Segundo Moura (1995), “o maxixe era consumido apenas pelos homens, preservadas as suas mulheres para situações de um lazer menos escandaloso” (p.111). Apesar dos estigmas e das proibições que eventualmente sofre em nome da moral pública, iria lentamente conquistar a cidade. Sinhô, foi o elemento de transição entre o maxixe que resistia às investidas moralizadoras, e o samba que nascia perseguido pela polícia, e criou o samba amaxixado, do qual Jura, Gosto que me enrosco, e outros, são exemplos. Até a chegada do samba, o maxixe representou o gênero dançante mais importante do Rio de Janeiro (MOURA,1995; DINIZ, 2006).

O choro, outro gênero que teria importância na formação da música carioca moderna, surge nas últimas décadas do século XIX. No choro se tinha a

oportunidade de tocar música exclusivamente instrumental, e de se voltar para a música pela informalidade das situações. O maxixe e o samba carioca eram músicas para dançar, o que muito favoreceu sua popularização. O choro assim como a modinha não era música de dança. O choro apareceu na cidade do Rio de Janeiro por volta de 1870, ligado ao crescente número de músicos da classe média baixa (MOURA, 1995, p.108; DINIZ, 2006, p.22). Como afirma Diniz (2006), “os chorões, nome que se dá aos músicos do gênero, eram um dos principais canais de divulgação da música do povo” (p.22). Aos poucos, através das bandas de música e do rádio, o choro foi ganhando todo o território nacional (DINIZ, 2006).

Alfredo da Rocha Vianna Filho, mais conhecido como Pixinguinha, foi herdeiro de toda essa tradição musical. E foi muito além. Consolidou o choro como gênero musical, levou o virtuosismo na flauta as últimas conseqüências, aperfeiçoou a linguagem do contraponto (melodia secundária que dialoga com a principal) com seu saxofone e organizou inúmeros grupos musicais. Como arranjador, deu identidade a música popular da primeira metade do século XX e foi, sem sombra de dúvida, o maior compositor de choro de todos os tempos. (DINIZ, 2006, p.23)

Quase todo grande compositor de samba tem uma relação com o choro. Alguns são *sambistas - chorões*, como Nelson Cavaquinho, outros, *chorões - sambistas* caso de Benedito Lacerda, e existem os que conseguem as duas coisas. Entre estes destaca-se Paulo César Batista de Faria, o Paulinho da Viola. Grande parte da produção musical dos compositores de samba comunicou-se com o choro (DINIZ, 2006, p.23).

1.2 As transformações do samba: Herdeiro dos batuques dos séculos XIX e XX

O chefe da folia
 Pelo telefone
 Manda me avisar
 Que com alegria
 Não se questione
 Para se brincar
 Pelo Telefone - Donga e Mauro de Almeida

Segundo Sandroni (2001), há diferença no samba que se fez nos anos 1910 e 1920 e o que foi feito dos anos 1930 em diante. No início do século XX, quem falava em samba no Rio de Janeiro eram, sobretudo as pessoas ligadas à

comunidade de negros e mestiços vindos da Bahia, que se instalavam nos bairros próximos ao Cais do Porto, a Saúde, a Praça Onze, a Cidade Nova.

No final dos anos 1920 são criadas as primeiras escolas de samba, ligada a um bloco carnavalesco do bairro do Estácio de Sá, chamada “Deixa falar”. Este bloco teria sido o primeiro a desfilar no carnaval ao som de uma orquestra de percussões formada por surdos, tamborins, cuícas, pandeiros e chocalhos. Este conjunto instrumental foi chamado de bateria e apresentava um tipo de samba que já era bem diferente dos de Donga, Sinhô e Pixinguinha. O samba feito à moda do Estácio de Sá firmou-se rapidamente e músicos como Cartola e Paulo da Portela criaram as escolas de samba que viriam a tornarem-se as mais tradicionais do carnaval da cidade, como a Mangueira e a Portela. Essa criação se deu no final dos anos 1920 e início dos 1930, quando começam a aparecer os concursos carnavalescos (SANDRONI, 2001; DINIZ, 2006).

Os testemunhos sobre os desfiles de escolas de samba nos anos 1930 indicam que eles não tinham muito em comum com o que se vê hoje no sambódromo. Cada escola cantava três sambas, e não apenas um como a partir de 1940. Estes não eram sambas - enredo, pois o desfile não representava um enredo, não contava uma história nem desenvolvia um tema geral. Cada samba consistia de um refrão cantado em coro, depois do qual um solista improvisava versos, a bateria possuía muito menos integrantes que as de hoje (SANDRONI, 2001).

Segundo Sandroni (2001), as transformações do samba na primeira metade do século XX se deram em múltiplos planos:

Nos desfiles de carnaval, mas também nos estúdios de gravação. Esses diferentes planos eram controlados por forças sociais distintas. Nos desfiles quem mandava eram pessoas como Cartola ou Paulo da Portela, pertencentes a camadas desfavorecidas da população; enquanto nos estúdios, mandavam os diretores artísticos das gravadoras ou em última instância os próprios donos destas. (SANDRONI, 2001, p.80)

Com a crescente importância do carnaval, o samba passou a ser consumido pelo resto da população brasileira e se transformou na música brasileira por excelência (OLIVEN, 1985 apud VIANNA, 1995, p.30).

Muitos autores tendem a imaginar a história do samba como uma descida quase espontânea da favela para o espaço privilegiado das camadas médias e da burguesia, no final da década de 1920 (VIANNA, 1995). Segundo Vianna (1995), “o

samba não nasceu exatamente no morro, mas sim em algum lugar entre os morros e as ruas da Cidade Nova” (p.121). O samba não se transformou em música nacional pelos esforços de um grupo social específico, atuando dentro de um território específico, o morro. Muitos grupos e indivíduos (negros, baianos, cariocas, intelectuais, políticos e compositores), tiveram maior ou menor participação de sua fixação como gênero musical e de sua nacionalização. Nunca existiu um samba pronto, “autêntico”, depois transformado em música nacional. O samba, como estilo musical vai sendo criado concomitantemente a sua nacionalização. Ao lado da repressão, outros laços uniram membros da elite brasileira e das classes populares, possibilitando uma definição da nossa nacionalidade (VIANNA, 1995).

Segundo Vianna (1995):

A transformação do samba em música nacional não foi um acontecimento repentino, indo da repressão à louvação em menos de uma década, mas o coroamento de uma tradição secular de contatos entre vários grupos sociais na tentativa de inventar a identidade e a cultura popular brasileiras. (VIANNA, 1995, p.34)

Segundo Vianna (1995), essa passagem da repressão da cultura popular afrobrasileira até símbolo nacional brasileiro esta no cerne do encontro de uma noitada de violão de dois grupos bastante distintos da sociedade brasileira da época. De um lado, representantes da intelectualidade e da arte erudita, todos provenientes de famílias brancas. Do outro lado, músicos negros ou mestiços, saídos das camadas mais pobres do Rio de Janeiro. De um lado a turma de Gilberto Freyre, Prudente de Moraes Neto, Sérgio Buarque de Holanda e Heitor Villa-Lobos representando a elite, do outro lado, a turma do grupo “Os Oito Batutas” composto por Pixinguinha, Donga e Patrício Teixeira representando o povo. Esse encontro está totalmente ligado às questões de identidade, à busca das “coisas realmente brasileiras”, ao contexto sociocultural do Rio de Janeiro nas décadas de 1920 e 1930 e a uma transformação do samba (VIANNA, 1995, p.29).

Segundo Vianna (1995) “a vitória do samba era também a vitória de um projeto de nacionalização e modernização da sociedade brasileira” (p.127). Todos os que tornaram possível a transformação do samba em símbolo nacional brasileiro queriam para o Brasil uma modernidade que incorporasse os elementos culturais até então considerados sintomas ou causas de nosso atraso como a mestiçagem e o próprio samba (VIANNA, 1995).

1.3 A história do negro no Rio de Janeiro

Samba
 Agoniza mas não morre
 Alguém sempre te socorre
 Antes do suspiro derradeiro
 Samba
 Negro forte destemido
 Foi duramente perseguido
 Na esquina, no botequim, no terreiro.
 Agoniza mas não morre - Nelson Sargento

A colônia baiana se impõe no mundo carioca, em torno de seus líderes vindos dos postos do candomblé e dos grupos festeiros, cuja influência se estenderia a toda a comunidade que se formou nos bairros, em torno do cais do porto e depois na Cidade Nova chamada mais tarde por Heitor dos Prazeres de *Pequena África*. Os primeiros que conseguem uma situação na capital, um lugar para morar e cultuar os orixás e uma forma de trabalho se disponibilizam a ajudar com comida e moradia aos que vão chegando, o que permitiu um fluxo migratório regular, garantindo uma forte presença dos baianos no Rio de Janeiro (MOURA, 1995).

Fundando-se praticamente uma pequena diáspora baiana na capital do país, gente que terminaria por se identificar com a nova cidade onde nascem seus descendentes, desempenharia notável papel na reorganização do Rio de Janeiro popular, subalterno, em volta do cais e nas velhas casas no Centro. (MOURA, 1995, p.61)

Os negros e caboclos são mantidos fora do mercado de trabalho e da vida política nacional. Segundo Moura (1995), “o país não oferecia a esses homens, alternativas para a reordenação de suas vidas a partir de uma nova posição na sociedade nacional, a não ser as construídas por eles mesmos” (MOURA, 1995, p.18). Havia restrições legais instituídas aos seus direitos de cidadania. No sistema eleitoral onde o acesso ao voto e aos cargos era proporcional à propriedade e aos rendimentos, o negro, qualquer que fosse sua fortuna, votava apenas nas primárias, não podendo ingressar nas ordens religiosas, nos altos cargos do Exército e da Marinha, podendo no máximo se eleger para vereador e ingressar na tropa ou Guarda Nacional, isso se nascido no Brasil (MOURA, 1995).

Os negros baianos vindos para a cidade do Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades de trabalho encontravam dificuldades devido ao preconceito

contido naquela época. O depoimento de Carmem Teixeira da Conceição, conhecida por Tia Carmem retrata bem isso: “quem trabalhava mais mesmo era o português, essa gente, espanhóis, era mais essa gente. Não era fácil, eles não gostavam de dar emprego pro pessoal preto da África, que pertencia assim à Bahia, eles tinham aquele preconceito” (Depoimento de Carmem Teixeira da Conceição, Tia Carmem, arquivo Corisco Filmes apud MOURA, 1995, p.92).

Os negros que vieram de Salvador trouxeram o aprendizado de ofícios urbanos, às vezes algum dinheiro, e a experiência de liderança de muitos de seus membros em candomblés ou na organização de grupos festeiros. Isso seria a garantia do negro no Rio de Janeiro. Eram comuns atividades comerciais entre negras baianas com seu comércio de doces e aluguel de roupas ou com seu ofício de pespontadeira. São essas negras, que ganham respeito por suas posições centrais no terreiro e por sua participação conseqüente nas principais atividades do grupo, que garantem a permanência das tradições africanas e as possibilidades de sua revitalização na vida mais ampla da cidade (MOURA, 1995; TINHORAO, 2008).

No negro é reconhecida sua musicalidade, seu corpo visto como propício não só para o trabalho, mas para os prazeres sensuais e o entretenimento das novas classes urbanas, nos palcos, nos campos de futebol, na cama, se abrindo para algumas possibilidades irrecusáveis de sucesso e dinheiro, dadas algumas chances que para essa maioria se reservam. A presença do negro, na capital da República, a partir daí se marca em toda a vida nacional (MOURA, 1995).

Uma importante figura entre os negros foi Hilário Jovino Ferreira, nascido no século XIX em Pernambuco, e levado para Salvador ainda criança, só viria para o Rio de Janeiro já adulto, onde, graças a seus excepcionais dotes, se tornaria uma das figuras de proa do meio baiano. Já no seu primeiro domicílio no morro da Conceição, Hilário se envolve com um rancho da vizinhança, o “Dois de Ouro”, com a ideia de fundar outra agremiação nos moldes daquelas de que participara na Bahia. Ele se tornaria o principal criador e organizador dos ranchos da Saúde, talvez o principal responsável pelo deslocamento dos desfiles para o Carnaval, o que transformaria suas características: a festa profana passa a sugerir um novo enfoque musical e coreográfico, se transferindo para a Cidade Nova, em torno da Praça Onze, os pontos de encontro, organização e desfile dos ranchos baianos (MARCONDES, 1999; MOURA, 1995).

Outra importante figura entre os negros foi Hilária Batista de Almeida, conhecida como Tia Ciata, nascida em Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano em 1854, veio para o Rio de Janeiro em 1876 com 22 anos. Foi cozinheira e mãe de santo brasileira, considerada por muitos como uma das figuras mais influentes para o surgimento do samba carioca. Também ficou marcada como uma das principais animadoras da cultura negra nas nascentes favelas cariocas (MOURA, 1995; DINIZ, 2006).

Segundo Moura (1995), Tia Ciata e Hilário tinham uma estreita ligação. Nasceram no mesmo dia e se tratavam nas rodas de sambas como “Xará”, já que Tia Ciata se chamava Hilária. Hilário baiano foi para o Rio de Janeiro em 1872, quatro anos antes de Tia Ciata. E por isso já estava mais acostumado com a cidade. Eram líderes natos entre os negros da época. Hilária e Hilário, Ciata e o Lalau de Ouro, talvez tenham sido naquele Rio de Janeiro subalterno as principais lideranças negras no período (MOURA, 1995).

Já no Rio de Janeiro, Hilária se casa com João Batista da Silva, negro bem situado na vida, também baiano. Mulher de grande iniciativa e energia, Tia Ciata faz sua vida de trabalho constante, tornando-se, com outras tias baianas de sua geração, parte da tradição carioca das baianas quituteiras, atividade que tem forte fundamento religioso, e que foi recebida com muito agrado na cidade desde sua aparição ainda na primeira metade do século XIX (MOURA, 1995).

Tia Ciata com sua força e ascendência no santo seria um peso de líder entre os negros. Na vida, no santo e no trabalho, Tia Ciata era festeira, não deixava de comemorar as festas dos orixás em sua casa que se tornaria a capital na *Pequena África* em torno da Praça Onze. Primeiro acontecia à missa cristã assistida na igreja, depois a cerimônia religiosa, e em seguida se armava o pagode. Tia Ciata tinha sempre o cuidado para que as panelas estivessem sempre quentes e para que o samba nunca morresse. Alguns participantes da festa saiam para trabalhar e depois voltavam para casa de Tia Ciata. As festas se estendiam durante dias (DINIZ, 2006; MOURA, 1995).

As festas na casa de Tia Ciata eram frequentada por negros, estivadores, artesãos, alguns funcionários públicos, policiais, alguns mulatos e brancos de baixa classe média, e músicos como: Pixinguinha, Sinhô e Donga. Esses músicos se

inspiravam para as suas composições, em muito do que ouviam por lá. Foi numa das noitadas musicais na casa dessa tia baiana que foi composto coletivamente, o samba “Pelo telefone”, que acabou entrando para a história como o primeiro samba, registrado como composição de Donga e Mauro de Almeida (DINIZ, 2006; MOURA, 1995). Segundo Moura (1995), “a música ‘Pelo telefone’, foi tocada pela primeira vez em público no Cinema Teatro Velo na Tijuca. Em novembro, sua partitura seria registrada na Biblioteca Nacional e, em dezembro, impressa no Instituto de Artes Gráficas” (p.170).

João da Baiana, um dos grandes talentos dos primórdios do samba carioca que aparecem naquele momento, fala dessas tradições festeiras e musicais na casa de Tia Ciata.

As nossas festas duravam dias, com comida e bebida, samba e batucada. A festa era feita em dias especiais, para comemorar algum acontecimento, mas também para reunir os moços e o povo “de origem”. Tia Ciata, por exemplo, fazia festa para os sobrinhos dela se divertirem. A festa era assim: baile na sala de visitas, samba de partido alto nos fundos da casa e batucada no terreiro. A festa era de preto, mas branco também ia lá se divertir. No samba só entravam os bons no sapateado, só a “elite”. Quem ia pro samba, já sabia que era da nata. Naquele tempo eu era carpina (carpinteiro). Chegava do serviço em casa e dizia: mãe, vou pra casa da Tia Ciata. A mãe já sabia que não precisava se preocupar, pois lá tinha de tudo e a gente ficava lá morando, dias e dias, se divertindo. Eu sempre fui responsável pelo ritmo, fui pandeirista. Particpei de vários conjuntos, mas era apenas para me divertir. Naquele tempo, não se ganhava dinheiro com samba. Ele era muito mal visto. Assim mesmo às vezes nós éramos convidados para tocar na casa de algum figurão. Eu me lembro que em certa ocasião, o conjunto de que eu participava foi convidado para tocar no palacete do senador Pinheiro Machado, lá no morro da Graça. Quando o conjunto chegou, o senador foi logo perguntando aos meus colegas: cadê o menino? O menino era eu. Aí meus companheiros contaram ao senador que a polícia tinha tomado e quebrado o meu pandeiro, lá na Penha. O senador mandou que eu passasse no Senado no outro dia. Passei e ganhei um pandeiro novo, com dedicatória, peça que tenho até hoje. (João Batista Borges Pereira, em *Cor, profissões em mobilidade/O negro e o rádio de São Paulo* apud MOURA, 1995, p.115)

Segundo Moura (1995), naquela época, o samba era proibido e para que houvesse as festas, era necessário pedir uma licença na chefatura de polícia. A polícia vigiava as reuniões dos negros (tanto o samba como o candomblé). As festas na casa de Tia Ciata tinham a permissão do marido, funcionário público depois ligado à própria polícia como burocrata. Isso garantiu o espaço que, livre das batidas, se configurou como local privilegiado para as reuniões. Um local de afirmação do negro onde se desenrolavam atividades coletivas tanto de trabalho quanto de lazer (DINIZ, 2006; MOURA, 1995).

A Tia Ciata também dava festas. Agora, o samba era proibido e elas tinham que tirar uma licença com o chefe de polícia. Era preciso ir até a Chefatura de Polícia e explicar que ia haver um samba, um baile, uma festa enfim. Daquele samba saía batucada e candôblé porque cada um gostava de brincar, à sua maneira. (Entrevista de João da Baiana em *As vozes desassombradas do museu*, Museu da Imagem e do Som/RJ apud MOURA, 1995, p.133)

A mulata Hilária Batista de Oliveira, Tia Ciata, simboliza toda a estratégia de resistência musical à cortina da marginalização erguida contra o negro em seguida à Abolição (SODRÉ, 1998). Hilária perde o marido por volta de 1910, mas não se deixa abater, sempre alegre, vestida de baiana e conhecida por sua autoridade assim como por sua solidariedade aos que a ela acorriam (MOURA, 1995).

1.4 Pedra do Sal e seus diferentes momentos de ocupação

Gamboa, a Pequena África de Obá
 Da Pedra do Sal, viu despontar a
 Cidade do Samba
 Então dobre o Run
 Pra Ciata d'Oxum, imortal
 Soberana do meu carnaval, na
 princesa nilopolitana
 Agoyê, o mundo deve o perdão
 A quem sangrou pela história
 Áfricas de lutas e de glórias

Áfricas: do berço real à Corte Brasileira - Cláudio Russo, J. Velloso, Gilson Dr. Carlinhos Do Detran⁶

Em 1835, Salvador assistiu a um grande êxodo em direção ao Rio de Janeiro, motivado pelas precárias condições de vida na capital baiana. Negros que já haviam descido do Recôncavo Baiano e ficaram sem trabalho no Vale do Paraíba devido à crise do café em 1860, também vieram para o Rio. Esses imigrantes encontraram abrigo nas imediações do Morro da Conceição. A Pedra do Sal, no Morro da Conceição, na zona portuária do Rio de Janeiro, tornou-se uma grande colônia negra com o encontro destes imigrantes e o desembarque dos negros africanos. Os escravos garimpavam o sal da prainha e esculpiram na pedra seu acesso ao Morro

⁶ Essa música foi samba - enredo de 2007 da escola Beija Flor de Nilópolis.

da Conceição, as escadarias que até hoje são usadas pelos moradores (MOURA, 1995; SANTOS, 1986 apud CHAGAS, 2004, p.1).

A antiga Prainha era parte do mercado de escravos recém-chegados da África e foi ampliada por sucessivos aterros. Um mercado para escravos recém-chegados era mais que uma “casa de engorda”, como aparece nas narrativas da memória coletiva. Era lugar de morte e de enterramentos e por isso campo sagrado. Era também lugar de cultura, de comunicação e de troca, pois era preciso saber a língua dos recém-chegados para transformá-los em escravos. Era, antes de tudo, lugar de sofrimento e, por isso, as formas de religiosidade afrobrasileiras tiveram ali seu primeiro lócus no Rio de Janeiro (O'DWYER, 2012).

Carmem Teixeira da Conceição, mais conhecida como Tia Carmem, negra residente da Praça Onze fala sobre a Pedra do Sal:

Tinha na Pedra do Sal, lá na Saúde, ali que era uma casa de baianos e africanos, quando chegavam da África ou da Bahia. Da casa deles se via o navio, aí já tinha o sinal de que vinha chegando gente de lá. [...] Era uma bandeira branca, sinal de Oxalá, avisando que vinha chegando gente. A casa era no morro, era de um africano, ela chamava Tia Dadá e ele Tio Ossum, eles davam agasalho, davam tudo até a pessoa se aprumar. [...] Tinha primeira classe, era gente graúda, a baianada veio de qualquer maneira, a gente veio com a nossa roupa de pobre, e cada um juntou sua trouxa: “vamos embora para o Rio porque lá no Rio a gente vai ganhar dinheiro, lá vai ser um lugar muito bom”. [...] Era barato a passagem, minha filha, quando não tinha, as irmãs inteiravam pra ajudar a passagem. Eu queria achar um livro que a enchente extraviou, aquele livro sim é que tinha as baianas todas, subindo em cima do navio, tocando prato. Tinha nas minhas coisas mas a enchente extraviou. [...] Dois, três dias de viagem, a comida a gente fazia antes de vir, depois era ali mesmo, tomava camaradagem com aqueles homens de lá de dentro do navio, sabe como é baiana, mais uma graça, mais outra. (Depoimento de Carmem Teixeira da Conceição, arquivo Corisco Filmes apud MOURA, 1995, p.60)

Na Pedra do Sal existiam muitos templos afrobrasileiros. Era o lugar onde se faziam despachos e oferendas para suas divindades, os orixás. Ali se reuniram Tia Ciata, Donga, João da Baiana, Heitor dos Prazeres, Pixinguinha. Tornando-se ponto de encontro de sambistas expoentes da cultura afrobrasileira (MOURA, 1995, p.131; SANTOS, 1986 apud CHAGAS, 2004, p.1).

O processo de tombamento da Pedra do Sal teve início a partir de um texto do historiador Joel Rufino dos Santos. Segundo o autor “a Pedra do Sal é, em suma, mais que um bem cultural negro-brasileiro. É um monumento histórico e religioso da cidade do Rio de Janeiro” ⁷ (Santos, 1986).



Pedra do Sal

Os artigos 215 e 216 da Constituição de 1988, diz que se estende a noção de direitos às práticas culturais, e o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, institui o registro e a proteção de bens culturais de natureza imaterial de grupos que formaram o patrimônio cultural brasileiro. A Constituição e o Decreto garantem a promoção e a proteção do patrimônio cultural brasileiro, entendido como bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, que são portadores de referência à identidade, à nação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, dentre eles os afrodescendentes (O'DWYER, 2012).

A Pedra do Sal, tombada provisoriamente em 20 de novembro de 1984 e, definitivamente em 27 de abril de 1987 através da Resolução nº 23 e publicada no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro em 11 de maio de 1987, é testemunho cultural mais que secular da africanidade brasileira, espaço ritual consagrado e o mais antigo monumento vinculado à história do samba carioca. Outrora teve os nomes de Quebra Bunda, Pedra da Prainha e, como nas redondezas se carregava o sal, popularizou-se como do Sal. Ali se instalaram os primeiros negros da Saúde, se encontraram as Tias Baianas, soaram os ecos das lutas populares, das festas de candomblé e das rodas de choro. No dorso da Pedra do Sal estão inscritas as raízes do nosso samba. (INEPAC)⁸

⁷ Fala do historiador Joel Rufino dos Santos no dia 1 de abril de 1984.

⁸ Informações obtidas junto ao site do INEPAC - Instituto estadual do patrimônio cultural, <http://www.inepac.rj.gov.br>.

Segundo Chagas (2004):

A Pedra do Sal é pedra e cultura, é matéria e espírito. Ela protege os moradores e é protegida por eles. A sua existência, concreta e simbólica, alimenta a consciência preservacionista daquele cantão da cidade, e contribui para a constante atualização, construção e reconstrução da memória da localidade. (CHAGAS, 2004, p.1)

Para além do espaço material da Pedra do Sal, esse local de celebração representa simbolicamente a presença cultural dos afrodescendentes na cidade do Rio de Janeiro: um lugar de memória do samba, do candomblé e do trabalho negro no porto. Todo dia 2 de dezembro, o grupo do quilombo da Pedra do Sal celebra, no Largo João da Baiana, essa história e memória através da lavagem da pedra (rito simbólico de purificação), do samba e de depoimentos de antigos portuários. Celebram sua continuidade histórica na região e sua relevância para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira (O'DWYER, 2012).

CAPÍTULO 2

A PRODUÇÃO CULTURAL NA PEDRA DO SAL

E de repente
 Era um, eram dez, eram milhares
 Sob as asas azuis da liberdade
 Nascia o estado de Palmares
 Mas não tardou
 E a opressão tentou calar
 não conseguiu
 O brado da vida contra a morte
 No primeiro estado livre do Brasil
 A epopéia de Zumbi - Nei Lopes⁹

Nesse capítulo irei apresentar as duas rodas de samba que analisei na Pedra do Sal: “Roda de Samba da Pedra do Sal” que se apresenta às segundas-feiras e “Samba de Lei” que se apresenta às sextas-feiras. As duas rodas de samba possuem papel importante na sua posição em resgatar a tradição afrobrasileira em um espaço marcado pela cultura negra. A roda de samba de segunda-feira se destaca por ter sido a pioneira na retomada desse movimento na Pedra do Sal, pois além dos músicos já se apresentarem nesse espaço há sete anos, a roda se apropria de elementos e práticas antigas se assemelhando ao samba “original e de raiz”.

Através da etnografia a partir de entrevistas feitas aos músicos integrantes das duas rodas de samba, pude perceber que a maioria desses músicos já estão inseridos nesse meio artístico musical desde cedo, seja através da família, dos amigos ou da tradição de bairro. A partir do conceito de *habitus* utilizado pelo autor Pierre Bourdieu, irei analisar a socialização durante a infância que vem com o que se aprende em casa, com parentes e familiares. Muitos músicos passam pela difícil tarefa de ter que escolher entre seguir a carreira de artista que nem sempre é considerada como profissão séria ou se dividir entre a música e outra profissão e/ou curso universitário. Com as entrevistas, pude notar que os músicos se referem à sua

⁹Nesse capítulo, todas as epígrafes são referentes às músicas tocadas pela “Roda de Samba da Pedra do Sal”. Elas aparecem na ordem em que as músicas são tocadas na roda de samba às segundas-feiras.

trajetória artística como algo que aconteceu e continua acontecendo naturalmente, mas isso não parece tão natural assim, quando se busca um maior reconhecimento público através de gravação de CDs ou clipes, por exemplo. A partir de estudos da autora Marina Frydberg (2011), analisarei os momentos de profissionalização na trajetória artística dos músicos.

Para que um trabalho artístico seja concluído, é preciso a cooperação de algumas pessoas além dos próprios autores. As rodas de samba na Pedra do Sal só acontecem porque existe uma divisão das atividades prestadas por colaboradores. Estes tem um papel de suma importância, com destaque para a posição do patrocinador, no caso da roda de samba de sexta-feira. A partir de estudos do autor Howard S. Becker (2006), analisarei sobre essa produção de autores envolvidos na realização da roda de samba. Para compreender a dinâmica de funcionamento em uma roda de samba tenho como base a etnografia que realizei nessas duas rodas, onde pude perceber algumas características e práticas semelhantes, inclusive com outras rodas de samba.

2.1 As rodas de samba e o resgate da música popular e tradicional

Mas depois da ilusão, coitado
 Negro volta ao humilde barracão
 Negro acorda, é hora de acordar
 Não negue a raça
 Torne toda manhã dia de graça
 Negro não se humilhe
 nem humilhe a ninguém
 Todas as raças já
 foram escravas também
 Dia de graça - Candeia

É possível estabelecer uma relação entre a cidade e espaços dentro dela que oferecem práticas de entretenimento, lazer e trocas de informações. Onde indivíduos se encontram e dividem os mesmos gostos. Segundo Magnani e Torres (1996), “a cidade oferece lugares de lazer onde seus habitantes cultivam estilos particulares de entretenimento, mantêm vínculos de sociabilidade e relacionamento, criam modos e padrões culturais diferenciados” (p.19).

Segundo Magnani e Torres (1996) quando o espaço ou um segmento dele, assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebe o nome de pedaço (p.32). Dessa forma, pode-se chamar o espaço da Pedra do Sal como um “pedaço” onde têm-se a troca de informações, a prática do lazer e sociabilidade através das rodas de samba que acontecem ali.

A Pedra do Sal se situa aos pés do Morro da Conceição no Largo da Baiana na Rua Argemiro Bulcão, no bairro da Saúde no Rio de Janeiro. Essa região era conhecida historicamente por *Pequena África* que se estendia do entorno da Praça Mauá até a Cidade Nova. Era o local onde se encontravam estivadores, tias baianas, negros escravos e libertos, que juntos entoavam cantos, faziam batuques, praticavam despachos e oferendas das religiões africanas¹⁰.

A Pedra do Sal foi por muito tempo esquecida no que diz respeito a manifestações culturais de resgate a cultura negra sendo lembrada somente no Dia Nacional do Samba, 02 de dezembro, onde integrantes do quilombo da Pedra do Sal celebram a lavagem da Pedra. Quem põe a mão na massa são grupos de candomblé e membros do bloco carnavalesco Afoxé Filhos de Gandhi¹¹. Nesse dia, há rodas de samba, de capoeira, culinária temática, exibição de filmes e palestras. Hoje a Pedra do Sal é palco de animadas rodas de samba que reúnem amantes desse gênero musical toda semana. A Pedra do Sal tem papel fundamental para a memória do samba que deve ser preservada.

A primeira visita que fiz à Pedra do Sal foi no dia 02 de fevereiro de 2014, era um domingo de sol. Em um primeiro momento pude observar o espaço em si. O local é pequeno e possui uma ladeira de pedra no meio onde as pessoas ficam sentadas e crianças brincam de escorregar numa parte da pedra, antes que o samba comece ali onde a historiografia aponta ter existido o grande mercado de escravos e depósitos de mercadorias de embarque e desembarque dos estivadores do porto. Existe também uma escadaria no canto que é a única passagem para os moradores que residem no Morro da Conceição onde pude observar simpáticas casas coloridas.

¹⁰ Informações obtidas junto ao site, <http://www.audioativo.com/2013/07/23/pedra-do-sal-terreno-sagrado-do-samba/>, acesso em 27/05/2014 às 18h58min.

¹¹ Informações obtidas junto ao site, <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/roda-de-samba-da-pedra-do-sal>, acesso em 27/05/2014 às 18h31min.

O passado e o presente se misturam também na arquitetura antiga do local, colorida por grafites de referência ao samba, e nos refletores que iluminam a área onde os músicos se reúnem, em torno de três mesas de madeira, para tocar sambas de todas as épocas.

Em frente à ladeira de pedra e a escadaria existe um pequeno espaço reservado para os eventos, como as rodas de samba, que acontecem na Pedra do Sal. Ao lado desse espaço reservado para eventos culturais como as rodas de samba, existe um prédio onde em baixo, no primeiro andar fica o bar “Bodega do Sal” e em cima, no segundo andar fica a casa da proprietária do bar. O “Bodega do Sal” é o único bar que existe na Pedra do Sal. Existem outros dois bares que ficam ali por perto que são o “Recanto da Pedra” e o “Escondidinho Bar”, mas esses dois ficam mais distantes e não exatamente no Largo da Baiana onde acontecem as rodas de samba.

Fui com o meu marido e mais um casal de amigos que são frequentadores assíduos de lá, além de serem apaixonados por samba. Nesse dia o evento era uma grande roda de samba em homenagem ao grande cantor, compositor e violonista brasileiro chamado Paulo César Batista de faria, mais conhecido como Paulinho da Viola. A roda de samba que fazia homenagem a esse grande músico se chamava “Samba de Lei”. O evento estava marcado para começar às 16h mas os músicos ainda não haviam chegado e o público ainda era pouco. Devia ter nada mais que 15 pessoas. Umas meninas em pé conversando em grupo. Outro grupo sentado na escadaria e outros bebendo cerveja na entrada do bar “Bodega do sal”.

Às 17h os integrantes da roda “Samba de Lei” começaram a chegar. Alguns músicos foram entrando direto no bar “Bodega do Sal” e voltando com uma garrafa de cerveja e outros já foram retirando os instrumentos das bolsas para começar a arrumar a roda. O público também chegava com certa velocidade. Comecei a tirar umas fotos enquanto o samba não começava. Alguns registros de grupos de amigos bebendo e conversando, outros dos integrantes da roda desembulhando seus instrumentos de trabalho. A roda “Samba de Lei” começou a tocar às 18h e quando o samba começou, todos que estavam ali presentes se animaram. Os que estavam distraídos, conversando ou distantes da roda logo se aproximaram e a partir de então, todos pareciam possuir o mesmo objetivo: ouvir o samba.

Na Pedra do Sal existem manifestações culturais de resgate a cultura negra e a memória do samba. Essas manifestações são dadas através de duas rodas de samba que se apresentam na Pedra do Sal. A roda “Samba de Lei” que toca toda sexta-feira e em alguns domingos especiais como foi o caso do dia 02 de fevereiro em homenagem ao grande músico Paulinho da Viola e existe a “Roda de Samba da Pedra do Sal” que é a mais tradicional e toca toda segunda-feira.

A roda de samba hoje chamada “Samba de Lei” foi criada há quatro anos e é formada por sambistas egressos do bloco de carnaval Boi Tolo¹². O nome da roda diz muito sobre o que acontece todas às sextas-feiras das 19h às 00h ali no Largo da Baiana. “Samba de Lei” é quase uma expressão de ordem seguida pelos freqüentadores de uma das rodas de samba mais populares do Rio.

Integram a roda “Samba de Lei” o músico Thiago Torres, de 32 anos de idade¹³, mora no bairro Botafogo na cidade do Rio de Janeiro, está cursando psicologia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, e é vocalista e cavaquinista na roda.



Thiago Torres

¹² O Boi Tolo é um bloco que nasceu espontaneamente em 2006 na Praça XV, no centro do Rio. O bloco foi formado por pessoas que chegaram no dia errado do desfile do Cordão do Boitatá, que havia mudado a data. Alguns foliões apareceram com um pandeiro, um tamborim, uma caixa, um surdo e um trompete e fizeram um bloco. Diogo Carvalho, um dos foliões que estavam naquele dia à espera do Cordão do Boitatá fala: “Éramos os tolos que foram enganados pelo Boitatá” (Diogo Carvalho dos Santos, hoje um dos organizadores do Cordão do Boi Tolo). A partir daquele ano, o bloco sai todos os carnavais sem muito horário definido. Com a criação do grupo, os músicos passaram a tocar na ladeira da Lapa, às sextas-feiras. Impossibilitados de continuar no local, os músicos buscaram um novo espaço. Com a ajuda dos proprietários do bar “Bodega do Sal”, os músicos puderam se estabelecer na Pedra do Sal há três anos e meio.

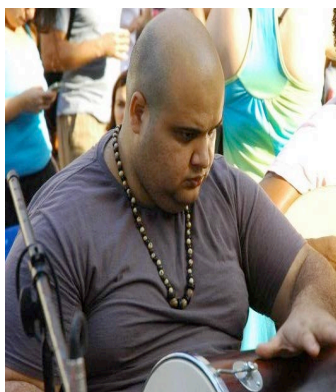
¹³ A idade dos músicos aqui citadas é referente à época em que as entrevistas foram realizadas.

Wagner Silveira, de 30 anos de idade, mora na cidade de Niterói, possui o segundo grau completo e toca o instrumento pandeiro na roda.



Wagner Silveira

Maicon Salles, de 27 anos de idade, mora na cidade de São Gonçalo, possui o segundo grau completo e toca o instrumento surdo na roda.



Maicon Salles

Kaká Nomura, de 31 anos, mora no bairro Glória na cidade do Rio de Janeiro, possui o segundo grau completo e toca percussão na roda.



Kaká Nomura

Márcio Kalunga, de 35 anos de idade, mora no bairro Riachuelo na cidade do Rio de Janeiro, possui o segundo grau completo e também toca percussão na roda.



Márcio Kalunga

Wando Cordas, de 27 anos de idade, mora no bairro Vila Isabel na cidade do Rio de Janeiro, é formado em música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e toca o instrumento violão de sete cordas.



Wando Cordas

A partir da observação de que os freqüentadores estavam levando instrumentos para tocar na roda que os músicos Wagner Silveira e Maicon Salles tiveram a ideia de montar uma oficina popular de samba. A oficina de percussão da Pedra do Sal foi criada há dois anos e acontece toda terça-feira a partir das 19h. As aulas são abertas e o preço é de R\$ 20,00 por aula ou R\$ 60,00 por mês. O pandeirista Wagner Silveira e o surdista Maicon Salles transmitem um pouco do conhecimento que adquiriram com os anos de experiência com o samba. O músico Wagner Silveira diz que para aprender samba o primeiro passo é gostar de samba e explica: “Montamos uma apostila aberta com os fundamentos das variações

existentes de samba como: partido alto, samba canção, marcha, breque...”(Wagner Silveira, pandeirista da roda “Samba de Lei”).

O grupo “Moça Prosa”¹⁴ formado apenas por integrantes mulheres já se apresenta profissionalmente a partir dos ensinamentos da oficina na Pedra do Sal. A oficina de samba vai além da Pedra do Sal, já existe uma oficina de percussão só para mulheres vítimas de violência doméstica no Vidigal. Quando o carnaval se aproxima, os instrutores Wagner Silveira e Maicon Salles planejam a criação de um bloco formado por aprendizes da oficina que desfila pelas ruas da zona portuária. Wagner Silveira afirma: “Queremos botar o samba pra frente, ajudar a difundir esta cultura” (Wagner Silveira, pandeirista da roda “Samba de Lei”)¹⁵.

A roda de samba hoje chamada “Roda de Samba da Pedra do Sal” foi criada há sete anos e foi formada por sambistas egressos do grupo “Batuque na Cozinha”¹⁶. Eles foram levando as reuniões e ensaios sem muita seriedade, tudo muito na diversão até que começaram a se apresentar na Pedra do Sal toda segunda-feira com início às 19h e término às 00h. Foi assim que surgiu o mome “Roda de Samba da Pedra do Sal” que naquele momento quando a roda de samba se estabeleceu naquele espaço não havia qualquer outra manifestação cultural e social acontecendo. O espaço estava abandonado e esquecido. A “Roda de Samba da Pedra do Sal” inaugurou a retomada de manifestações culturais naquele espaço e só depois de três anos se apresentando ali é que outros movimentos começaram a surgir. A roda conseguiu se manter ali através da permissão de duas barracas onde eles vendem cerveja, refrigerante e água. O dinheiro que entra com a venda desses

¹⁴ Toda terça-feira o grupo realiza seu ensaio para samba de raiz na Pedra do Sal. Contando com um repertório dedicado ao bom e velho samba, o grupo pretende futuramente enraizar na Pedra do Sal um evento onde a “mulher” tenha seu espaço dentro do samba. Seja cantando, tocando ou batendo palma, o objetivo é reunir mulheres a fim de fazer da Pedra do Sal um espaço de samba feminino.

¹⁵ Informações obtidas junto ao site, <http://ovencedornews.blogspot.com.br/2014/01/sambar-e-lei-toda-sexta-feira-na-pedra.html>, acesso em 28/05/2014 às 17h15min.

¹⁶ Em meados do ano de 1998, surgia o grupo “Batuque na Cozinha”, nome sugerido pelo grande sambista Martinho da Vila que logo virou padrinho. O grupo está em sua terceira formação, atualmente com André Corrêa na percussão e voz, Paulo Roberto no pandeiro e voz, Denis Santana no tantan e voz e Bruno Santos no violão e voz. O “Batuque na Cozinha” é um dos grupos mais respeitados da nova geração de sambistas e vem seguindo as vertentes do que há de melhor em nossa música brasileira. Com um vasto repertório que vai de Noel Rosa a Zeca Pagodinho, conquistou um público fiel que lota suas apresentações. É fácil encontrar o grupo pelas casas noturnas da Lapa no Rio de Janeiro, sempre lotadas com um público eclético admirador de um bom samba. O grupo gravou seu primeiro DVD, que conta com as participações especiais de Luiz Melodia, Leila Pinheiro, Ana Costa e Wilson das Neves. Informações obtidas junto ao site, <http://lanalapa.com.br/musicoDetalhe.asp?qiNuMusico=5064>, acesso em 28/05/2014 às 17h35min.

produtos, eles conseguem manter o som e a roda em si. Ao longo desses sete anos os integrantes foram mudando e só restaram os músicos Júnior Silva e Peterson Vieira.

Hoje, integram a “Roda de Samba da Pedra do Sal”, os músicos Júnior Travassos, de 27 anos de idade, mora no bairro Madureira na cidade do Rio de Janeiro, possui o segundo grau completo e toca o instrumento cavaquinho.



Júnior Travassos

Rogério Família, de 37 anos de idade, mora no bairro Taquara na cidade do Rio de Janeiro, está cursando Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense e também toca cavaquinho.



Rogério Família

PC Correia, de 54 anos de idade, mora no bairro Engenho Novo na cidade do Rio de Janeiro, é formado em química e toca o instrumento tantan.



PC Correia

Peterson Vieira, de 38 anos de idade, mora no bairro Lapa na cidade do Rio de Janeiro, possui o segundo grau completo e toca o instrumento pandeiro.



Peterson Vieira

Walmir Pimentel, de 41 anos de idade, mora no bairro Neves na cidade de São Gonçalo, é pós - graduado em geografia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e toca o instrumento cuíca.



Walmir Pimentel

Wando Azevedo, de 39 anos de idade, mora no bairro Pilares na cidade do Rio de Janeiro, possui o segundo grau completo e toca percussão.



Wando Azevedo

Júnior Silva, de 32 anos de idade, mora no bairro Jacarepaguá na cidade do Rio de Janeiro, está cursando direito e toca o instrumento violão de sete cordas.



Júnior Silva

A roda de samba não possui um vocalista específico. Todos são vocalistas, inclusive os consumidores da roda. Músicos e público são uma só voz. Quando fui fazer a pesquisa sobre as duas rodas que se apresentam na Pedra do Sal, todos me informaram a mesma coisa. Os proprietários dos bares, os consumidores das rodas e os próprios integrantes das duas rodas de samba me diziam que a roda de samba de segunda-feira era a tradicional. Com as visitas à Pedra do Sal, observação participante e entrevistas puderam ratificar essa afirmação. Já começa pelo tempo em que a “Roda de Samba da Pedra do Sal” se apresenta nesse espaço. A roda de samba de segunda-feira já está fixa na Pedra do Sal há sete anos, quase o dobro de tempo da roda de sexta-feira, a roda “Samba de Lei”.

Segundo Hobsbawm (2002), tradição possui muitos significados: pode estar atrelada ao conservadorismo e ao resgate de períodos passados considerados gloriosos; pode ser inventada para legitimar novas práticas apresentadas como antigas. Hobsbawm (2002) defende que um dos aspectos mais fortes da tradição é sua característica invariável, ou seja, seria um conjunto de práticas fixas que, por serem sempre repetidas de uma mesma forma, remeteriam ao passado, real ou imaginado. A tradição estaria atrelada a costumes, ritos e valores.

Assim, entende-se a tradição como um campo que envolve um ritual e possui status de integridade, uma forma de garantir a preservação. Se for tradicional, uma crença ou prática tem uma integridade e continuidade que resistem aos contratempos e às mudanças. A roda de samba de segunda-feira consegue através dessa repetição, uma continuidade com relação ao passado. Se apropria de elementos e práticas do passado para perpetuação do presente.

A junção entre passado e presente na trajetória artística dos músicos acontece através da busca pelo antigo por meio de gerações de músicos anteriores. Os músicos dessa nova geração resgatam músicos de gerações anteriores através do modo de cantar. O samba é para os “novos” músicos uma relação entre passado e presente, modernidade e tradição e é nessa relação do antes com o agora que esses músicos reconstroem suas identidades e buscam a pureza e o original no samba. O novo samba significa o samba tradicional, o samba de raiz, puro. O bom samba seria o samba antigo, ligado a tradição.

O grupo de músicos da “Roda de Samba da Pedra do Sal” é formado por pessoas que se identificam com esse gênero musical específico que é o samba e que possuem o objetivo conjunto de resgatar e preservar o samba tradicional em um espaço preenchido de simbolismo para a cultura negra. Os músicos se utilizam de algumas características e práticas para que o samba aconteça da maneira mais natural e simples possível lembrando o que era no passado e atingindo um grande número de apreciadores.

A “Roda de Samba da Pedra do Sal” acontece em um dia inusitado da semana que é segunda-feira¹⁷, um dia cheio de simbolismo para cultura negra. E como afirmou o músico Walmir Pimentel, “um dia que músico teoricamente não trabalha” (Walmir Pimentel, toca o instrumento cuíca na “Roda de Samba da Pedra do Sal”).

Um fato curioso e interessante que pude observar durante as minhas visitas à Pedra do Sal e entrevistas com os músicos integrantes da roda de samba de segunda-feira é que os músicos de segunda fazem questão de afirmar que a tradicional “Roda de Samba da Pedra do Sal” só existe uma e é a deles. Os músicos até mencionam, mostrando pouco entusiasmo e interesse, sobre a roda de sexta-feira, mas voltam a exclamar que a famosa e tradicional “Roda de Samba da Pedra do Sal” é a deles, como o próprio nome já diz.

O músico Júnior Travassos fala dessa tradição da roda de samba de segunda-feira por já ter se estabelecido há mais tempo na Pedra do Sal ao contrário da roda de samba de sexta-feira que se apresenta há menos tempo.

[...] A gente não tem nada a ver com a roda de samba de sexta-feira. A roda de samba de sexta-feira começou agora, há pouco tempo, deve ter uns dois, três anos. Não posso dizer, porque eu nunca vim. Na verdade, eu, pessoalmente, particularmente, nunca vim na sexta-feira [...]
Júnior Travassos, músico/cavaquinista da roda “Samba de Lei”

O músico Peterson Vieira afirma que já registraram o nome da roda de samba no INPI - Instituto Nacional de Propriedade Industrial sobre registro de marcas e patentes.

[...] A “Roda de Samba da Pedra do Sal” só existe uma, como eu falei, “Roda de Samba da Pedra do Sal”, que hoje nós estamos até registrados no INPI registrado a nossa roda como “Roda de Samba da Pedra do Sal” [...] Quando se fala em “Roda de Samba da Pedra do Sal” é segunda-feira. Acho que tem outra roda aqui, não sei, na sexta-feira, mas não é a “Roda de Samba da Pedra do Sal” [...]
Peterson Vieira, músico/pandeirista da “Roda de Samba da Pedra do Sal”

¹⁷Segunda-feira na religião do candomblé, religião da cultura negra, é o dia do orixá Exu. Exu é um orixá africano também conhecido como orixá da comunicação. É o guardião das aldeias, cidades, casas e do axé, das coisas que são feitas e do comportamento humano. Ferramenta: objeto fático de madeira (apaogó) Comida: farofa de dendê com muita bebida, de preferência aguardente (padê); acarajé; xinxim; (acassé) com azeite de dendê. Cor da roupa: vermelho e preto. Usa colar com contas vermelhas e pretas. Animal: bode. Animais de sacrifício: boi, cabra, galo, galinha sempre de cor preta. Vestes para o ritual: capas majestosas em vermelho e preto. Local de culto: encruzilhadas – para simbolizar os vários lados de cada caminho. Informações obtidas no site, <http://ocandomble.wordpress.com/os-orixas/exu/>, acesso em 04/06/2014 às 14h20min.

Os músicos da roda de samba de segunda-feira retomam composições de músicos de gerações anteriores, tendo estes, importante papel na formação dessa nova geração de músicos que resgatam a tradição, mas também constroem suas identidades. Os integrantes da roda de samba possuem uma preocupação especial com o que se canta às segundas-feiras. O músico Walmir Pimentel fala que a roda não canta qualquer coisa, existe uma pesquisa de repertório que eles se comprometem a fazer. Fazem parte da lista artistas como Nei Lopes, Candeia, Jurandir da Mangueira, João da Gente e Milton Casquinha. É praticamente um culto à memória e às tradições culturais populares.

Outros compositores entraram para o *set list* da roda de samba de segunda-feira. Como os músicos Mingo, Chiquinho Vírgula e Marquinho Diniz com o “Samba da Pedra do Sal” que fizeram em homenagem a roda de samba. Na maioria das vezes, a roda de samba abre com essa música nas segundas-feiras.

A nega vai reclamar isso pra mim é normal
toda segunda-feira tem roda de samba na pedra do sal.

Eu fui à primeira vez e gostei
e a rapaziada que lá encontrei
sinceramente não é de bobeira
me lembram Geraldo Pereira, candeia e cartola,
Baiaço, Ismael do Estácio com Bide e Marçal.

A nega está sempre bicuda e eu não vejo razão
ficar com ciúme de uma reunião
de bambas lembrando de seus ancestrais.

Hoje ela dorme na cama e eu durmo no chão
tem samba na pedra e eu não posso abrir mão
se não a semana começa sem paz.

Essa música “Samba da Pedra do Sal” escrita em homenagem a roda de samba virou inspiração para um clipe que os integrantes da roda de samba pretendiam gravar em estúdio buscando melhor qualidade de gravação e melhor qualidade de áudio, mas os músicos não possuíam recursos econômicos para tal realização. Com isso, tiveram a ideia de fazer um vídeo contando a sua proposta e

enviaram para o *Catarse*¹⁸ que é um site de financiamento coletivo onde pessoas interessadas em apoiar o projeto depositam a quantia desejada e recebem em troca disso, se o projeto for concretizado, algum brinde proposto pelos realizadores. Para essa gravação do clipe no estúdio acontecer, a roda precisava do valor mínimo de R\$ 22.000,00 (vinte e dois mil reais). Esse valor mínimo não foi atingido no tempo esperado, o projeto não foi financiado e o clipe ficou apenas na imaginação.

Na segunda-feira, caixas de som são ligadas apenas aos instrumentos de corda como o cavaquinho e o violão, bem baixinho lembrando a modernidade, mas a roda é levada propositalmente sem microfone como era no passado. Isso é para que o público possa cantar e não importa se alguém está afinado ou desafinado, cada um canta de um jeito. O que realmente importa é cada um demonstrar sua emoção. Os instrumentos utilizados pelos integrantes da roda de samba ainda são os primitivos. Todas essas características e práticas adotadas pela roda de samba são para trazer de volta o antigo, regatar essa tradição.

A roda de samba de segunda-feira tenta resgatar e preservar a simplicidade do samba. O músico Walmir Pimentel que toca o instrumento cuíca fala sobre isso: “A maior nobreza do samba é a simplicidade, o samba não tem que ter essa coisa do carinha que aparece mais que o outro, quanto mais simples, mais bonito o samba” (Walmir Pimentel, toca o instrumento cuíca na “Roda de Samba da Pedra do Sal”). É dessa forma, que a roda atrai gente de todas as partes do Rio de Janeiro, muitas saindo direto do trabalho, e até estrangeiros.

Os integrantes negros da “Roda de Samba da Pedra do Sal” que são a maioria, somente um integrante é branco, respeitam e preservam a cultura de seus ancestrais negros assim como o espaço da Pedra do Sal, um local onde seus cantos e exaltações eram praticados ontem e estão sendo retomados por esses sambistas

¹⁸ Através de um sitio eletrônico, pessoas utilizam vídeos para apresentarem projetos a fim de receberem um financiamento. Essas pessoas ao enviarem o seu vídeo dizem também quanto precisam e em quanto tempo querem arrecadar. A partir daí, qualquer pessoa que acessar o site pode optar por apoiar com qualquer valor a partir de R\$10,00 e recebem recompensas de acordo com a quantia doada. Se o prazo acabar e o valor solicitado não for atingido todos os doadores recebem o dinheiro de volta e se o valor solicitado for atingido o realizador recebe os fundos para dar início ao seu projeto. Informações obtidas junto ao site, <http://rizomas.net/cultura-escolar/producao-dos-alunos/utopia-e-cotidiano/400-catarse-um-site-de-financiamento-coletivo.html>, acesso em 04/06/2014 às 17h11min.

hoje. O músico Peterson Vieira que toca o instrumento pandeiro na “Roda de Samba da Pedra do Sal” fala sobre esse respeito e preservação que eles possuem com a cultura negra.

[...] Nós não inventamos nada, aqui nós não somos fundadores de nada, simplesmente estamos dando continuidade a um movimento que já tem quase duzentos anos atrás, simplesmente isso né? A gente tem muito respeito pelos nossos ancestrais. E também a gente fica feliz por ser, já começa por esse lugar mágico né? Você vai ver que vai chegar uma hora que todo mundo vai cantar e então é uma energia que tá aqui, tá aqui, a gente não sabe onde tá, mas tá aqui [...] E isso que a gente tem que exaltar, é isso que a gente procura exaltar né? O samba, resgatar nossa cultura e espero né com a permissão deles usar com propriedade [...] O que é muito importante falar isso porque se não fosse os nossos ancestrais, a nossa luta, esse sofrimento lá de trás a galera que tá vivendo de música hoje como eu não estaria vivendo. Então temos que respeitar essa galera, temos que respeitar todas as velhas guardas sabe? Temos que respeitar todos os nossos ancestrais mesmo no canto, na exaltação, temos, porque sem eles hoje não estaríamos aqui, não existiria esse movimento. O samba não ia ser samba. E muito mais, muito mais, muito mais mesmo [...]

Peterson Vieira, músico/pandeirista da “Roda de Samba da Pedra do Sal”

Muito mais do que resgatar e preservar a cultura negra através do samba com apresentações em um espaço marcado por essa tradição, a “Roda de Samba da Pedra do Sal” também realiza excursões para lugares históricos e quilombos com propósito de maior conhecimento dessa cultura para pessoas interessadas em tal assunto. O responsável pela organização dessas excursões é o músico e professor de geografia Walmir Pimentel que contrata ônibus, marca datas e fecha pacotes. Quando fiz a entrevista com o músico ele me informou sobre uma excursão que eles iriam fazer no dia dezessete de maio para o Quilombo São José da Serra¹⁹ que fica em Valença no Rio de Janeiro.

Mais do que uma roda de samba, como os próprios músicos se definem, o movimento cultural popular representa a ocupação de um espaço originalmente pertencente à música popular brasileira. A roda de samba de segunda-feira preza a tradição e continuação da cultura africana iniciada ali naquele espaço da Pedra do Sal. Os músicos possuem um movimento de resgate ao samba “original”. A roda de

¹⁹ O Quilombo São José da Serra é formado por descendentes de escravos que vieram do Congo, da Guiné e principalmente de Angola e moravam nas terras da Fazenda São José da Serra. É o mais antigo quilombo do estado do Rio, formado por volta de 1850. Localizado em uma área de 476 hectares na Serra da Beleza, após o distrito de Conservatória, ele abriga cerca de 150 quilombolas, que mantêm as tradições africanas. Informações obtidas junto ao site, <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/quilombo-sao-jose-da-serra>, acesso em 03/06/2014 às 17h08min.

samba tenta trazer o primitivismo do samba através de compositores de gerações antigas e práticas embutidas em suas apresentações como o não uso do microfone, por exemplo. Eles cantam e interpretam o “samba de raiz” e criticam ramificações criadas através do gênero.

O músico Walmir Pimentel conta da sua tristeza quanto a alguns movimentos que surgiram em décadas passadas e do pouco respeito e valorização com o samba.

[...] Porque eu vivi uma época muito triste da cultura africana no Rio de Janeiro. Eu vivi um momento que o samba, na verdade, isso já tinha acontecido na década de 1950 e 1960 né? com a Bossa Nova que fez a sacanagem que fez né... eu acho a Bossa Nova bem bonitinha pra você sentar, olhar o mar e namorar. Só. Nada mais acrescentou ao samba, pelo contrário, maquiou o samba pra que o samba pudesse entrar nos grandes condomínios de luxo da Barra, do Alto Leblon, Ipanema. A gente tá cansado de saber disso, então, sou muito radical em falar, não tenho pena em dar pancada na Bossa Nova, não tenho mesmo. Tem harmonias fantásticas, mas a gente sabe o caminho que se tornou; e a década de 1990, a gente teve uma coisa muito esquisita também. Que todo mundo que se aproveita do samba, sabe que o samba é ancestral. O samba, ele enverga como uma vara de marmelo, e não quebra. Então, qualquer besteira, dá nome de samba que pega. E a gente sabe o que foi aquele movimento “Raça Negra” né? e também não tenho nenhum problema ligado a ética porque acho que a ética dá uma sacaneada na gente às vezes. Então, não tenho o menor problema de falar dessa questão de “Raça Negra”, de todo esse movimento esquisito, desse movimento na Bahia que acha e tem gente que jura que a música da Bahia é o axé. E aí, pra minha surpresa, perplexidade e tristeza, mas é a música que consegue chegar à periferia. Porra, que merda. A Bahia de tanta gente boa, de Rock Ferreira, de Riachão, de Walmir Lima, tu achar que o axé é música e tal. Eu me incomodo muito com essa questão, como aqui no Rio de Janeiro ou em São Paulo com essa história [...]
Walmir Pimentel, músico/toca o instrumento cuíca na “Roda de Samba da Pedra do Sal”

Os músicos da “Roda de Samba da Pedra do Sal” estão entre os principais interessados nas transformações pelas quais passa a Zona Portuária, com o projeto Porto Maravilha. Apesar da expectativa otimista em relação às modificações planejadas, eles temem uma descaracterização cultural do bairro. O músico Walmir Pimentel comenta: “Esta região, abandonada pelo poder público e investimentos particulares por mais de 80 anos, agora está no centro dos interesses por vezes oportunistas do capital imobiliário e do mercado da música” (Walmir Pimentel, toca o instrumento cuíca na “Roda de Samba da Pedra do Sal”).

Os integrantes da roda de samba de segunda-feira expressam sua insatisfação em relação a pouca atenção de quem tem o dever de cuidar do patrimônio cultural. A Pedra do Sal foi esquecida por muito tempo e ainda hoje o cuidado é pouco. Hoje, com esse espaço lotado de gente para assistir a roda, não se

tem estrutura para oferecer aos imprevistos e acidentes, por exemplo. Os integrantes da roda de samba revelaram que assistiram a um óbito de um rapaz que sofreu mal súbito e naquele momento não havia uma ambulância por perto. O músico Walmir Pimentel fala, “falta autoridade pública nesse momento” (Walmir Pimentel, toca o instrumento cuíca na “Roda de Samba da Pedra do Sal”).

O músico e professor de geografia Walmir Pimentel revela que entes públicos e representantes da concessionária responsável pela obra do *Porto Maravilha* se comprometeram em assegurar que a roda de samba e o local, tombado pelo patrimônio histórico, serão preservados. Walmir Pimentel fala:

A gente tem um cuidado muito grande pra falar de pessoas importantíssimas pra nossa roda. Alguém que dá apoio total a roda é o presidente do consórcio, Alberto Silva. Ele enquanto sambista e pessoa assim também como o subprefeito do centro histórico, Luiz Cláudio Vasques. A gente pede, por favor, a eles que olhem da maneira que sempre olharam pra nossa roda. Essas duas pessoas são pessoas que a gente tem uma grande admiração.

Walmir Pimentel, músico/toca o instrumento cuíca na “Roda de Samba da Pedra do Sal”²⁰

O músico expressa sua confiança depositada em pessoas que sempre apoiaram a roda de samba e pede para que essas mesmas pessoas continuem apoiando a realização desse evento de resgate a memória africana em um dos berços do samba que já existe há sete anos.



“Roda de Samba da Pedra do Sal”

²⁰ Informações obtidas junto ao site, <http://radioglobo.globo.com/botequim-da-globo/2013/11/19/RODA-DE-SAMBA-DA-PEDRA-DO-SAL-AGITA-O-BOTEQUIM-DA-GLOBO.htm>, acesso em 04/06/2014 às 20h.

2.2 A Tradição de família e a profissionalização dos músicos

Minha companheira foi embora
 A solidão veio comigo morar
 Já não tenho mais os lindos sonhos
 Não há mais ninguém a me esperar
 Quando me lembro
 Daqueles olhos tristonhos
 Sinto até vontade de chorar
 Já não me dá mais prazer
 De contemplar o luar

Transformação - Jurandir da Manguera e João da Gente

Segundo Bourdieu (1996), podemos falar em um *habitus* primário com aprendizados, através da socialização durante a infância. Essa socialização primária depende da posição ocupada pela família no espaço social que possibilita a interiorização da exterioridade que será reproduzida de forma espontânea e natural. Já numa fase adulta da vida, a participação em outros espaços como a escola, o trabalho, e dos diversos campos sociais, seria constituidora de *habitus* secundários que seriam incorporados a esta socialização primária.

Pode-se entender o *habitus* como o que se aprende em casa, com a família. Essa distinção pode vir de berço, através da valorização de ser filho de músicos e sambistas. O gosto pelo samba dos músicos integrantes das rodas vão sendo construído segundo Frydberg (2011), “através da origem familiar e de bairro, da inserção em um meio de aprendizagem, seja formal ou informal” (p.240). Através da etnografia com os músicos das duas rodas de samba que se apresentam na Pedra do Sal que notei a importância da transmissão tradicional desse gênero musical que é o samba através da família, da transmissão do gosto pela música. O cavaquinista Rogério Família que toca na “Roda de Samba da Pedra do Sal” fala: “Foi tradição de família. Aprendi em casa, com pai, mãe, tios e vizinhos. Nenhum deles profissional da área, mas todos sambistas de primeiro escalão” (Rogério Família, cavaquinista da “Roda de Samba da Pedra do Sal”).

O violonista Wando Cordas que toca na roda “Samba de Lei” vem de uma família toda de músicos. O pai é violonista e a mãe pianista. Essa vivência com pais músicos influenciou no futuro desse jovem.

Eu venho de uma família de músicos né? Meu pai é violonista também, minha mãe é pianista. Então, essa vivência de samba e de seresta, esse tipo de música já vem desde casa né, vem de berço já. Então eu já desde criança já tenho contato diretamente com o samba.

Wando Cordas, músico/violonista da roda “Samba de Lei”

O cavaquinista Júnior Travassos que toca na “Roda de Samba da Pedra do Sal” também vem de uma família de músicos. O músico começou tocando chorinho e seresta, quem o ensinou foi o pai.

Na minha família, todos são músicos, desde o meu avô paterno, como avô materno. Todo mundo músico, avô, tio. Quem me ensinou foi meu pai. Eu comecei tocando chorinho, seresta. Toquei um monte de coisa nada a ver, depois eu fui vindo pro samba, entendeu? Já toquei pagode, já toquei um pouquinho de tudo, vamos dizer assim. Nada contra, mas menos funk.

Júnior Travassos, músico/cavaquinista da “Roda de Samba da Pedra do Sal”

O violonista Júnior Silva que toca na “Roda de Samba da Pedra do Sal” conta da tradição do samba que veio de família, onde a família já tocava algum instrumento e era ligada a religião candomblé.

Samba pra mim é mais uma coisa de família, quer dizer eu toco instrumento, meu irmão toca, meu pai toca mais ou menos e canta. Minha família toda é ligada a parte musical de samba e candomblé. São tudo do Engenho Pequeno, entendeu? O que eu comecei a tocar desde pequeno foi o cavaco, o cavaquinho. Comecei com uns 13, 14 anos, depois eu passei pro violão de seis e depois pro violão de sete cordas. Mas inicialmente o cavaquinho.

Júnior Silva, músico/violonista da “Roda de Samba da Pedra do Sal”

O músico Walmir Pimentel que toca o instrumento cuíca na “Roda de Samba da Pedra do Sal” conta de como aconteceu sua inserção no samba que também se deu através da transmissão familiar do gosto pela música por meio da seresta e da escola de samba “Teimosos do Zumbi” que pertencia à família do músico.

A minha família é toda ligada à seresta. A gente é da Covanca e toda a minha família é muito ligada à seresta até hoje. A gente todo mês faz uma peixada, eu adoro pescaria. O samba e a peixaria são as duas minhas cachaças, todo mês a gente faz seresta, cachaçadas até a lua se por atrás do pé de cajá, isso desde pequenininho. Algumas histórias, a gente acabou não pegando, por exemplo a associação do terreiro de umbanda. A minha casa tem um terreiro de umbanda de muitos anos, muito anos, pense muito, muito. Isso a gente acabou não pegando, mas essa ligação com a seresta, aí depois veio a escola de samba, minha família tinha uma escola de samba chamada “Teimosos do Zumbi” que era no bairro do Zumbi que era lá perto e isso funcionou na década de 1980 e dali parou por problemas familiares. Marido brigando com mulher que a gente tá cansado de saber né? Que infelizmente acontece e aí eu comecei a levar a questão do samba mais a sério.

Walmir Pimentel, músico/toca o instrumento cuíca na “Roda de Samba da Pedra do Sal”

O músico Paulo César Correia, mais conhecido como PC Correia, toca o instrumento tantan na “Roda de Samba da Pedra do Sal”. Ele conta sobre a tradição

familiar pelo gosto do gênero musical samba e a sua paixão pela escola de samba “Vila Isabel” pela qual desfilou durante 32 anos. Pc Correia já tocou com artistas conhecidos como Martinho da Vila, Mart´nália e outros.

A minha família já era uma família de músicos né? Meu avô era flautista, meu pai, meu tio sempre trabalharam com música, com percussão, tinha grupo de choro, roda de choro. Sempre tinha reunião na casa do meu avô, e a gente vai adquirindo isso né? Com blocos, escolas de samba. Eu sou “Vila Isabel”, torço pela “Vila Isabel”, desfilei na “Vila Isabel” 32 anos, desfilando pela Vila e aí trabalhei, me formei e depois eu decidi viver de música. Estudar música, estudar teoria para poder entender melhor e me dediquei mais a percussão. Aí dali, a gente começa a tocar em alguns lugares, alguns bares, até adquirir uma roda de samba. Tive o prazer de tocar com Nei Lopes, Martinho, Mart´nália, Dona Ivone Lara, vários artistas. Paulo César Correia, músico/toca o instrumento tantan na “Roda de Samba da Pedra do Sal”

A transmissão do gosto pelo samba em alguns casos já vem desde pequeno. O surdista Maicon Salles que toca na roda “Samba de Lei” conta que desde pequeno já se ouvia samba na casa dos avós e com o tempo foi pegando admiração e foi adquirindo instrumentos e aprendendo com os amigos.

O samba está na minha vida desde pequeno né? Tenho referência das minhas tias que são baianas, da Portela, de várias outras escolas. A minha avó tinha muito o costume de ouvir samba, meu avô era seresteiro, tinha um bar, então já tinha essa coisa da boêmia, de ficar tocando seresta, essa coisa toda. Então, acho que já tá meio no sangue, já nasci com isso. Escutando samba em casa e com o tempo fui tomando gosto, fui comprando instrumento e aprendendo com alguns amigos e tal e foi assim que começou. Maicon Salles, músico/surdista da roda “Samba de Lei”

O gosto pelo samba também já vem desde pequeno. O vocalista e cavaquinista Thiago Torres, integrante da roda “Samba de Lei” cresceu escutando todo o tipo de música popular brasileira, mas o samba foi o gênero musical que mais o conquistou.

Eu cresci escutando música brasileira de todas as suas vertentes. Dentre essas vertentes, o samba foi um dos ritmos que mais aprofundei, por ser carioca e ser apaixonado pelo tipo de poesia que o samba carrega, mas também sempre estive próximo de outros ritmos, sempre ligado a música brasileira. Comecei a tocar violão em 1989, já se vão 25 anos nessa estrada. Thiago Torres, músico/vocalista e cavaquinista da roda “Samba de Lei”

O pandeirista Peterson Vieira que toca na “Roda de Samba da Pedra do Sal” fala do seu gosto pela vida boêmia onde desde cedo ia para o bar ficar com o pai e os amigos do pai e pela paixão pelo instrumento caixa desde pequeno.

Eu lembro que eu tinha 2 para 3 anos de idade né? Meu pai ele era um presidente de um bloco lá em Campo Grande né? [...] Eu lembro que eu era um pouquinho do tamanho da caixa né? E eu lembro que meu pai botou ali na frente e foi um horror pra largar aquela caixa [...] A questão do gostar acho que já tava meio na veia mesmo porque de 14 pra 15 anos de idade,

eu comecei a ir pra baile funk essas paradas, mas sempre gostei do samba. Com 14 pra 15 anos eu ficava no bar com meu pai, sempre gostei de ficar no boteco com os coroas, sempre com os mais velhos, sempre gostei de andar com pessoas mais velhas né? E aí eu gostava daquele negócio do bar e daquela coroadada e tal, caçulinha da galera e aí a galera começou a me chamar pra tocar e tal e depois com 17, já comecei a tocar pagode e tal. Depois que eu saí do quartel, assim, aí fui trabalhar em outras coisas, mas desde então com 25, 26 anos aí comecei [...]

Peterson Vieira, músico/pandeirista da roda “Samba de Lei”

O percussionista Wando Azevedo que toca na “Roda de Samba da Pedra do Sal” conta um pouco da sua tradição do samba que também começou de pequeno com festas e batuques na casa de tios, avós e desfiles em escola de samba.

Minha família conta pra mim, porque eu era muito pequeno e não me lembro de muita coisa. Na casa da minha avó, tinha muitas festas e meus tios sempre batucavam, sempre teve muita festa, qualquer coisa era motivo pra festa e batuque, e aí a mim já estava inserido ali naquele sistema ali, e aí fui tocando com meus tios, fui tocando até que uma vez, eu recebi um convite pra desfilar na “Caprichosos”, aí comecei na escola mirim. Comecei no samba com uns 13, 14 anos. A responsabilidade de segurar samba na avenida, mas até aí levava tudo muito na brincadeira. A gente levava aquilo ali como sei lá, como se tivesse jogando bola que era tão normal pra nossa vida e aí foi rolando, aí começou a pintar os convites pra tocar em festas, aí formava um grupinho aqui outro grupinho ali e cheguei até à “Tia Doca” que também era um samba bem tradicional, vários outros amigos já tocaram lá também e me fizeram um convite pra cá, que na época foi até o André também que fazia parte da roda, hoje em dia ele não faz mais. O André que tocava no “Batuque na Cozinha”, ele me convidou pra vir pra cá pra fazer um dia, o amigo dele não podia vir, um negócio assim, aí eu fiquei, e to até agora.

Wando Azevedo, músico/percussionista da “Roda de Samba da Pedra do Sal”

Outros se inseriram no samba através de práticas da cultura negra como a capoeira, o jongo e o candomblé. O pandeirista Wagner Silveira que toca na roda “Samba de Lei” explica como iniciou no mundo do samba onde tudo começou porque o avô era mestre de capoeira, o que o incentivou a praticar capoeira e o jongo e esse foi o caminho para chegar até o samba.

Eu iniciei nesse mundo cultural já há muito tempo. Desde os meus 7 anos porque meu avô, ele é mestre de capoeira e ele é o quarto mestre de capoeira mais antigo aqui do Rio de Janeiro. Ele foi o mestre pioneiro que levou capoeira pra São Gonçalo e Niterói. Então com 7 anos de idade eu já praticava capoeira, já participava de jongo né? E durante minha adolescência entre os 12 até os 18 anos, eu fui tocando muito, fazendo uns grupinhos de pagode, aquela coisa toda até que com os meus dezenove anos eu comecei a aprender e conhecer mais o samba de raiz porque até aquela idade eu conhecia mais o Zeca Pagodinho, o Almir Guineto e depois com os 19 anos que eu fui na primeira roda de samba aqui no Rio que era lá no Irajá, aí eu comecei a pesquisar mais o samba, ouvindo Cartola, Nelson Cavaquinho e Candeia e um ano depois eu montei o primeiro grupo de samba de raiz tocando esse gênero né que é mais o lado B do samba né? Porque nem era muito conhecido, hoje em dia, tá muito conhecido, mas antigamente, há uns dez anos atrás não era muito conhecido, ninguém tocava muito isso na roda né?

Wagner Silveira, músico/pandeirista da roda “Samba de Lei”

Segundo Bourdieu (1996), *habitus* seria uma noção que auxilia a pensar as características de uma identidade social. *Habitus* como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas. Alguns músicos buscam a tradição do samba por conta própria, por apenas gostar e se identificar com esse gênero musical sem a influência direta da família. O percussionista Kaká Nomura não vem de família de músicos. O gosto pelo samba aconteceu por conta própria. Ele começou a tocar o instrumento cavaquinho e um pouco de percussão, mas até então o cavaquinho prevalecia como preferência. Quando foi morar no Japão começou a se aperfeiçoar na percussão, pois faltavam músicos percussionistas por lá.

Na verdade, o samba me conquistou né? Eu comecei tocando cavaquinho, mas nisso eu também já brincava de percussão com a molecada lá onde eu morava, lá em São Paulo. E eu não tenho parentes músicos, foi interesse meu mesmo desde criança, mas a minha relação com a percussão foi quando eu fui pro Japão, eu morei lá muito tempo e daí faltava instrumentista, percussionista lá, aí eu tocava cavaquinho, mas como faltava percussionista, eu fui pra percussão até vir pra cá pro Rio.

Kaká Nomura, músico/percussionista da roda "Samba de Lei"

Os músicos sambistas constroem suas identidades através da música, especificamente do canto e da escolha do repertório. Essa maneira de se expressarem através da música está diretamente relacionada com a tradição e a prática deste gênero musical popular. Tradição essa que é passada de avós para netos, de pais para filhos. De geração para geração. O novo sambista busca através de músicos de gerações anteriores manter a tradição, a "pureza" do samba. Segundo Frydberg (2011), a identidade do músico sambista vai sendo reafirmada cada vez que eles tocam um samba, cada vez que esses músicos resgatam músicos antigos e tradicionais através da escolha das canções e expressam através do canto o significado que tem para eles este gênero musical popular e tradicional.

Para muitos músicos o gosto pelo samba é explicado como algo natural, quase sem querer, que aconteceu espontaneamente e continua acontecendo em sua trajetória artística. Mas parece que esse caminho não acontece de maneira tão natural assim, já que os músicos sambistas almejam reconhecimento público, a produção de seus CDs com músicas autorais ou gravação de clipes em estúdio para maior expansão do seu trabalho como é o caso da "Roda de Samba da Pedra do Sal".

Segundo Frydberg (2011), o primeiro momento da profissionalização seria a formação de um grupo e começar a tocar em algum espaço público, o que as duas rodas de samba existentes na Pedra do Sal já conseguiram. Pois tem seus dias e horários fixos nesse espaço toda semana. E um segundo momento seria a gravação de um CD ou um clipe no caso da “Roda de Samba da Pedra do Sal” que representa o início de uma carreira autoral, no sentido de possuir certa identidade do artista.

Alguns músicos começam a buscar o profissionalismo artístico musical desde cedo e a música passa a ser o único meio de renda. Segundo Frydberg (2011), o músico que inicia um caminho profissional precocemente, assume a sua profissionalização quando esta possibilita a sua independência financeira. Esse é o caso do vocalista e cavaquinista Thiago Torres que iniciou sua trajetória artística cedo: “Eu sempre só trabalhei com música. O “Samba de Lei” é o trabalho mais constante, mas também toco com outros grupos e de outras vertentes” (Thiago Torres, cavaquinista da roda “Samba de Lei”).

Outros músicos também se permitem trabalhar só com a música. Esses artistas conseguem ao mesmo tempo o prazer e o profissionalismo. Segundo Frydberg (2011), a música muitas vezes nem é reconhecida socialmente como profissão séria, mas apenas como prazer. Essa oposição entre profissão e prazer é muitas vezes trazida pelos músicos para argumentar que ser sambista não é sempre só prazer, tem um lado profissional também.

O músico percussionista Kaká Nomura que só trabalha com a música conta dos grupos em que faz parte.

[...] Trabalho só com a música hoje. Toco com um grupo que se chama “Terreiro de Breque” e em um grupo de choro que se chama “Subara Choro”. Tenho um grupo de jazz que se chama “Banda Monô” e também faço composições para outros cantores.

Kaká Nomura, músico/percussionista da roda “Samba de Lei”

O músico Júnior Travassos que também só trabalha com a música fala de seu outro grupo chamado “Soul+Samba”.

[...] Eu tenho outros trabalhos, tenho um grupo, entendeu? Só trabalho com a música. Sou músico. Então, hoje, já participei de vários grupos, hoje em dia tenho um grupo chamado “Soul+Samba” fixa ali na CUFA em Madureira, embaixo do viaduto Negrão de Lima, um projeto bem legal. Lá é todo domingo

Júnior Travassos, músico/cavaquinista da “Roda de Samba da Pedra do Sal”

O músico Wando Azevedo que só trabalha com a música fala das rodas tradicionais que ele toca:

[...] Profissionalmente, hoje em dia, eu trabalho só com a percussão, prefiro não trabalhar com a parte harmônica. Sei tocar, mas não uso pra trabalhar, brinco só dentro de casa. Só trabalho com a música. Toco na “Tia Doca”, na “Roda de Samba do Coelho” com um amigo nosso, no “Cacique de Ramos”. Aí eu toco na “Tia Doca” que é tradicional, no “Cacique de Ramos” que também é tradicional e na Pedra do Sal que é bem tradicional também
Wando Azevedo, músico/percussionista da “Roda de Samba da Pedra do Sal”

O músico Maicon Salles que já teve outras profissões, mas hoje só se dedica a música fala sobre sua outra roda fixa “Terreiro de Breque”.

[...] Na verdade, eu toco percussão geral, mas a minha paixão sempre foi o surdo, foi o instrumento que eu mais me aprofundi mesmo pra estudar e até hoje toco surdo. Hoje em dia eu trabalho só com a música. Já tive outras profissões, mas hoje só a música. É difícil, mas a gente tenta viver de música no Brasil. Eu toco com uns outros amigos também no “Terreiro de Breque”. Tem outros lugares que chamam a gente pra tocar, mas é esporádico. Chamam para fazer um *freelancer* no lugar de um amigo, mas tirando o “Samba de Lei”, a roda que eu toco sempre é com os amigos do “Terreiro de Breque”

Maicon Salles, músico/surdista da roda “Samba de Lei”

O músico PC Correia que se dedica somente a música, trabalha em outras rodas de samba além de ter a oportunidade de dividir o seu trabalho com outros artistas famosos. Já começa pelos anos de experiência que esse músico possui, por ter mais idade que os outros músicos, já teve a chance de conhecer e compartilhar seu lado artístico com esses outros artistas.

[...] Trabalho só com a música. Sou músico. Além da “Roda de Samba da Pedra do Sal”, a gente tem uma roda chamada “Movimento Cultural Roda de Samba do Barão” que é lá no bairro de Vila Isabel, na praça sete, que acontece toda quarta-feira, é uma roda assim como a Pedra também, é gratuito. Você chega lá, não tem que pagar pra ouvir música. Toco com Paulinho Mocidade, com a Mart´nalia, com o Martinho. O Martinho lançou há pouco tempo um disco chamado “Enredo” com todos os sambas dele “enredo” que ganharam e perderam. Alguns que não foram nem para a avenida né? E era um projeto didático pra distribuir nas escolas, tem DVD desse projeto chamado “Enredo” com o Martinho.

PC Correia, músico/toca o instrumento tantan na “Roda de Samba da Pedra do Sal”

O músico Júnior Silva tem uma trajetória artística parecida com a do músico PC Correia. O artista só trabalha com a música e também se apresenta junto a músicos famosos.

[...] Trabalho só com a música no momento. Toco com o “Samba na Fonte” que é de sambas inéditos, toco com meu grupo “Autonomia”, toco com Marquinho Diniz, com Monarco, toco com o “Samba do Irajá”. Toco com um montão, se eu for botar todos os lugares que eu toco... Mas basicamente esses

Júnior Silva, músico/violonista da “Roda de Samba da Pedra do Sal”

Muitos desses músicos citados acima iniciaram sua carreira artística muito cedo por influência da família, de amigos, da tradição do bairro em que moravam. Esses artistas optaram em se profissionalizar e se permitir trabalhar só com a música juntando o prazer e satisfação junto à seriedade do trabalho. Para alguns viver de música ainda é difícil, pois nem sempre essa profissão é reconhecida com honradez.

Segundo Frydberg (2011), a segunda maneira de profissionalização seria quando o músico tivesse que optar entre viver de música ou outra profissão. Esta escolha geralmente acontece no início da fase adulta da vida dos músicos quando além de músico possuem outra profissão, e muitos deles fazem algum curso universitário também. Essa escolha não é fácil de ser tomada. Os músicos ficam entre a satisfação de trabalhar em algo que se têm prazer ou trabalhar em uma profissão que lhe dêem maior estabilidade já que se paga pouco à profissão de músico, segundo os próprios artistas.

O músico Wagner Silveira que por muito tempo trabalhou com a música e com outra profissão teve que fazer sua escolha já que os convites para tocar estavam aumentando. Ele optou pela música e há três anos essa é a sua profissão.

[...] Já tem três anos que eu só estou trabalhando com a música. Eu sempre toquei, mas eu sempre trabalhei. Mas de três anos pra cá eu toco aqui no “Samba de Lei”, mas eu faço outros trabalhos também [...] Então conforme o trabalho foi aumentando né, eu tive que optar entre trabalhar de carteira assinada ou a música, o samba. Mas como o samba é minha paixão muito grande né, eu optei por isso né e tá me dando condições de eu estar sobrevivendo né? Eu optei mais pelo samba. As outras rodas de samba, eu não toco fixo em outro grupo. Na verdade, esse samba que a gente faz na rua né, esse samba do povo que as pessoas têm liberdade de chegar perto, de conversar né com os músicos, a gente sempre faz parceria, tem muitos amigos de outras rodas que vem pra cá e participa como o “Samba do Ouvidor”, então sempre tem essa troca, então a gente toca sexta-feira, daqui a pouco tem amigos que vão vir participar, então a gente sempre tá rodando e tocando em outros lugares, mas o fixo mesmo é o “Samba de Lei” aqui toda sexta-feira

Wagner Silveira, músico/pandeirista da roda “Samba de Lei”

Outros músicos optam por ter outras profissões junto à música. O músico Peterson Vieira conseguiu encher a semana de shows. Cada dia da semana ele se apresenta em um espaço com uma roda diferente. A música, especificamente o samba, é a sua grande paixão, mas ainda assim ele possui outro trabalho sem ser ligado à música.

[...] Eu vivo, como, bebo, transpiro a música. Hoje em dia, com a questão do estudo e tal, assim eu permito até não trabalhar só com o samba, mas minha essência é o samba. Mas também faço outros trabalhos, toco outros instrumentos. A percussão em si ela é muito vasta né? Ela é muito ampla né? [...] Tem semana que eu toco de segunda a segunda com galeras diferentes né? Segunda e terça com uma galera, quarta com outra, quinta com outra, sexta com outra, sábado e domingo outra e aí vai né... Tem um movimento chamado “Samba na Fonte”, que é um projeto de compositores que eu e Juninho, Sete Cordas, toca junto [...] e aí quarta-feira tava fazendo com uma galera no Leviano. Às vezes faz um Carioca da Gema, quinta-feira tem um movimento também aqui na esquina do Gracioso, que é o “Samba das Rosas” também que a gente tá fazendo. Sexta-feira to no Catete. Aí o que acontece? Aí tem isso né? Por mais que tem alguns trabalhos fixos, aí tem aquela parada né? Aí coloca um amigo, aí começa formar outras paradas, aí viagem e vai né... aí sábado de quinze em quinze, eu to no Carioca da Gema, e domingo to com o samba ali em Botafogo, em frente ali o Cine Estação do lado do metrô. Todo domingo que aí já é um outro grupo “Morou Maria” que eu faço parte [...]

Peterson Vieira, músico/pandeirista da “Roda de Samba da Pedra do Sal”

O músico Walmir Pimentel que já tocou em outras rodas de samba, hoje toca exclusivamente na “Roda de Samba da Pedra do Sal”, mas essa não é sua única ligação com o samba. Pois além de dar aulas de geografia, ele faz pesquisa sobre o samba de roda do Recôncavo Baiano.

[...] Eu dou aula de geografia. Tocava em outras rodas de samba, hoje não mais. Agora eu não tenho mais tempo. Agora eu tenho uma garotinha de um ano. Tenho um monte de outras coisas pra fazer e faço pesquisas livres né? Estudo o samba de roda do Recôncavo Baiano, o maior mercado de candomblé [...]

Walmir Pimentel, músico/toca o instrumento cuíca na “Roda de Samba da Pedra do Sal”

O músico Rogério Família além de ser músico, é militar e trabalha com produção cultural e musical.

[...] Sou Militar, faço produção cultural e musical, toco em outras rodas além de oficinas de instrumentos ligados ao samba. Toco no “Terreiro de Crioulo” em Realengo, no “Samba de Irajá” em Irajá e na “Feira das Yabás” em Madureira.

Rogério Família, músico/cavaquinista da “Roda de Samba da Pedra do Sal”

O músico Wando Cordas apesar de se dedicar mais a música, também trabalha com informática esporadicamente.

[...] Eu também trabalho com informática também, mas ultimamente eu estou trabalhando mais com a música. Com a informática, eu faço alguns trabalhos esporadicamente. Eu sou *freelancer* né? Além daqui, eu faço um trabalho autoral também, mas fixo mesmo só o “Samba de Lei”

Wando Cordas, músico/violonista da roda “Samba de Lei”

Esses músicos que se dividem entre a música e outra profissão ou trabalho, na maioria das vezes optam por essas duas coisas talvez pela insegurança de se dedicar totalmente à música, já que esta ainda parece ser uma profissão instável e

pouco remunerada. Talvez por isso esses artistas não se entreguem por completo a essa carreira artística.

2.3 A produção e a dinâmica de funcionamento das rodas de samba

Eu já lhe disse
Que eu não quero mais o seu amor porque
As falsas juras nos seus beijos
Me fizeram padecer
Não adianta aos meus pés se ajoelhar
Pode chorar, pode chorar
Vai eu não lhe quero mais
Falsas Juras – Milton Casquinha

Segundo Becker (2010), todo o trabalho artístico envolve a atividade conjugada de um determinado número, normalmente um grande número de pessoas. É devido à cooperação entre estas pessoas que a obra de arte que observamos ou escutamos acontece e continua a existir. Segundo Becker (2010), todas as artes se baseiam numa ampla divisão do trabalho e a meu ver no caso das rodas de samba da Pedra do Sal não acontece diferente.

Para a realização e fruição das rodas de samba, os músicos dependem dos assistentes de som que os ajudam na montagem dos instrumentos e passagem de som antes da roda iniciar. Esses assistentes são amigos dos integrantes da roda no caso da “Roda de Samba da Pedra do Sal” e no caso da roda “Samba de Lei”, o assistente é o próprio patrocinador. Para que as rodas aconteçam, os músicos dependem dos moradores residentes do morro da Conceição que apóiam as rodas na sua realização, dependem do público pelas respostas emocionais às suas escolhas de repertório. A realização das rodas de samba na Pedra do Sal não acontecem sem a presença de um público que reaja e aprecie e dependem principalmente dos patrocinadores no caso da roda de samba de sexta-feira que é financiada pelos proprietários do bar “Bodega do Sal”. Deste modo, as rodas de samba que acontecem na Pedra do Sal implicam certa divisão do trabalho entre um grande número de pessoas.

Segundo Becker (2010), as obras de arte não representam a produção de autores isolados, de artistas possuidores de dons excepcionais. Pelo contrário, elas constituem a produção comum de todas as pessoas que cooperam segundo as

convenções características de um mundo da arte tendo em vista a criação de obras dessa natureza (p.54). A interação de todos que participam para a realização das rodas de samba na Pedra do Sal segundo Becker (2010), “produz um sentimento partilhado do valor daquilo que produzem coletivamente” (p.57). Os músicos encontram-se deste modo no centro de uma rede de cooperação onde todos os intervenientes realizam um trabalho indispensável á consumação da roda. Segundo Becker (2010), sempre que o artista depende de outras pessoas, existe uma cadeia de cooperação.

O patrocinador tem um papel fundamental na vida do artista, pois é ele que dá o suporte necessário para o artista mostrar o seu talento e se consolidar no mercado. O bar “Bodega do Sal” patrocina a roda “Samba de Lei” que se apresenta às sextas-feiras na Pedra do Sal. A proprietária do bar é a Dona Irene, mas quem organiza tudo é o seu filho André Peterson. Dona Irene tem 60 anos “com alegria e saúde para vender”, segundo ela. Possui o primeiro grau completo e mora na Saúde há 34 anos exatamente em cima do bar. O “Bodega do Sal” abre às segundas, sextas e quando tem evento. Dona Irene diz :

Eu comecei a me envolver com o samba depois que eu vim praqui em 13 de maio de 1980. Antes do bar, aqui era um restaurante a quilo. A gente banca sozinho. Banca tudo. Banca os músicos. Paga a roda de samba R\$ 1.100,00 e a banda divide entre si esse valor. Fora os R\$ 300,00 pro som. [...] Todo evento que tem aqui quem organiza tudo é o meu filho, mas tem muito camelô aqui, tudo quer ganhar dinheiro. Quando o tempo tá ruim, que chove a gente não abre, porque não compensa. Aí o pessoal fica ligando querendo saber se vai ter samba [...]
Dona Irene, proprietária do bar “Bodega do Sal”

Dona Irene e o seu filho André Peterson apresentam um papel importante na vida desses músicos, que só se estabeleceram naquele espaço da Pedra do Sal, por conta do patrocínio do bar. Com apresentações fixas toda sexta-feira às 19h, a roda de samba pode mostrar o seu talento e divulgar o seu trabalho. Hoje, eles já possuem um grande número de fãs que saem muitas vezes direto do trabalho para os assistirem. Além disso, os convites feito para se apresentarem em outros espaços também aumentaram.

Os músicos integrantes da roda de samba de sexta-feira reconhecem a importância do patrocinador. Os músicos sabem que a roda atingiu toda essa popularidade devido primeiramente ao convite e ajuda oferecida pelos proprietários do bar e se hoje a roda consegue lotar o espaço por frequentadores assíduos e

satisfeitos com o tipo de música que eles oferecem é também por conta do patrocinador.

O músico Wagner Silveira fala sobre a ajuda que o bar oferece para que a roda aconteça.

[...] A gente viemos tocar aqui pelo convite desse bar aqui, do André Peterson que é o filho da dona do estabelecimento. Ele nos convidou aqui e se eu não me engano já tinham outros grupos tocando aqui, mas a coisa não cresceu né? Não deu muito certo. A gente já tinha mais ou menos uma galera né que acompanhava a gente, aí viemos tocar aqui por convite do André né, mas já procuramos prefeitura, corremos atrás de muitas pessoas que poderiam estar ajudando aqui, mas... só o bar. O bar que ajuda a gente e chega junto com a gente no som, bota banheiro pro pessoal.
Wagner Silveira, músico/pandeirista da roda “Samba de Lei”

Outros músicos argumentam que o bar “Bodega do Sal” já arcou sozinho com todos os custos da roda, mas que hoje já não é mais assim e que a roda banca a metade da estrutura do som. O músico Thiago Torres afirma que a roda se apresenta muito mais pelo prazer do que pelo que recebem na sexta-feira que segundo o músico, não é muito.

O músico Thiago Torres fala sobre o patrocínio que a roda recebe do bar “Bodega do Sal”.

[...] Com o patrocínio do Botequim “Bodega do Sal”. Por muitíssimo tempo, o “Bodega do Sal” arcou sozinho com todos os custos do evento, apesar de todos os bares em volta, lucrarem diretamente por conta do evento. Atualmente, os ambulantes contribuem com uma pequena cota para o custeio do evento e mesmo assim o grupo “Samba de Lei” paga do próprio bolso metade da estrutura de som, recebendo assim um cachê “ínfimo” pelo impacto cultural e comercial que o evento proporciona. O evento é altamente lucrativo pra todos os envolvidos menos o “Samba de Lei”.
Thiago Torres, músico/vocalista e cavaquinista da roda “Samba de Lei”

O músico Thiago Torres ainda argumenta que o evento é lucrativo para todos os bares que ficam ao redor da Pedra do Sal. Na sexta-feira quem patrocina a roda de samba é o bar “Bodega do Sal” que fica situado exatamente na Pedra do Sal onde a roda acontece e onde o público consome com mais frequência, mas existem dois bares mais distantes que também lucram com o evento. Nas minhas visitas a Pedra do Sal às sextas-feiras, observei que o espaço fica sempre muito cheio e com isso o bar “Bodega do Sal” cria filas no caixa para o consumo. Devido a isso, o público se direciona aos outros dois bares.

A roda de samba de sexta-feira costuma se apresentar toda semana, só não se apresenta se estiver chovendo ou com ameaças de chuva. Quando chove ou quando o tempo está nublado, Dona Irene não abre o bar e a roda de samba não

acontece. Se o tempo estiver feio não compensa abrir porque não há público suficiente para o lucro do seu estabelecimento, já que a roda de samba acontece do lado de fora, ao ar livre. Com a casa cheia, Dona Irene consegue vender bebidas e comidas em seu bar e dessa forma consegue pagar a roda de samba. Com chuva, sem público e sem lucro, ela não consegue financiar a roda e dessa forma, a melhor solução é não abrir o bar e não haver samba.

Na minha primeira tentativa de trabalho de campo, quando fui à Pedra do Sal numa sexta-feira para tentar entrevistar os músicos da roda e os seus consumidores não tive muita sorte, pois nesse dia o tempo estava bem feio com nuvens negras e parecia que ia chover. Mas consegui falar com o Alexandre, proprietário do bar “Recanto da Pedra”, que fica um pouco mais afastado da Pedra do Sal, e ele me disse: “Agora, o samba de hoje, que não teve por causa da chuva, já é mantido pelo dono do bar, de lá da Pedra do Sal, o samba de sexta”. Alexandre se referia à roda “Samba de Lei” patrocinada pelo bar “Bodega do Sal”. Foi então, que entendi que com tempo ruim, o samba de sexta-feira não acontece.

O bar “Bodega do Sal” enfrenta algumas dificuldades muitas vezes impostas pelos moradores do Morro da Conceição. Dona Irene afirmou em entrevista que às vezes os moradores ligam para polícia devido ao barulho causado pela roda de samba e pelos consumidores nos dias de sexta-feira. Pois com o som causado através da música e o falatório do público consumidor os moradores não conseguem dormir. Além disso, existem reclamações feita pelos moradores sobre a dificuldade de transitar para suas casas, já que o único caminho para subir o morro é pelas escadarias da Pedra do Sal, onde geralmente está sempre tomado pelos frequentadores da roda.

Dona Irene, que ainda é responsável pelo sustento de seus filhos expõe sua preocupação em relação às reclamações dos moradores.

[...] Minha filha, se eu depender dos moradores aqui eu passo fome. Eles não gosta, entendeu? Fica ligando pra polícia, mas a gente tá correndo atrás né? Agora eles estão devagar [...] Aqui é complicado, minha filha. O samba acontece com muito esforço e eu preciso né? Que tem meus filhos, eu não tenho uma pessoa. Sou separada do meu marido. Tenho quatro filhos homens e os quatro depende de mim. Tem dois que é casado e trabalham aqui em baixo comigo e depende de mim. Os outros dois moram comigo, mas não participa de nada aqui em baixo. Eles trabalham por conta própria. Mas os outros mais velhos depende de mim entendeu? Aí a gente tem que batalhar mesmo.

Dona Irene, proprietária do bar “Bodega do Sal”

Já a “Roda de Samba da Pedra do Sal” não possui patrocinador. A roda de samba que se apresenta às segundas-feiras é própria. A própria roda se financia. Eles possuem duas barraquinhas onde vendem cerveja e o que recebem dessas barracas são para os gastos da própria roda. Os integrantes da roda recebem apenas uma ajuda de custo dos proprietários dos dois bares que ficam no entorno da região da Pedra do Sal. Essa ajuda é para colaborar com o pagamento dos seguranças que a roda contrata com a função de controlar o fluxo de frequentadores próximo a passagem dos moradores do Morro da Conceição. A roda de segunda-feira que é a mais tradicional, já se apresenta nesse espaço há sete anos e sempre esteve ali pelo prazer de tocar samba e de resgatar a memória africana.

Marcelo, proprietário do “Escondidinho Bar” tem 41 anos e possui o primeiro grau completo. Mora na Saúde e o seu bar existe há cinco anos. Ele e sua mãe sempre foram os donos. O bar abre as segundas e sextas-feiras a partir das 16h. Marcelo conta da sua colaboração para a roda. “Dia de segunda-feira eu ajudo com uma quantia, porque dia de segunda-feira eles não recebem de ninguém, entendeu? Eles vendem a cerveja deles e pedem ajuda aqui” (Marcelo, proprietário do “Escondidinho Bar”).

Alexandre Soares, proprietário do bar “Recanto da Pedra” situado próximo a Pedra do Sal, tem 41 anos e possui o segundo grau completo. Também morador da Saúde, abre o bar as segundas, quartas e sextas a partir das 19h e aos fins de semana às 11h. Alexandre oferece uma ajuda de custo a “Roda de Samba da Pedra do Sal” que acontece às segundas-feiras, para ajudar no pagamento dos seguranças.

[...] Eu colaboro com R\$ 50,00 para pagar os funcionários que trabalham pra roda. Uma ajuda de custo porque a roda, a própria roda se financia, se banca, entendeu? Eles botam cerveja pra vender e trabalham com aquele dinheiro que é o lucro deles. Com aquele dinheiro, o lucro da cerveja que eles ganham é para manter o samba. Esse dinheiro que eu colaboro com eles, é justamente para pagar os seguranças para não deixar ninguém subir, só sobe quem é morador, entendeu? Fica o segurança tomando conta da área. São quatro seguranças.

Alexandre, proprietário do bar “Recanto da Pedra”

O músico Júnior Travassos fala de como a roda se organiza e se sustenta e do prazer que a roda possui de tocar samba e de se apresentar nesse espaço. O músico também fala que mesmo com chuva, a roda acontece. Quando o tempo não está muito bom, eles cercam o espaço com uma grande lona azul. O samba pode até não acontecer por alguns outros motivos, mas não pela chuva.

[...] Então, a gente não tem patrocínio. Por enquanto a gente tá sem patrocínio em nada. É tudo na raça da gente mesmo. A gente, no caso, tem uma licença e coloca as duas barracas e são essas barracas que sustentam o samba. Sustenta o som, entendeu? Sustenta a iluminação, sustenta as próprias barracas. Às vezes quando chove, a gente tem uma lona que coloca aqui. Isso tudo gera um custo, entendeu? Porque pra gente pra tocar aqui, é mais por gostar mesmo sabe? Aquela resenha, porque ganhar dinheiro vou te falar que não dá. É mais porque a gente gosta e para rever amigos. As pessoas ajudam como podem. [...] Pra fazer um negócio certinho todo mundo ajuda um pouquinho.

Júnior Travassos, músico/cavaquinista da “Roda de Samba da Pedra do Sal”

O samba de segunda-feira costuma ficar bem cheio. As pessoas se distribuem pelas escadarias, pela ladeira, pelo bar “Bodega do Sal” e ao redor da própria roda. O músico Walmir Pimentel conta que em dias de feriado, época de férias e datas festivas, o espaço fica tão cheio que foge ao controle e a possibilidade de suporte.

O músico Walmir Pimentel comenta:

[...] Só que isso cresceu mais que nossas possibilidades de suportar. Tem dia que isso aqui fica insuportável. Tem segunda-feira, certas segundas do ano, final de ano, próximo a carnaval, Natal que é impossível. Feriados que emendam impossível [...]

Walmir Pimentel, músico/toca o instrumento cuíca na “Roda de Samba da Pedra do Sal”

Os integrantes da roda de samba de segunda-feira têm a preocupação e o respeito com os moradores do Morro da Conceição. Para que os moradores possam subir tranquilamente pela escadaria da Pedra do Sal, única passagem para as casas desses moradores, os músicos cercam o espaço e, além disso, ainda contratam seguranças para orientar aos frequentadores que não urinem próximo as casas desses moradores, episódio que era freqüente, segundo os próprios músicos. Com todo esse cuidado e atenção com os moradores residentes do Morro da Conceição, a roda de samba acabou ganhando a confiança e credibilidade com esses moradores que avisam aos músicos sobre qualquer situação indesejável.

[...] já até tivemos várias brigas aqui em relação a isso. É por isso que a gente faz um cercado. A galera fica na pedra, a gente pede sempre pra não urinar aqui. Tem sempre esses problemas de urinar na porta dos moradores. A gente faz um cercado pros moradores subir, conforme tá cheio demais. Que às vezes chega cansado do trabalho, aí rola tudo uma beleza, tudo tranqüilo [...] Os próprios moradores às vezes ajudam. Quando tem alguma coisa errada, o morador chega através da gente e fala: “Oh, tá acontecendo isso”. A gente bota segurança, porque tem nego que é abusado. Você sabe que às vezes quer urinar na porta do morador, aí a gente tá sempre policiando sobre isso [...]

Júnior Travassos, músico/cavaquinista da “Roda de Samba da Pedra do Sal”

A divulgação das duas rodas tanto a “Roda de Samba da Pedra do Sal” quanto a “Samba de Lei” são feitas através de postagens em suas páginas na rede social *facebook*, na página pessoal de cada músico integrante de sua roda e em um blog que eles possuem, mas a divulgação também é feita pelo boca a boca, que consiste na transmissão informal da informação pelo próprio público que vai anunciando aos amigos e familiares. Esses vão pela primeira vez e também passam a informação a outras pessoas. Foi exatamente dessa forma que eu conheci as duas rodas de samba que tocam na Pedra do Sal e também divulguei aos meus amigos e familiares que até hoje frequentam esse espaço.



“Samba de Lei”

Segundo Frydberg (2011), “uma roda de samba possui determinadas características e dinâmicas de funcionamento que possuem permanência no tempo e no espaço, independente do lugar e da cidade onde esteja acontecendo” (p.248). Existem algumas práticas de funcionamento nas rodas de samba que são muito semelhantes. A distribuição dos músicos em círculo é uma dessas características. Na Pedra do Sal tanto a “Roda de Samba da Pedra do Sal” quanto a “Samba de Lei” respondem a essa característica.

As duas rodas de samba apresentam o mesmo ritual de início. As rodas de samba dão início ao evento às 19h. Os músicos vão chegando aos poucos. Geralmente chegam três ou quatro integrantes de cada roda entre 18h30min e 19h e o restante chega muitas vezes depois que a roda já começou. Na “Roda de Samba da Pedra do Sal” pude perceber que os primeiros músicos a chegarem ao local são sempre o cavaquinista Júnior Travassos, o músico que toca tantan Paulo César Correia mais conhecido por PC Correia, o músico que toca violão de sete cordas Júnior Silva e o pandeirista Peterson Vieira. A primeira etapa é a montagem dos

instrumentos e aparelhagens sonoras para que a roda possa acontecer. Os músicos Wando Azevedo que toca percussão, Walmir Pimentel que toca cuíca e Rogério Família que toca cavaco e banjo costumam chegar um pouco depois que a roda já iniciou. Walmir Pimentel dá aula de geografia nesse dia e Rogério Família cursa Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense, por isso o motivo do atraso desses dois músicos.

Na roda “Samba de Lei”, observei que os primeiros a chegarem são o pandeirista Wagner Silveira, o surdista Maicon Salles, o violonista Wando Cordas e o percussionista Kaká Nomura. O vocalista e cavaquinista Thiago Torres e o percussionista Márcio Kalunga, costumam chegar um pouco depois. Enquanto o vocalista Thiago Torres não chega, a roda toca somente instrumental.

Nas rodas de samba podem acontecer trocas de instrumentos entre os músicos e mais de um pode cantar, seja como cantor principal ou só nos acompanhamentos. O vocalista e cavaquinista Thiago Torres da roda “Samba de Lei” canta todas as músicas, mas em algumas músicas específicas existe o acompanhamento de outros integrantes da roda também. Já na “Roda de Samba da Pedra do Sal”, todos os integrantes cantam juntos em todas as músicas. O cavaquinista Júnior Travassos fala da espontaneidade e liberdade que a roda possui ao tocar na Pedra do Sal: “Aqui não rola esse negócio de samba marcado, não tem repertório, a gente toca o que a gente quer, na verdade. Tanto que não tem bilheteria. A gente chega aqui toca um samba. Tá afim de tocar tal samba, pede o tom e canta” (Júnior Travassos, cavaquinista da “Roda de Samba da Pedra do Sal”).

O músico Peterson Vieira também se expressa quanto a essa liberdade que a roda possui ao tocar nesse espaço.

[...] tem toda questão do repertório mesmo. Quer dizer, o repertório é samba. Não tem repertório pré-estabelecido [...] e até por ser um lugar público e também diante desse compromisso que a gente tem com o samba, também nos permitimos a cantar o que nós achamos que seja próprio e o que é a nossa essência né? Aqui você não paga um *couvert*, sabe? Não paga nada. Não somos empregados de ninguém. O grande tutor disso tudo é o samba, é o samba.

Peterson Vieira, músico/pandeirista da “Roda de Samba da Pedra do Sal”

Os músicos se apresentam em um espaço aberto, possuem a liberdade de se expressar e se impor da maneira que achar conveniente. Escolhem o seu próprio repertório, tocam o que lhe agradam, fazem seus intervalos de acordo com a necessidade dos integrantes da roda e anunciam datas de shows em outros espaços

assim como as excursões culturais que a roda promove. Em um espaço fechado, como uma casa de show ou bares e boates, muitas vezes é preciso cumprir regras impostas com horários para o intervalo, músicas que precisam ser tocadas e outros tipos de imposições que as rodas de samba da Pedra do Sal não vivenciam. Os sambas acontecem de maneira natural e não programada. Assim como o público que também possui a liberdade de cantar junto, de bater palmas e de fazer pedidos de músicas. Será que essas rodas de samba teriam ou têm a mesma liberdade que possuem na Pedra do Sal, em outros espaços?

CAPÍTULO 3

OS CONSUMIDORES DA PEDRA DO SAL

Chora violão também
 O Paulo no esquecimento
 Não interessa a mais ninguém
 O meu nome já caiu no esquecimento - Paulo da Portela

Meu coração tem manias de amor
 Amor não é fácil de achar
 A marca dos meus desenganos
 Ficou, ficou
 Só um amor pode apagar
 Foi um rio que passou em minha vida - Paulinho da Viola²¹

O propósito desse capítulo é indagar e analisar sobre os processos de consumo em um gênero musical específico que é o samba em um espaço específico que é a Pedra do Sal. Assim vou apresentar uma pesquisa que realizei com consumidores das rodas de samba: “Roda de Samba da Pedra do Sal” que acontece às segundas-feiras e com a roda “Samba de Lei” que acontece às sextas-feiras. A pesquisa consistiu em uma entrevista com vinte e um consumidores da roda de samba de segunda-feira e vinte e um consumidores da roda de samba de sexta-feira. Analiso o consumo em um espaço onde relações sociais são criadas e mantidas, como um sistema de integração no qual os valores comuns se definem ou reconfirmam. Onde uma identidade coletiva é criada e mantida (CANCLINI, 2010).

O consumo está além de compras inúteis e gastos excessivos sem utilidade, o consumo está ligado ao reconhecimento e aceitação social. Consumir significa estar integrada a certa tribo, estar incluso em determinado grupo e não consumir poderia estar associado à exclusão desse mesmo grupo. O consumo diz quem você é e do que gosta. Consumir é compartilhar. Não consumir poderia, por exemplo, ser por vezes percebido como não compartilhar. Os rituais de consumo estabelecem e mantêm relações. Segundo Douglas e Isherwood (2006), “participar ou não deles diz respeito a estar incluído em maior ou menor grau em um conjunto de relações sociais” (p.108).

²¹ As epígrafes deste capítulo equivalem às canções onde os consumidores das duas rodas de samba analisadas na Pedra do Sal se exaltam mais através do canto e das palmas. Isso observado por mim durante as pesquisas. A primeira epígrafe de cada subcapítulo equivale sempre as músicas tocadas pela roda “Samba de Lei” e a segunda epígrafe equivale sempre as músicas tocadas pela “Roda de Samba da Pedra do Sal”.

Os objetos que uma pessoa possui também dizem respeito à sua personalidade e não somente ao seu poder e status. Quando escolhemos os bens e tomamos posse deles estamos adquirindo o que nos é importante e valioso, estamos escolhendo a que grupo gostaríamos de pertencer. O consumo não é mera possessão individual de objetos isolados, mas forma de pertencimento (CANCLINI, 2010). Os consumidores das rodas de samba da Pedra do Sal ao escolherem frequentar esse espaço, estão se identificando e se integrando a esse grupo criando assim sua identidade.

Considerarei práticas e representações que definem uma categoria específica em torno aos processos de consumo dessas rodas: os seguidores²². Considerarei as rodas de samba da Pedra do Sal como um espaço de sociabilidade que permite criar, reproduzir e manter vínculos estáveis. Por último, a partir do canto, da dança e das palmas, abordarei a roda como espaço de expressão de representações e valores que partilham os consumidores dessas rodas.

O novo sambista recria um novo malandro. O malandro do Estácio e da Lapa que possuíam como características o uso do terno branco, camisa e sapato bicolor, lenço no pescoço e chapéu de palha, que andava com a navalha no bolso e que sobrevivia às custas de alguém, geralmente as mulheres, é recriado pelo novo sambista. Elementos novos são trazidos por esse novo sambista. O novo malandro usa colares artesanais, bermuda, camiseta e é um trabalhador.

3.1 O consumo como comunicador de categorias culturais, valores sociais e construção de identidades

Chorei
Com saudades da Guanabara
Da lagoa de águas claras
Fui tomando de paixão (e...então)
Saudades da Guanabara - Moacyr Luz

Queixo-me às rosas, mas que bobagem
As rosas não falam
Simplesmente as rosas exalam
O perfume que roubam de ti, ai...
As rosas não falam – Cartola

²² Irei explorar melhor o assunto mais adiante.

Segundo Canclini (2010), consumir costuma ser associado a gastos inúteis e compulsões irracionais e seria o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos. Esta caracterização ajuda a enxergar os atos pelos quais consumimos como algo mais do que simples exercícios de gostos, caprichos e compras irrefletidas, segundo os julgamentos moralistas, ou atitudes individuais, tal como costumam ser explorados pelas pesquisas de mercado. Estudos de diversas correntes consideram o consumo como um momento do ciclo de produção e reprodução social.

Quando selecionamos os bens que queremos consumir e nos apropriamos deles, definimos o que consideramos publicamente valioso, assim como nos integramos e nos distinguimos na sociedade. Consumir seria um “investimento afetivo” e não um simples gasto monetário (CANCLINI, 2010).

Consumir é tornar mais inteligível um mundo onde o sólido se evapora. Por isso, além de serem úteis para a expansão do mercado e a reprodução da força de trabalho, para nos distinguirmos dos demais e nos comunicarmos com eles, como afirmam Douglas e Isherwood, “as mercadorias servem para pensar”. (CANCLINI, 2010, p.65)

Segundo Canclini (2010), o consumo é visto como fator de construção de uma marca de pertencimento. Ao consumir bens materiais ou simbólicos, mais do que ser enquadrados como consumidores de superficialidades e objetos de manipulação da economia capitalista, os consumidores estariam tecendo as malhas do tecido social a que pertencem ou desejam pertencer, criando sua identidade. Segundo Canclini (2010), mostramos quem somos e a que grupo fazemos parte através do que consumimos. Através dos nossos gostos e escolhas, criamos nossa identidade.

Com a etnografia que realizei com os consumidores das duas rodas de samba que analisei na Pedra do Sal, pude observar que o público consumidor cria sua identidade a partir da escolha de se consumir samba, de freqüentar um espaço preenchido por outras pessoas com os mesmos gostos, de se vestir de maneira parecida. Os consumidores das rodas de samba da Pedra do Sal consomem o samba das rodas que se apresentam nesse espaço e por isso pertencem a esse grupo. Esta marca serve para identificar pessoas desse grupo ou que se identifiquem com ele. Este ato de consumir faz com que essas pessoas se integrem ao grupo, criando assim suas identidades.

Os bens podem ser entendidos como um sistema de informação, os objetos que um indivíduo específico possui e exibe não dizem respeito apenas ao *status*, mas à identidade, aos interesses e aos gostos de quem os possui. Segundo Douglas e Isherwood (2006), “os bens são neutros, seus usos são sociais, podem ser usados como cerca ou como pontes” (p.36). Pois ao mesmo tempo, eles integram, excluem e classificam os indivíduos a partir das escolhas realizadas nas práticas de consumo. Eles têm a função de comunicar, criar identidade e estabelecer relações. Segundo Douglas e Isherwood (2006), “o homem precisa de bens para comunicar-se com os outros e para entender o que se passa à sua volta” (p.149).

Segundo Douglas e Isherwood (2006), o consumidor exerce uma escolha livre, o consumo não é imposto. O consumidor faz suas escolhas de acordo com os seus gostos e seus modos de vida. Os frequentadores das rodas de samba da Pedra do Sal consomem samba porque escolheram gostar desse gênero musical da mesma forma que frequentam o espaço da Pedra do Sal porque se identificam e gostam. Esses frequentadores optaram por isso, fizeram a sua escolha. O consumo não é um modo de comportamento que segue a fixação dos padrões sociais, é parte de um modo de vida. O indivíduo usa o consumo para dizer alguma coisa sobre si mesmo e sobre o que o cerca.

Segundo Douglas e Isherwood (2006), o consumo é visto como uma prática necessária para subsistência: comida, abrigo e outras funções utilitárias. Mas eles também possuem outra função: produzem e ajudam a manter relações sociais. Têm um duplo papel, provendo subsistência e desenhando as linhas das relações entre indivíduos e grupos. Com as visitas constantes e observações na Pedra do Sal pude observar que tanto na roda de samba de segunda-feira como na roda de samba de sexta-feira acontecem trocas de informação e interação entre os consumidores e práticas de sociabilidade. Os frequentadores das rodas de samba da Pedra do Sal produzem relações sociais que são mantidas com as visitas frequentes às rodas de samba nesse espaço.

Segundo Douglas e Isherwood (2006), as funções do consumo seriam, principalmente, as de classificar, selecionar e dar sentido ao mundo. Os padrões de consumo revelam o padrão das sociedades e citam que os bens de consumo são comunicadores de categorias culturais e valores sociais. Não consumir poderia, por exemplo, ser por vezes percebido como não compartilhar. “Relações de consumo

são, antes de tudo, relações sociais, a parte principal do seu uso concentra-se na capacidade de vê-los como comunicadores” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2006, p.108).

Os frequentadores das rodas de samba da Pedra do Sal se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes. O público consumidor das rodas de samba da Pedra do Sal compartilham o gostar de samba. Está-se entre iguais, nesse lugar.



O público consumidor da roda “Samba de Lei”



O público consumidor da “Roda de Samba da Pedra do Sal”

Durante as visitas e entrevistas na Pedra do Sal com os músicos das rodas de samba, pude observar que quando os questionava quanto ao público consumidor de suas rodas de samba, as duas rodas tinham o mesmo discurso e apontavam que seus consumidores eram bem diversificado. Segundo o músico Wagner Silveira, “a maioria do público vem de todas as partes do rio, todas as tribos e todas as classes” (Wagner Silveira, pandeirista da roda “Samba de Lei”).

O músico Wagner Silveira também fala desse público consumidor variado que frequenta a roda de sexta-feira e que acredita ser o mesmo público da roda de segunda-feira.

[...] O público é bem variado né? Pessoas de várias classes social. Tem gente até de Bangu que já vem pra cá, de São Gonçalo, Jardim Catarina vem pra cá e tem gente da Barra. Eu acredito que o público da roda de

segunda não seja diferente porque segunda-feira tem um grupo que vem e o samba de segunda-feira é um samba sem microfone, aonde as pessoas vêm né? Então, acredito que não tenha muita diferença.
Wagner Silveira, músico/pandeirista da roda “Samba de Lei”

O músico Thiago Torres fala que o público da roda de samba de sexta-feira foi formado antes de a roda começar a se apresentar na Pedra do Sal, mas que também se juntou a um novo público frequentador desse espaço.

[...] A base de público do “Samba de Lei” foi formada bem antes da Pedra do Sal. O grupo já realizava uma grande roda de samba as sextas na Rua Silvio Romero na Lapa, conhecida como “Ladeira da Lapa” e já atraía uma multidão lotando toda rua. Com a saída do grupo do local, uma amiga sugeriu de fazer a roda do “Samba de Lei” na Pedra do Sal. A junção do grande público já existente anteriormente com o público da Pedra do Sal, fez com que o evento fosse ainda maior.
Thiago Torres, músico/vocalista e cavaquinista da roda “Samba de Lei”

Os músicos da roda de samba de segunda-feira também defendem que o público consumidor da roda é bem eclético. Segundo o músico Peterson Vieira: “É mágico né? E por ser dessa forma né, aqui dá todas as classes sociais, dá todos os tipos de pessoa né? Pessoas que curte qualquer outro gênero também musical” (Peterson Vieira, pandeirista da “Roda de Samba da Pedra do Sal”).

O músico Júnior Silva também comenta sobre a variedade dos consumidores de sua roda de samba.

[...] O público é bem eclético. É gringo. É carioca. É preto. É branco. É muito misturado. É roqueiro. É sambista. É forrozeiro. É geral. Vem gente de todos os países que você imaginar, Rússia, até da Bósnia já veio gente aqui. E de todas as idades. Criança, muita criança e também muito adolescente.
Júnior Silva, cavaquinista da “Roda de Samba da Pedra do Sal”

Já os proprietários dos bares que ficam no entorno da Pedra do Sal afirmam que o público consumidor de segunda-feira é diferente do público consumidor de sexta-feira. Na roda de samba de segunda, os proprietários dos bares afirmam que o público é formado por pessoas com mais idade e na roda de samba de sexta, o público já é formado por pessoas mais jovens. O proprietário Marcelo afirma que nos dois dias de roda de samba, há estrangeiros. Marcelo fala: “Tem gente que vem no samba de segunda e de sexta, mas o samba de segunda é uma galera mais madura e o de sexta mais rapaziada. Vem gringo nos dois dias” (Marcelo, proprietário do “Escondidinho Bar”).

O proprietário Alexandre também afirma que na segunda-feira, o público é formado por pessoas mais velhas e no samba de sexta-feira por pessoas mais

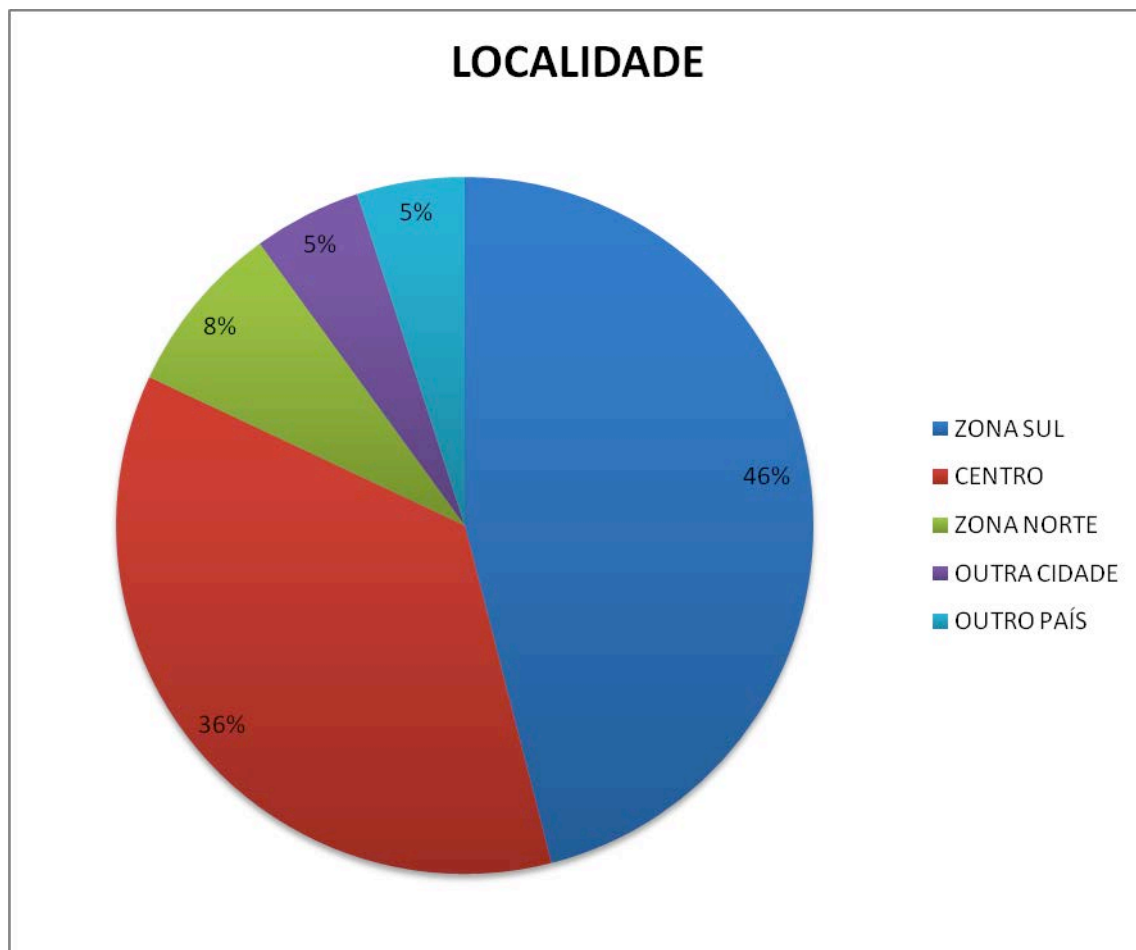
jovens. Alexandre ainda completa dizendo que na segunda-feira há bastante estrangeiro e que na sexta há mais moradores da zona sul do Rio.

[...] O público é diferente. O público de segunda-feira não é o mesmo público de sexta. O de segunda é de pessoas com uma certa idade. Eu tenho 41, é mais ou menos essa idade, o de segunda. Agora, o de sexta é mais garotada que vem da Zona Sul. Segunda-feira vem muito gringo e o de sexta é mais a galera daqui, da zona sul. Da Barra, Leblon, Ipanema. A galera daqui da Saúde também vem.

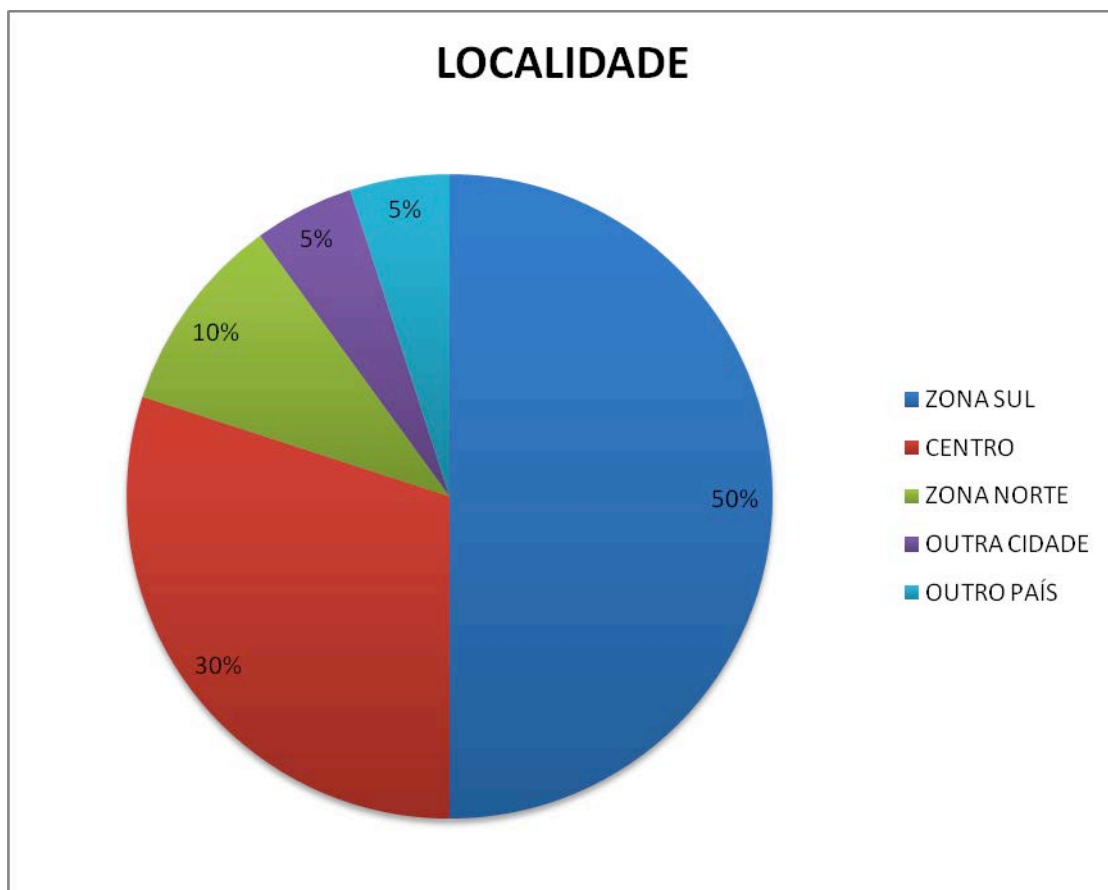
Alexandre Soares, proprietário do bar “Recanto da Pedra”

Baseado em pesquisa realizada com os consumidores dos sambas na Pedra do Sal, pude observar que há divergências entre o que os integrantes das duas rodas de samba e os proprietários dos bares afirmam sobre quem são os consumidores dessas duas rodas de samba que acontecem na Pedra do Sal. A pesquisa que realizei com entrevistas fechadas aos consumidores das rodas de samba que acontecem às segundas-feiras e às sextas-feiras mostrou que o público consumidor dessas duas rodas não é um público tão diversificado assim como afirmaram os músicos integrantes das duas rodas de samba.

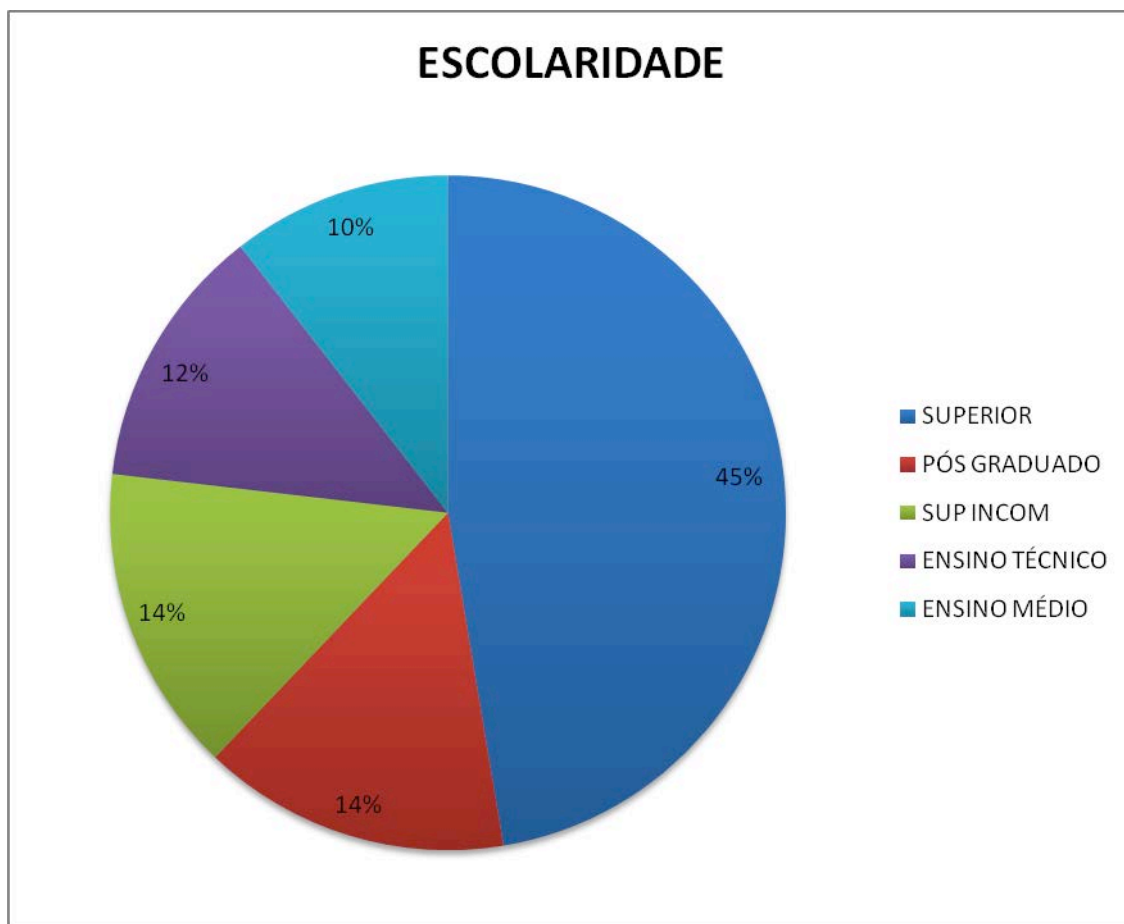
Ao contrário do que o músico Wagner Silveira, integrante da roda “Samba de Lei” afirmou sobre o público vir de todas as partes da cidade e pertencerem a todas as classes sociais. Percebi durante a pesquisa realizada, que uma grande parcela do público formador das duas rodas de samba mora na zona sul do Rio de Janeiro, nos bairros de Copacabana, Leblon e Laranjeiras ou próximo ao centro da cidade como o bairro Tijuca. O proprietário Alexandre, sócio do bar “Recanto da Pedra”, afirma que há uma quantidade maior de estrangeiros na roda de samba de segunda-feira. Os dados comprovam o mesmo número de estrangeiros presentes nos dois dias de roda de samba. Uma grande parte desse público que frequenta as duas rodas de samba estão cursando alguma faculdade ou já possuem algum curso universitário concluído ou pós-graduação e já estão exercendo suas profissões. A maioria são publicitários, psicólogos, produtores, engenheiros e até músicos. Dessa maneira, estou de acordo com o músico Wagner Silveira quando ele afirma que provavelmente o público de segunda não seria diferente do público de sexta.

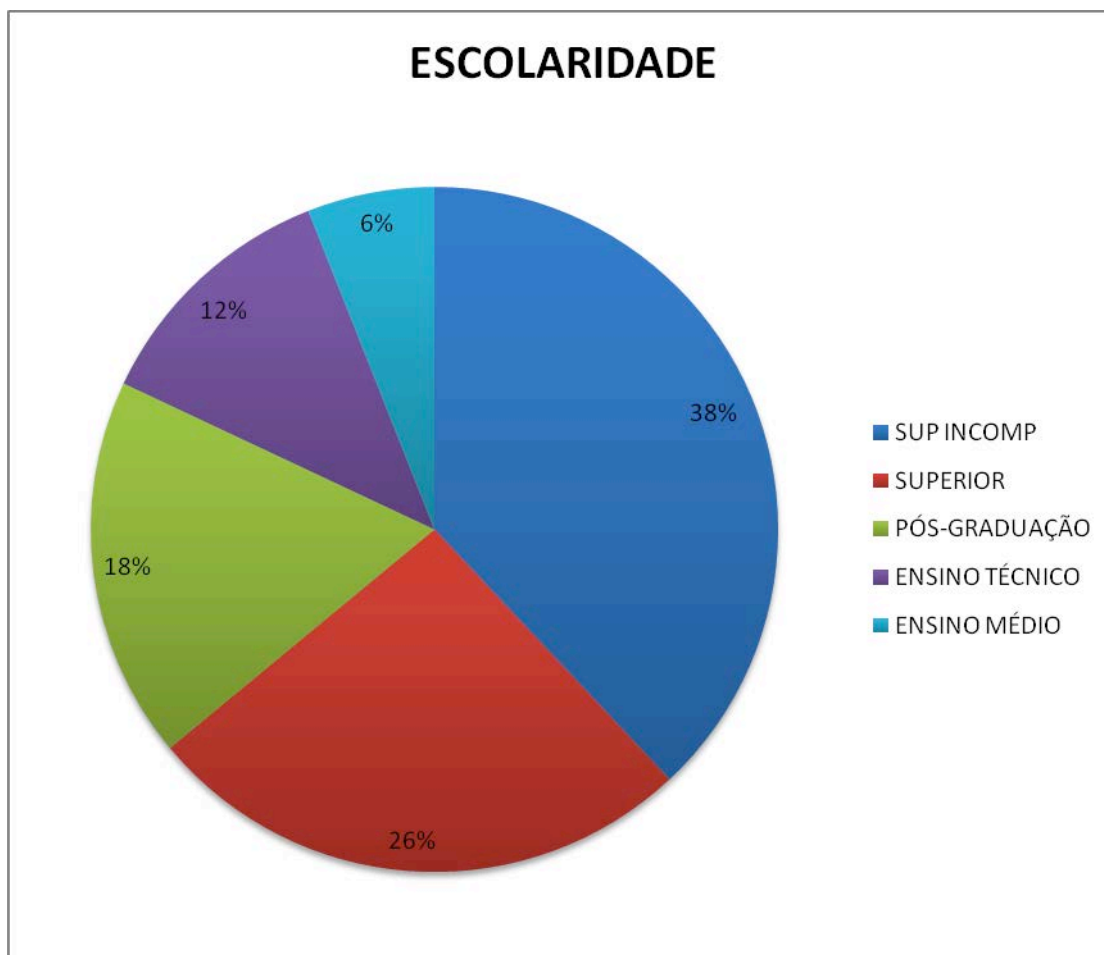
Os consumidores da roda de samba de segunda-feira ²³

²³ Todos os gráficos referentes aos dados da pesquisa realizada com as rodas de samba da Pedra do Sal encontram-se no mesmo tamanho. Todos os gráficos estão em tamanho grande, para melhor visualização dos resultados.

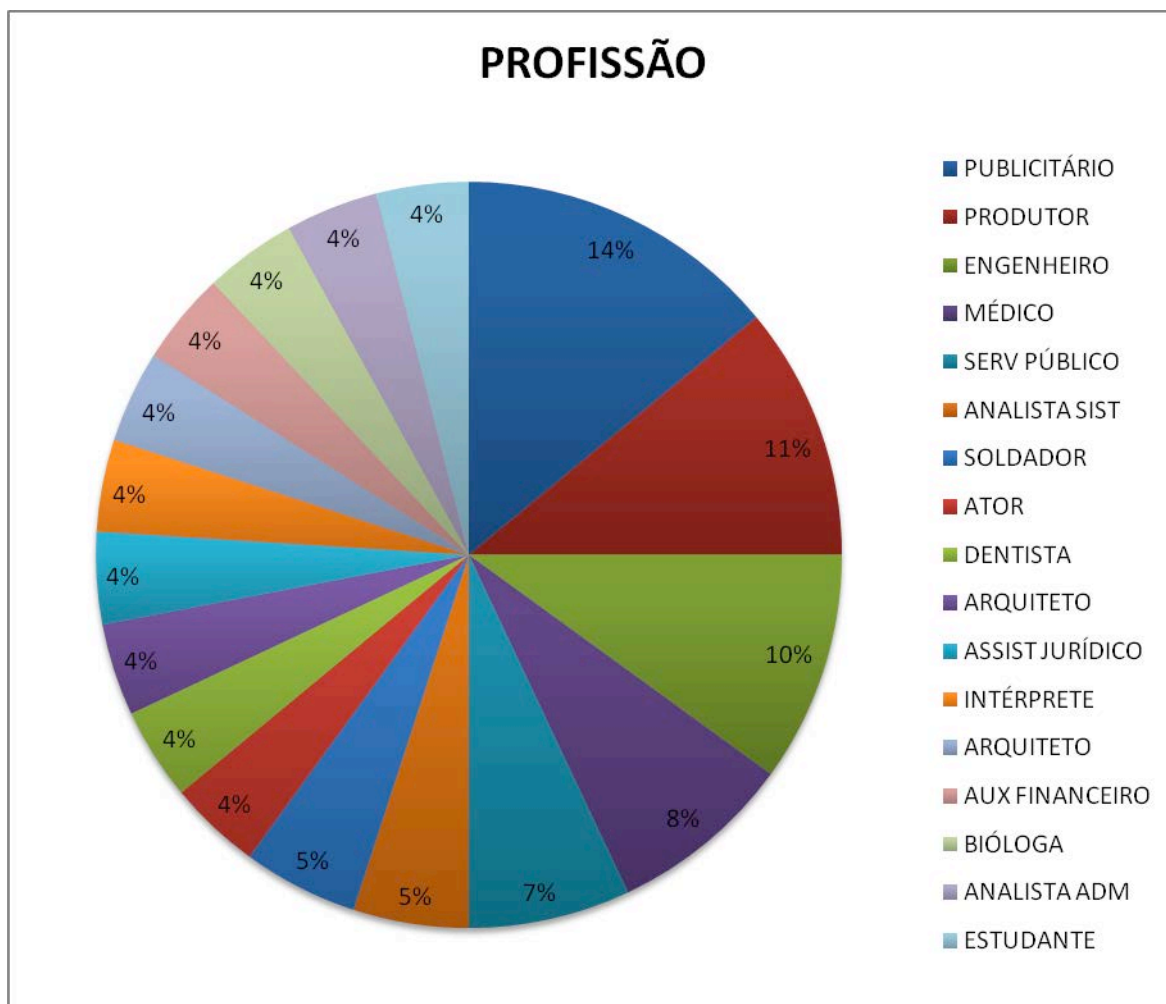
Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 1 ²⁴

²⁴ Os números expostos ao lado do título dos gráficos são para facilitar a indicação na lista de imagens contida nesta monografia, já que os títulos se repetem.

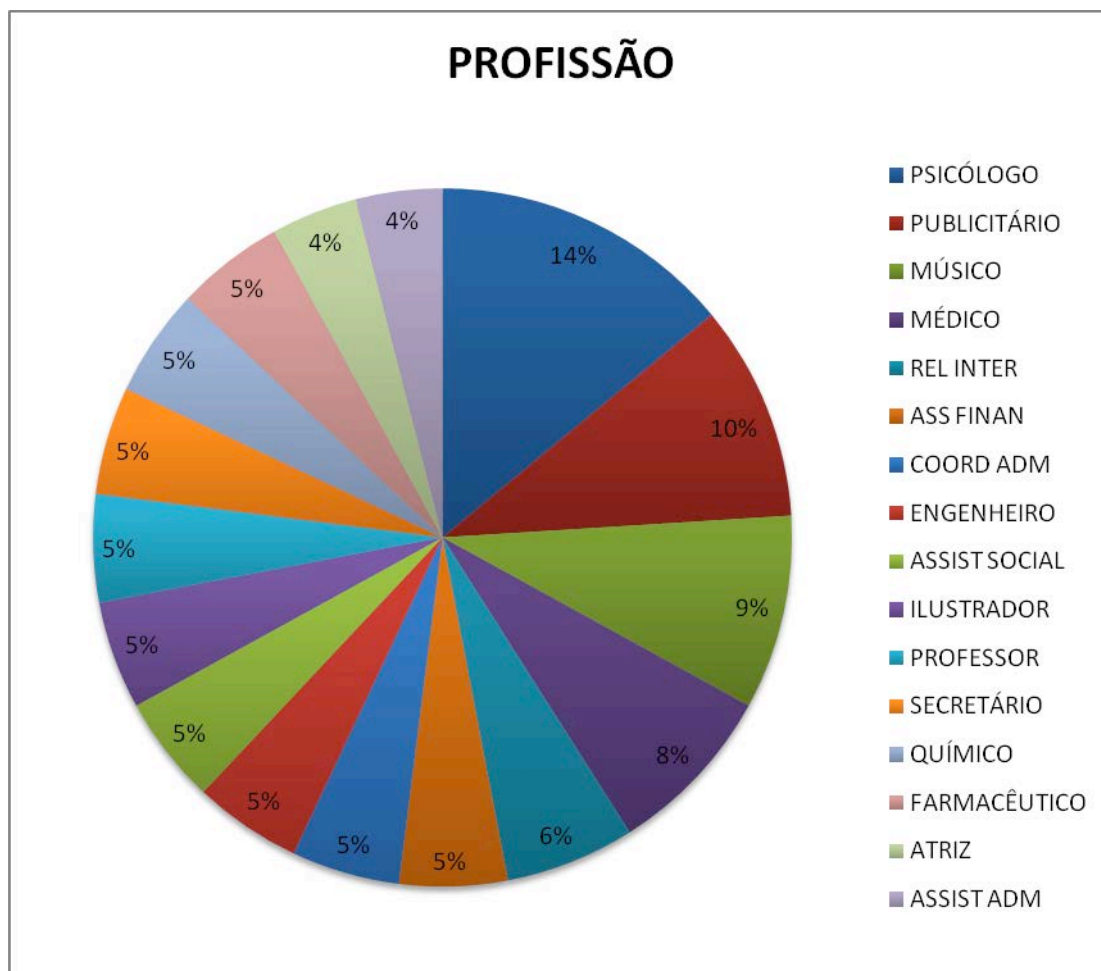
Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 2

Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 3

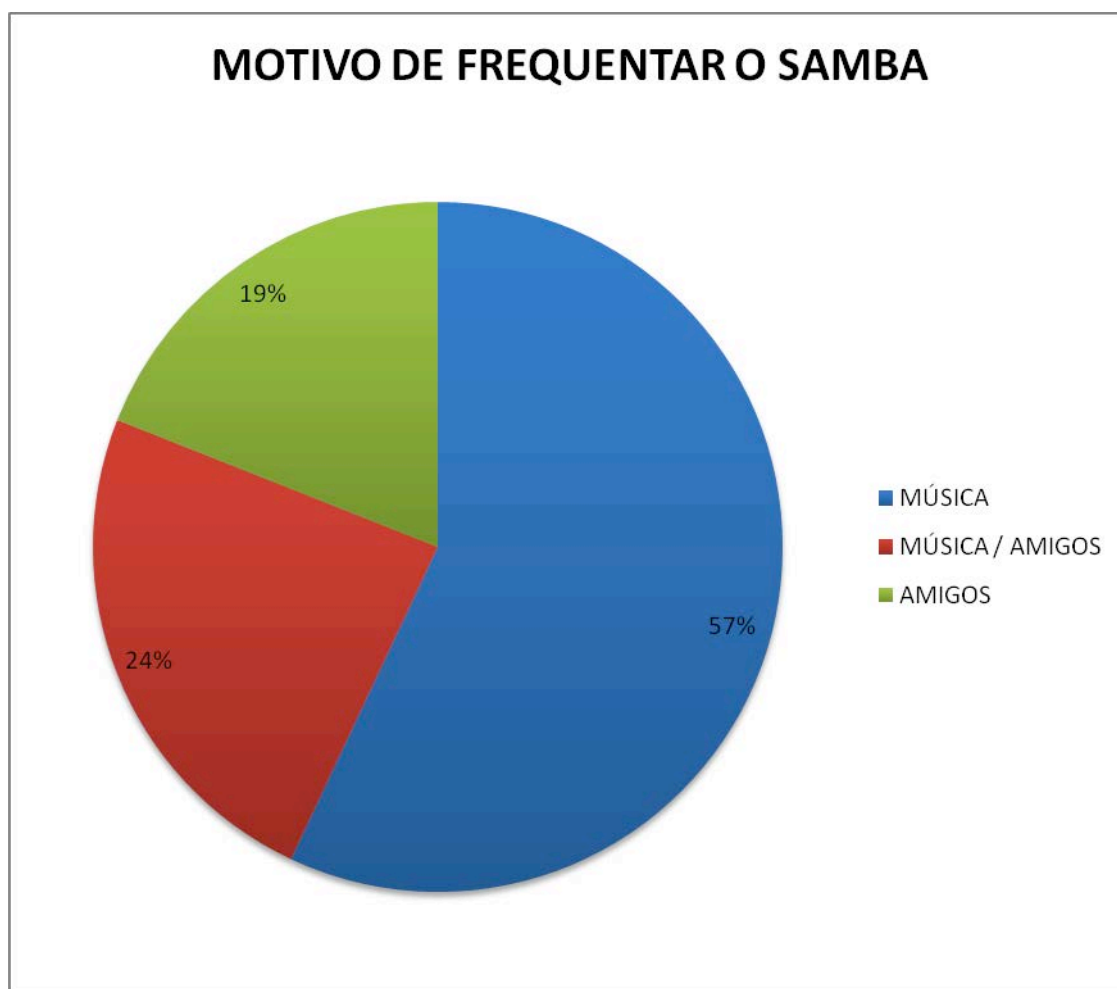
Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 4

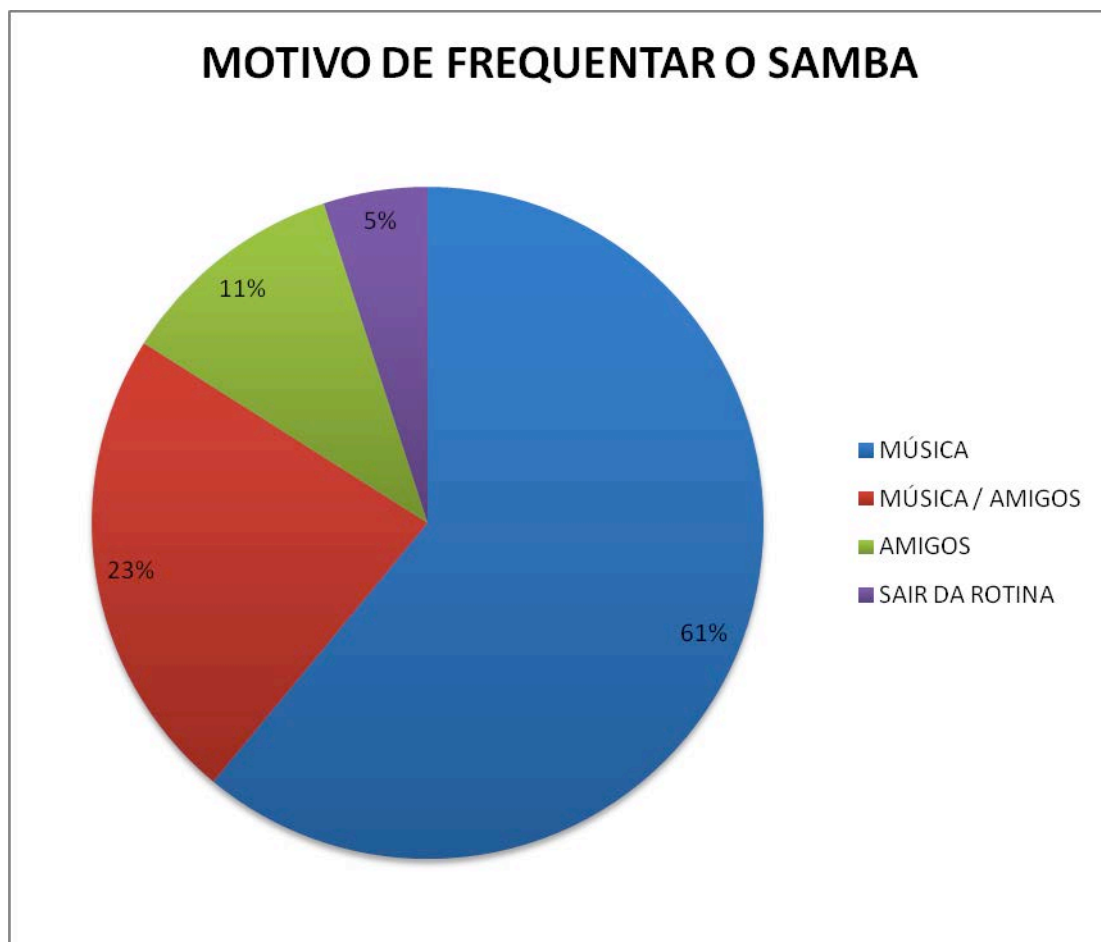


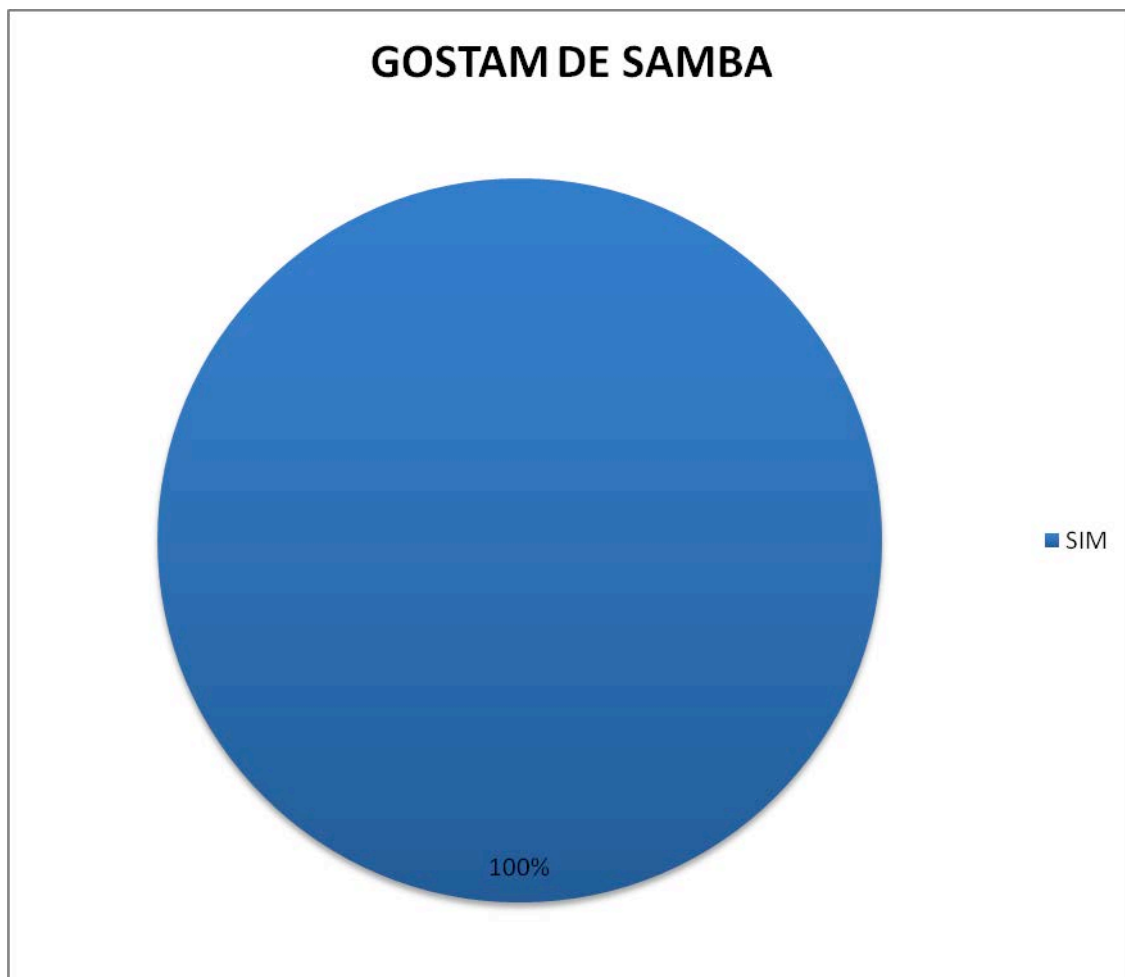
Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 5

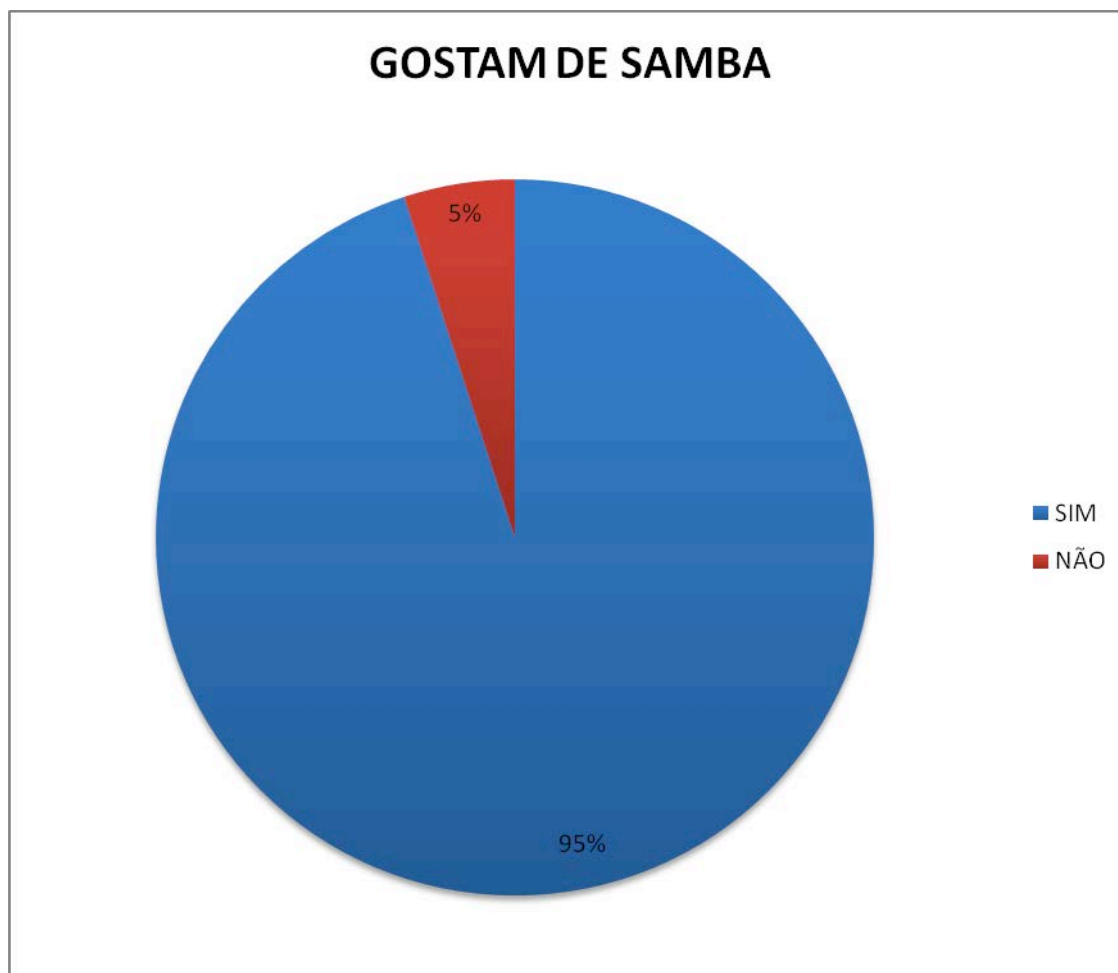


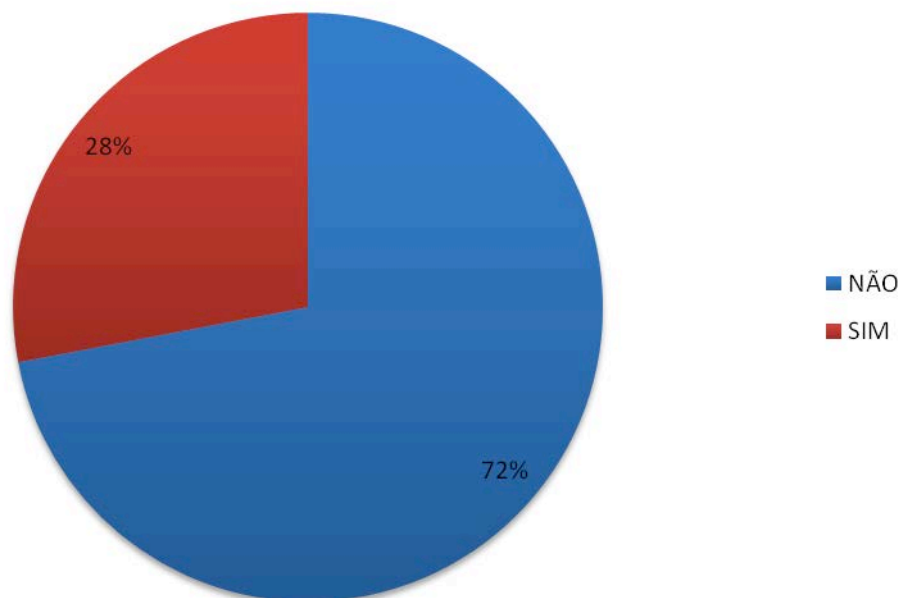
Os músicos Peterson Vieira e Júnior Silva, os dois integrantes da “Roda de Samba da Pedra do Sal”, afirmaram que faz parte do público consumidor de suas rodas, pessoas que também gostam de outros gêneros musicais. Durante a pesquisa, pude perceber que tanto na roda de samba de segunda quanto na roda de samba de sexta, a maioria das pessoas vai com o objetivo maior de ouvir o samba. Os dados comprovam que todos os entrevistados que frequentam a roda de samba de segunda-feira gostam de samba e que apenas uma parcela mínima dos frequentadores do samba de sexta-feira não gostam de samba. A pesquisa ainda diz que a maioria das pessoas que frequentam o samba de segunda-feira, vão toda semana e que apenas uma quantidade ínfima dos frequentadores do samba de sexta-feira, não vão toda semana. A maioria dos entrevistados frequentadores das rodas de samba de segunda-feira e sexta-feira vão a outras rodas de samba.

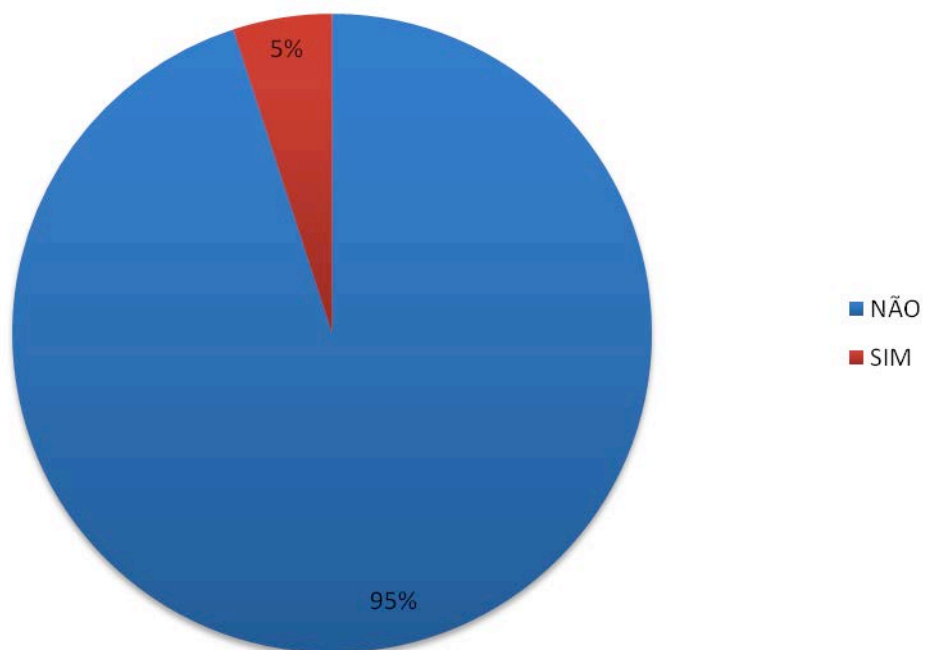
Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 6

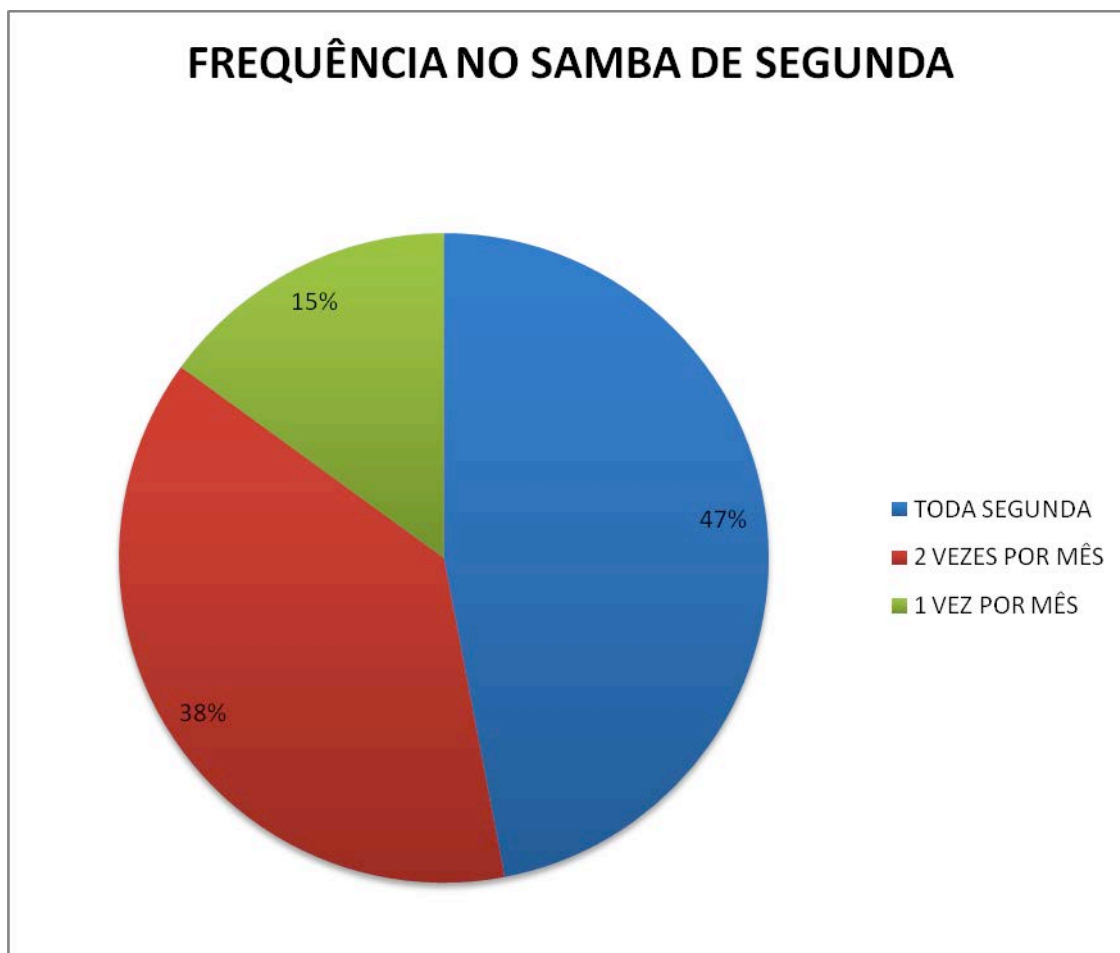
Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 7

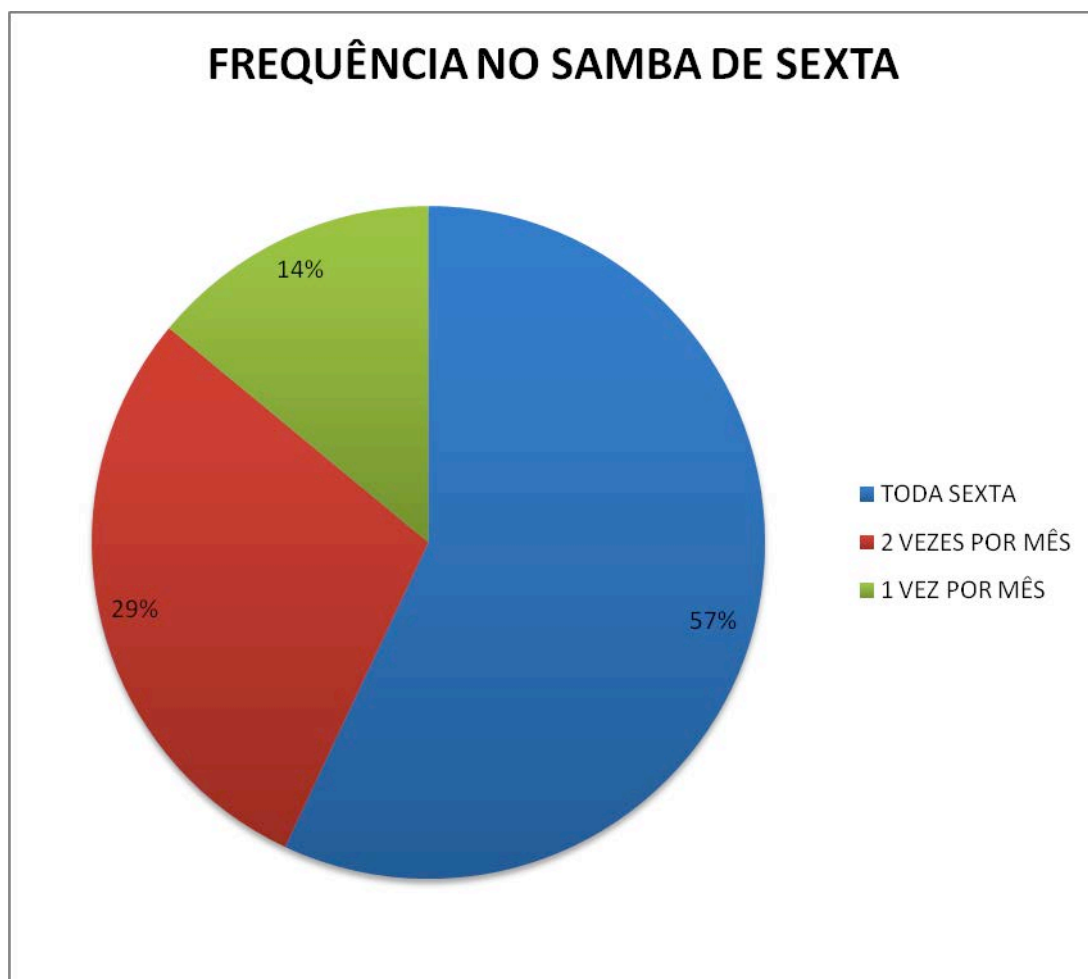
Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 8

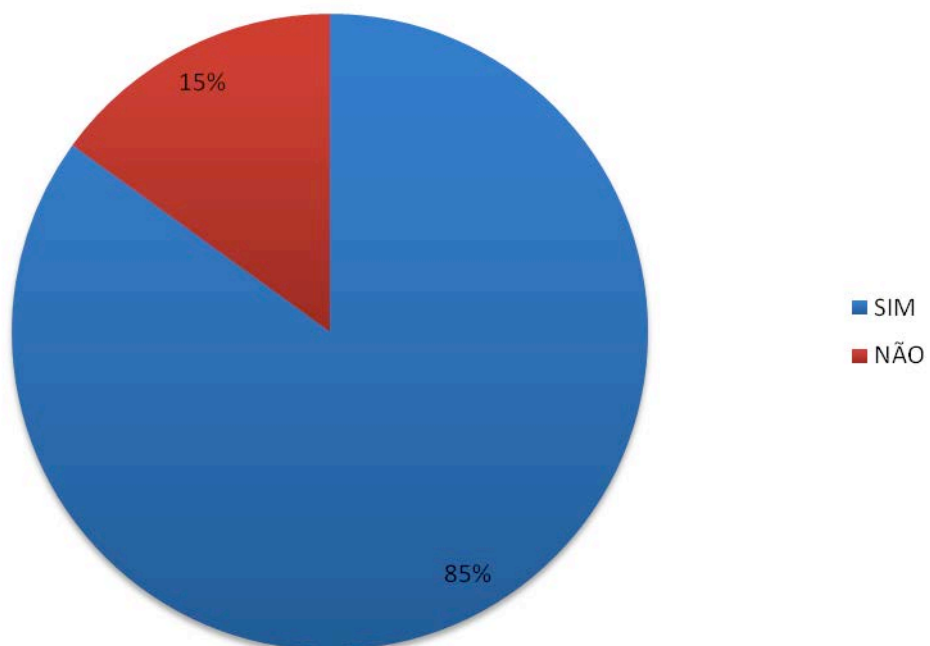
Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 9

Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 10**PRIMEIRA VEZ NO SAMBA DE SEGUNDA-FEIRA**

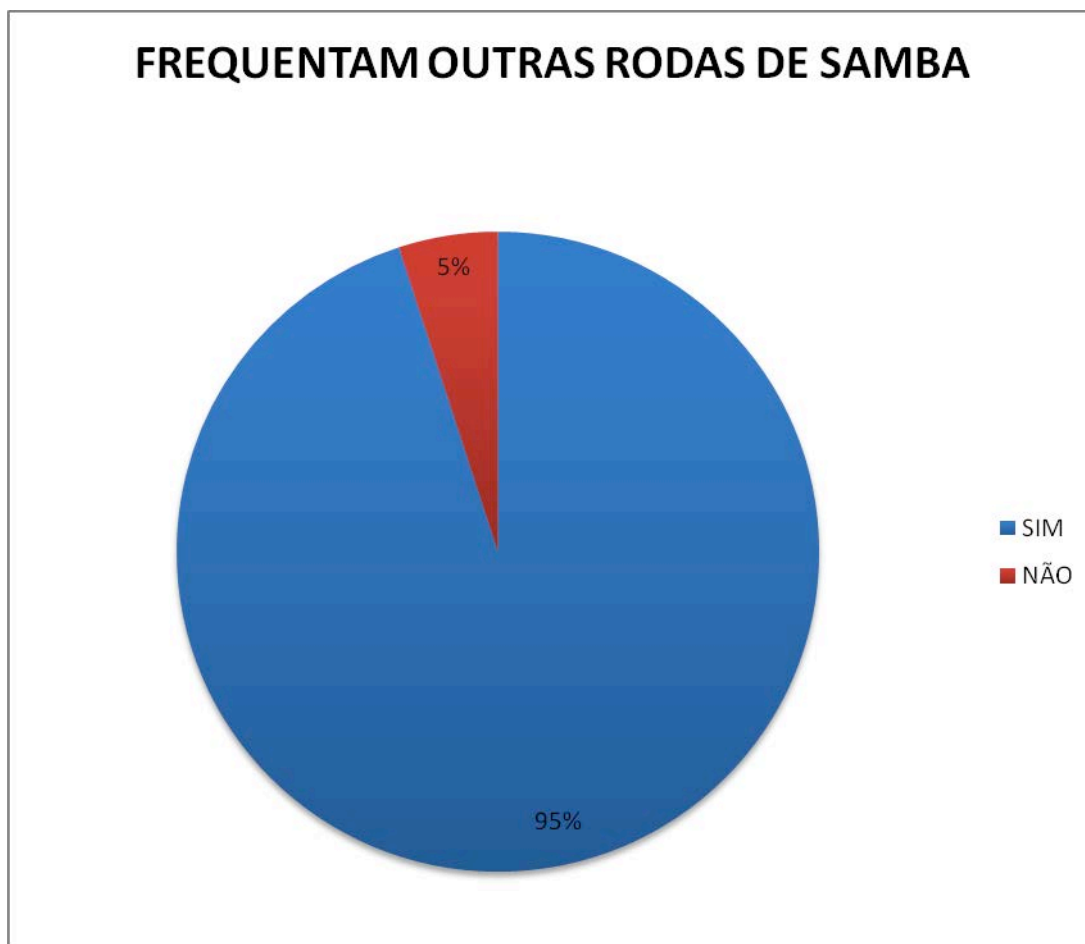
Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 11**PRIMEIRA VEZ NO SAMBA DE SEXTA-FEIRA**

Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 12

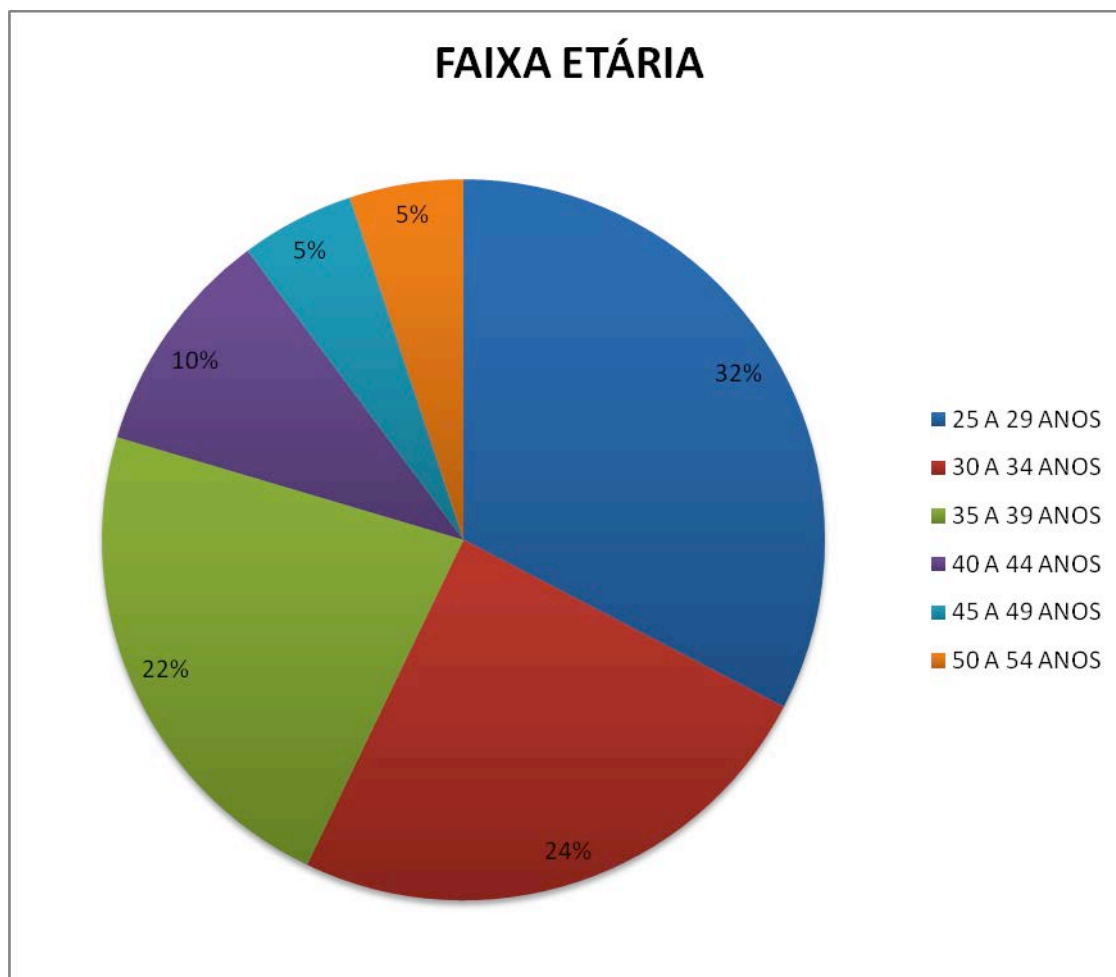
Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 13

Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 14**FREQUENTAM OUTRAS RODAS DE SAMBA**

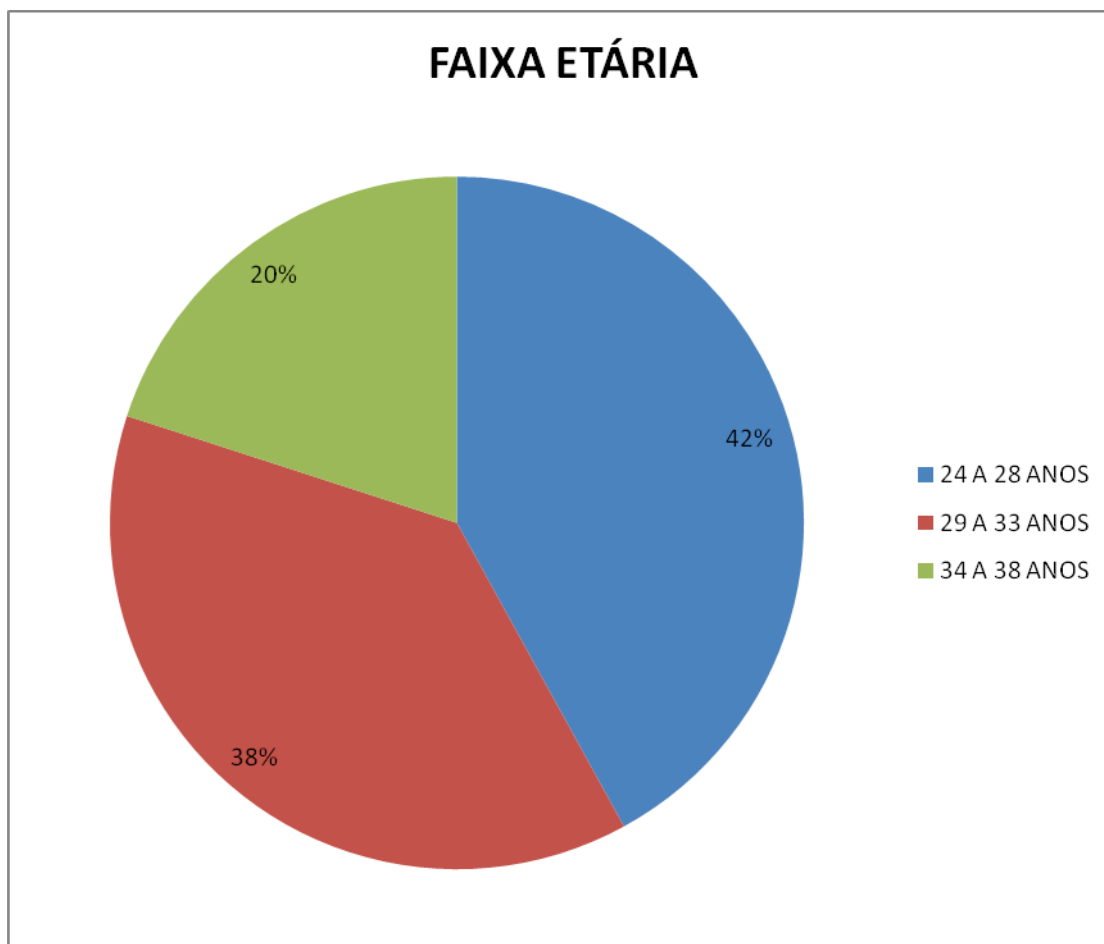
Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 15



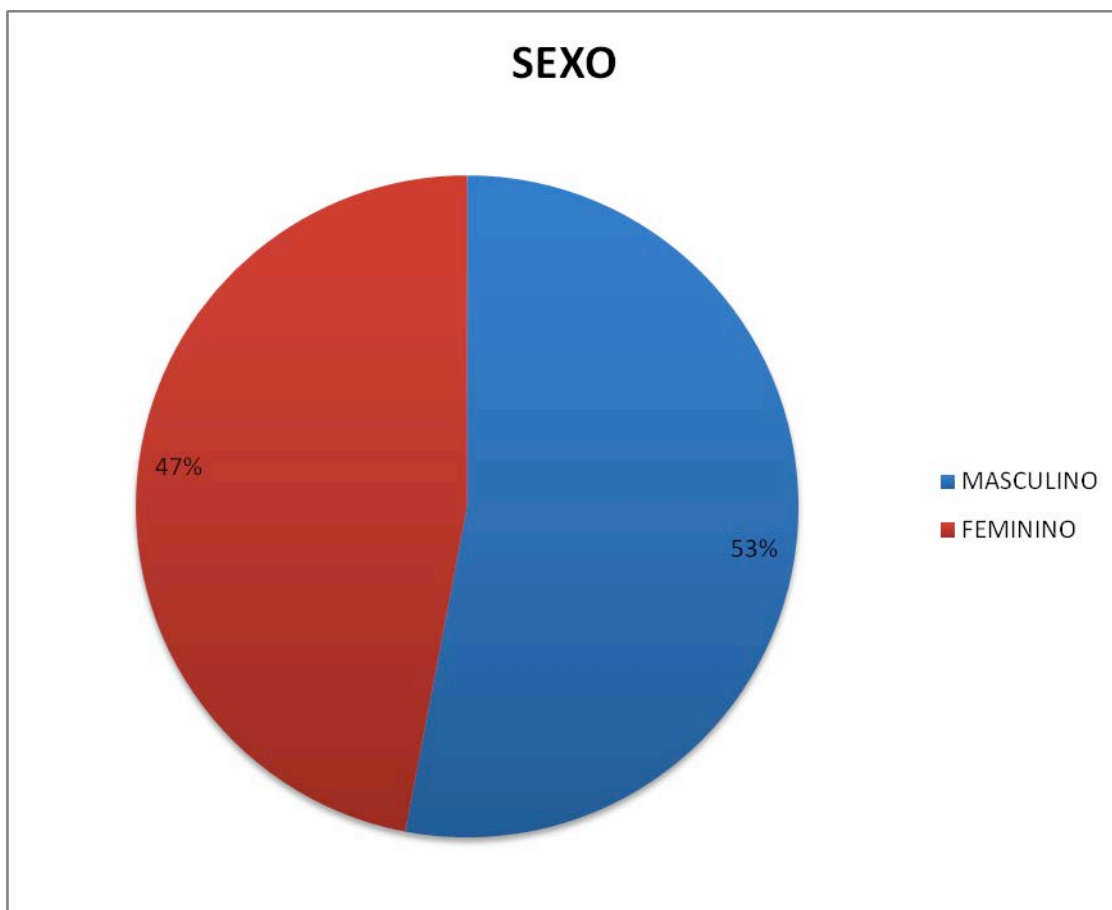
Os proprietários Marcelo, sócio do “Escondidinho Bar” e Alexandre, sócio do “Recanto da Pedra” afirmaram em entrevista, que o público do samba de segunda-feira seria formado por pessoas mais maduras, na faixa etária dos 40 anos e que o público do samba de sexta-feira seria formado por um público mais jovem. Os dados da pesquisa comprovam outro resultado. A maior parte do público de segunda-feira está na faixa etária dos 25 a 34 anos, com a existência de um público mínimo entre os 40 a 54 anos. A maior parte do público de sexta-feira está na faixa etária dos 24 a 33 anos, não tendo a existência de um público a partir dos 39 anos. Sendo assim, a maior parte do público de segunda e sexta aparece em uma faixa etária semelhante nos dois dias de roda de samba.

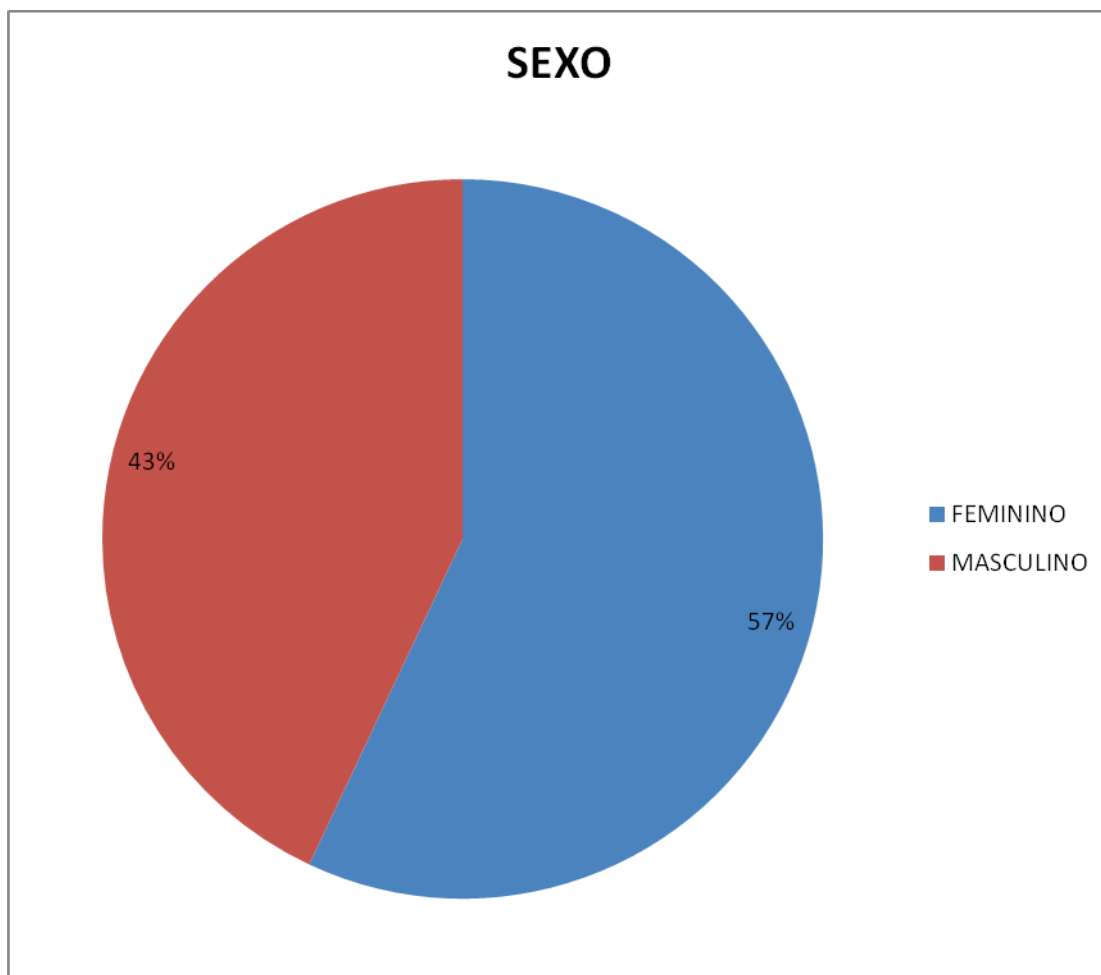
Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 16

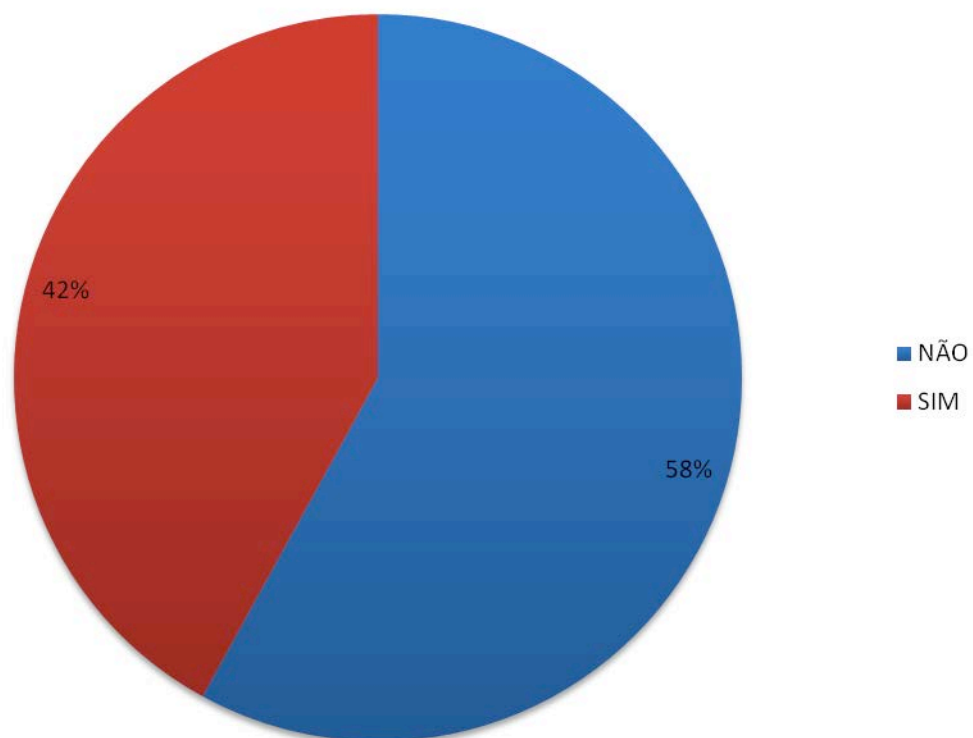
Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 17



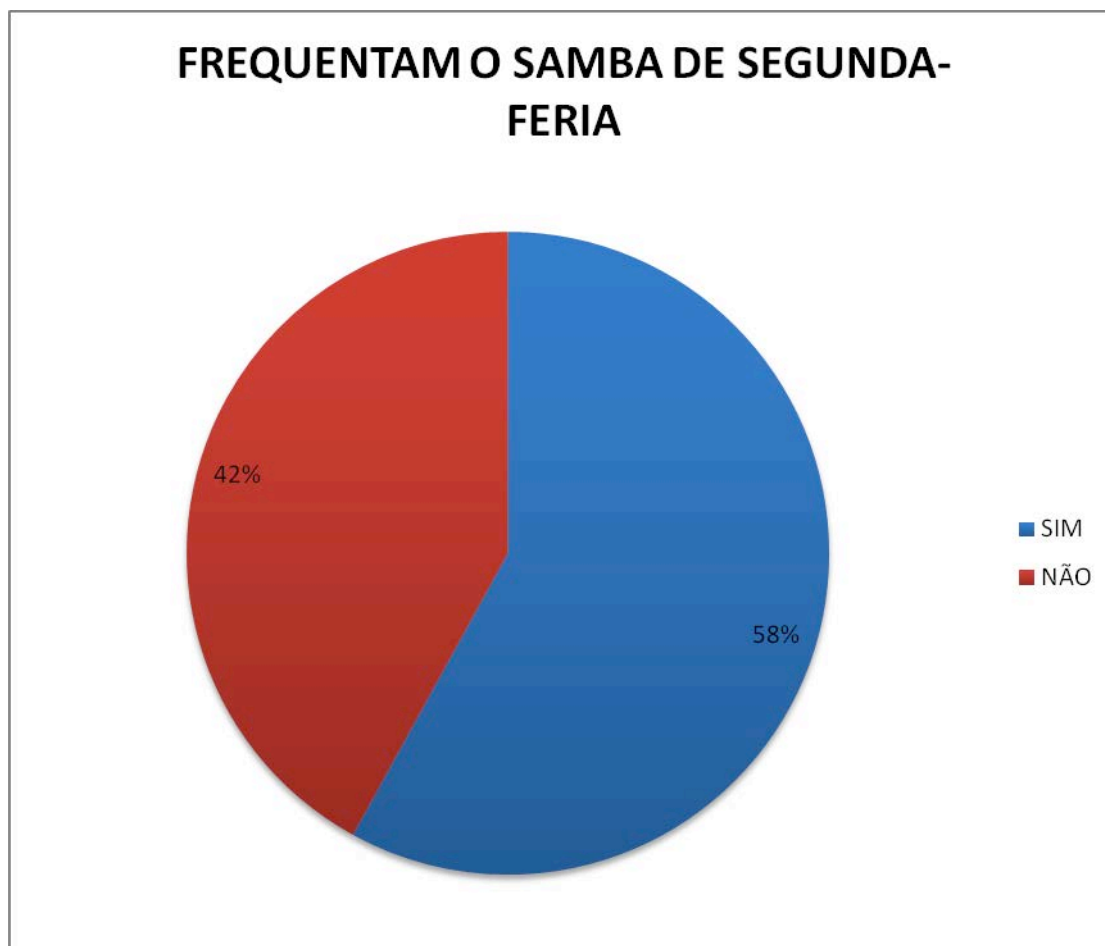
Existem alguns dados interessantes resultantes da pesquisa. Pude perceber que a maioria do público frequentador da roda de samba de segunda-feira são os homens e que no samba de sexta-feira, a maioria do público são as mulheres. Outro dado importante é que a maior parte dos frequentadores das rodas de samba de segunda-feira não frequentam a roda de samba de sexta-feira. Já a maioria do público frequentador da roda de samba de sexta-feira frequenta também a roda de samba de segunda-feira.

Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 18

Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 19

Os consumidores da roda de samba de segunda-feira 20**FREQUENTAM O SAMBA DE SEXTA-FEIRA**

Os consumidores da roda de samba de sexta-feira 21



Com a pesquisa feita através de entrevistas com os músicos integrantes das duas rodas de samba, com os proprietários dos bares e com os consumidores das duas rodas é possível, através dos dados, fazer uma reflexão a respeito dos resultados encontrados. Qual seria o motivo para os músicos das duas rodas de samba afirmarem que o público que consome as suas rodas é um público diversificado? Porque eles atestam que os consumidores que assistem as rodas de samba da Pedra do Sal é um público variado? O que esses músicos buscam ao fazer essa afirmação? O que esses artistas idealizam? Qual é o imaginário que eles querem resgatar? Será que seria o desejo de atingir uma maior número de público? De atender a todos da mesma maneira? Outra reflexão também seria pertinente aqui indagar. Qual seria o motivo de os consumidores do samba de segunda-feira não frequentarem o samba de sexta-feira? E porque os consumidores da roda de samba de sexta-feira frequentam a roda de samba de segunda-feira? Será que podemos pensar na questão de a roda de samba que se apresenta as segundas já está ali na

Pedra do Sal há mais tempo e por ser mais tradicional, as pessoas teriam maior interesse e conhecimento?

Os consumidores da Pedra do Sal apresentam algo em comum: gostam de samba e por isso se identificam com as manifestações culturais que acontecem nesse local. A maioria dos consumidores se vestem de forma parecida, usam as mesmas marcas, falam das mesmas coisas e se comportam quase que da mesma forma. Os consumidores assim como os músicos estão resgatando a tradição afrobrasileira, estão em busca de sua identidade, delimitando seus territórios, estabelecendo suas regras de participação neste grupo (CANCLINI, 2010).

3.2 Práticas, representações e expressões dos consumidores

Não é por estar na sua presença,
meu prezado rapaz
Mas você vai mal,
mas vai mal demais
São dez horas, o samba tá quente
Deixa a morena contente
Deixe a menina sambar em paz
Deixa a menina - Chico Buarque

Com que roupa eu vou
Pro samba que você me convidou?
Com que roupa eu vou
Pro samba que você me convidou?
Agora, eu não ando mais fagueiro,
Pois o dinheiro não é fácil de ganhar
Com que roupa? - Noel Rosa

Centramo-nos em um conjunto de práticas e representações que se desenvolvem na apropriação das rodas de samba, que permitem que alguns consumidores possam se distinguir do resto. Segundo Leitão, Lima e Machado (2006), “se estabelecem a categoria de seguidor²⁵ que diferencia o comparecimento permanente nas rodas, em oposição à ocasional” (p.184). A categoria de seguidor se estabelece a partir dos processos de consumo das rodas. Segundo Leitão, Lima e Machado (2006), “na diferenciação entre os que assistem a esses eventos, cobra relevância se os consumidores comparecem sistematicamente ou se só o fazem ocasionalmente” (p.175).

²⁵ O termo foi utilizado pelos autores citados acima para designar aquele que é um frequentador assíduo, que nunca falta ao evento, que está sempre presente. Falarei melhor sobre isso mais a frente.

Assim, seguidor é uma palavra que denomina os que participam habitualmente das rodas de samba. Os seguidores estão sempre presentes na roda, apesar das dificuldades que isso possa envolver (atraso na saída do trabalho, trânsito e outros empecilhos). A criação desses laços só é possível a partir do comparecimento regular às rodas. A partir do meu trabalho de campo nas rodas de samba na Pedra do Sal, observei que os seguidores desenvolvem determinadas práticas que os distinguem do resto dos consumidores. Os seguidores costumam ser reconhecidos pelos músicos. Os seguidores costumam receber convites das rodas que tocam em outros espaços.

As rodas de samba da Pedra do Sal são constituídas como um espaço de sociabilidade que permite criar e reproduzir vínculos estáveis, consolidando a conformação de um nós dos consumidores em torno da roda (LEITÃO; LIMA; MACHADO, 2006). A roda no meio do público faz com que músicos e público estejam em um mesmo nível. Isso permite que esses se sintam parte integrante do evento possibilitando uma maior aproximação (FRYDBERG, 2011). Há uma grande interação entre músicos e público nos intervalos. Os músicos se aproximam do público muitas vezes para saber se estão gostando, se o som está bom e outras vezes para tirar fotos.

A roda de samba é um lugar de encontros. Segundo Frydberg (2011), “o espaço de interação entre as pessoas também tem que ser entendido como um momento importante no evento da roda de samba” (p.254). Muitas pessoas marcam esse espaço para encontros com os amigos e para ouvir a música, outras acabam se conhecendo por lá e o assunto inicial da conversa geralmente se dá por possuírem um gosto em comum: o samba. Segundo Leitão, Lima e Machado (2006), a roda adquire importância não só como objeto de consumo, senão como espaço de socialização, no qual uma visão de mundo compartilhada é cristalizada.

Na teoria social, a noção de sociabilidade se refere geralmente a situações lúdicas em que há conagração e confraternização entre as pessoas. Ariès (1981) circunscreve neste termo as visitas, encontros e festas que envolvem trocas afetivas e comunicações sociais para além do círculo familiar. Música e dança são elementos comuns, e a comensalidade figura quase obrigatoriamente nos momentos sociáveis. (RESENDE, 2001 apud LEITÃO; LIMA; MACHADO, 2006, p.50)

A Pedra do Sal é o espaço gerado pelos consumidores que expressam um conjunto de representações compartilhadas. Segundo Leitão, Lima e Machado

(2006), há “manifestações que se constituem como instâncias significativas para a expressão das suas representações e valores” (p.180). Nas rodas de samba, as interações estão ocorrendo a todo o momento, seja através da música, da dança, da fala ou dos gestos. Segundo Frydberg (2011), a comunicação entre músicos e público acontece por meio de três formas diferentes: através do canto, da dança e das palmas.

Existem algumas maneiras de consumir as rodas de samba na Pedra do Sal. Alguns consumidores assistem à roda de samba sentado na pedra, na maioria das vezes com amigos, outros que se encontram sozinhos, preferem ficar observando atentamente o desempenho dos músicos e admirando a sua habilidade artística.



Os consumidores da roda “Samba de Lei” sentados na Pedra do Sal

Existem os consumidores que assistem a roda em pé, possibilitando um maior contato com os músicos através do canto e das palmas. Cantar junto com os músicos acontece de forma natural e expressa o conhecimento e identificação com a música escolhida no repertório dos artistas. O momento de o público cantar junto com os músicos se dá espontaneamente. Não existe um momento ou uma canção específica onde o público é convidado a cantar junto.



Os consumidores da roda “Samba de Lei” assistindo à roda em pé

O público dança e canta os sambas levados com zelo pelos músicos. Segundo o músico Thiago Torres, “em poucos lugares se vê tanta gente escutando

boa música de forma tão democrática” (Thiago Torres, vocalista e cavaquinista da roda “Samba de Lei”). O músico chama de “boa música”, o repertório escolhido a partir de um “mergulho” em mais de cem anos de história do samba. A roda começa ao cair da tarde com sambas antigos, praticamente desconhecidos, que o público acompanha atento, numa espécie de aula musical. O músico fala que a intenção é valorizar essa arte da forma mais ampla.

À medida que a noite avança e o local começa a ficar lotado de gente, os integrantes da roda “Samba de Lei” incorporam sambas mais recentes ao repertório de canções das velhas guardas. Pude observar que existem músicas em que os consumidores das rodas de samba da Pedra do Sal se identificam mais e por isso se exaltam mais do que em outras músicas. Canções de artistas como: Paulo da Portela, Moacyr Luz e Chico Buarque parecem ser as preferidas dos consumidores da roda “Samba de Lei” que se apresenta toda sexta-feira e canções de Paulinho da Viola, Cartola e Noel Rosa parecem ser as preferidas do público da “Roda de Samba da Pedra do Sal” que toca às segundas-feiras.

A dança também é outra forma de apreciar o samba. Nas rodas de samba observam-se alguns casais dançando juntos e outras pessoas dançando sozinhas. No samba, pode-se dançar dessas duas maneiras. Segundo Frydberg (2011), “a dança pode representar uma forma de apreciação musical, é através do ato de dançar, acompanhando com passos sincronizados o ritmo musical, que o público escuta a música” (p.254). Na dança, a música é ouvida com o corpo. A dança não possui a mesma comunicação entre músicos e público como há no canto, mas é com a dança que a maioria do público consumidor se comunica em uma roda de samba (FRYDBERG, 2011).

A dança em casal proporciona também uma relação de proximidade e intimidade entre o público em si. Em um primeiro momento registra-se a troca de um diálogo já que um dos dois, geralmente o homem, faz o convite para a dança e o outro (a), geralmente a mulher aceita ou não. O convite sendo aceito, há em seguida a comunicação entre os dois corpos. Segundo Frydberg (2011), os gêneros masculino e feminino estão sendo performativizados na roda de samba na relação entre músicos e público. A identidade masculina está sendo construída através da habilidade de cantar e tocar pelos músicos pensando que geralmente uma roda de samba é composta somente por homens; e a identidade feminina está sendo

construída através da habilidade de dançar pelos consumidores pensando que geralmente são as mulheres as que mais dançam.

As identidades de gênero e suas relações estão sendo performativizadas em uma roda de samba. A expressão mais aparente dessas relações está na distinção dos espaços dos sexos na roda de samba. O grupo de músicos é geralmente formado unicamente por homens. Já no público são as mulheres as que mais dançam. Podemos pensar que o gênero masculino e feminino são performativizados na roda de samba através da habilidade artístico-musical para o masculino, e da habilidade artístico-corporal para o feminino. A identidade masculina está sendo construída através de uma habilidade específica, como tocar um instrumento e a identidade feminina está vinculada a uma habilidade que é expressa corporalmente, a prática da dança. (FRYDBERG, 2011, p.255)

Nas rodas de samba da Pedra do Sal pude observar que tanto na “Roda de Samba da Pedra do Sal” quanto na “Samba de Lei” todos os integrantes são homens que possuem a habilidade artística musical de cantar e/ou tocar interagindo com o público que responde com o corpo através da dança possuindo assim a habilidade artístico corporal que nesse caso são as mulheres, a maioria. Existem casais que dançam juntos também, mas esses são a minoria.



Os consumidores da roda “Samba de Lei” dançando

A terceira forma de interação entre músicos e público acontece através das palmas. Ao contrário do canto que acontece de maneira espontânea, sem que os músicos tenham solicitado a cantoria, as palmas são pedidas pelos músicos. Os consumidores das rodas “Roda de Samba da Pedra do Sal” e “Samba de Lei” batem palmas quase que em todas as músicas tocadas pelas rodas. Percebi que eles se empolgam mais nas músicas mais populares e nas quais se identificam mais. Geralmente os próprios músicos começam com as palmas e logo em seguida o público continua no mesmo ritmo. O aplauso, o canto e a dança são formas de os músicos e o público se relacionarem.



Os consumidores da roda “Samba de Lei” batendo palmas

3.3 Os consumidores e a recriação do malandro

Já falei pra você, que malandro não vacila
 Já falei pra você, que malandro não vacila
 Malandro não cai, nem escorrega
 Malandro não dorme nem cochila
 Malandro não carrega embrulho
 E também não entra em fila
 Malandro não vacila - Bezerra da Silva

Malandro!
 Eu sei que você
 Nem se liga pro fato
 De ser capoeira
 Moleque mulato
 Perdido no mundo
 Morrendo de amor...
 Malandro - Jorge Aragão

O malandro, uma figura trazida ao conhecimento popular através do samba pode se adequar características como a alguém que não trabalha, que não é chegado a dureza da labuta diária, um preguiçoso. Segundo Frydberg (2011), “característica esta que foi incorporada ao imaginário brasileiro” (p.257). A figura do malandro também pode ser comparada a alguém não confiável, que abusa dos outros.

A música “Desafio de malandro”, do compositor e músico Chico Buarque relata esse suposto malandro que foge do trabalho.

Que grande malandro é você
 Você que era um sujeito tipo jovial
 Agora até mudou de nome
 Você infelizmente continua igual
 Fala bonito e passa fome
 Vai ver que ainda vai virar trabalhador
 Que horror

Segundo Matos (1982), a ideia do malandro, deve-se ao pessoal do samba, desde os que ela chama de “primitivos”, como Donga, João da Baiana, Caninha e Sinhô, passando pelos primeiros do Estácio como Bide, Marçal e Ismael Silva, e se solidificando com os músicos Wilson Baptista, Geraldo Pereira e Moreira da Silva.

Sinhô já dizia em um samba que:

A malandragem é um curso primário
Que a qualquer é bem necessário
É o arranco da prática da vida
Que só a morte decide o contrário

Francisco Alves gravou de Bide, o samba “Malandragem” que dizia:

A malandragem eu vou deixar
Eu não quero outra vez a orgia
Mulher do meu bem querer
Esta vida não tem mais valia

Compositores dizendo que a malandragem existia, mas querendo se regenerar, eles registram que o malandro, apaixonado, prometia abandonar aquela vida e a orgia.

Os primeiros sambistas do Estácio e da Lapa, bairros do centro do Rio, falavam de certo carioca, aquele meio marginalizado da sociedade, mas que usava terno branco de linho inglês, chapéu de palha, calçado branco e preto, camisas em listras horizontais coloridas, navalha no bolso, que sobrevivia à custa de algum esquema ou golpe. O jogo de cartas, pequenos estelionatos, alguma forma de ganhar dinheiro e usufruir de bens das mulheres, sem grandes esforços ou em algum emprego formal, fizeram a fama deste carioca descrito nos sambas de Moreira da Silva, Wilson Baptista e Geraldo Pereira, entre outros sambistas da época dos anos 1930 e 1940. Mas este mesmo tipo, no entanto, era extremamente sedutor, galante, cavalheiro e um amante dos mais desejados pelas mulheres (MATOS, 1982).

O hino do malandro, o samba “Lenço no Pescoço”, composto por Wilson Baptista, descreve bem essa característica do malandro aproveitador e vadio.

Meu chapéu do lado
 Tamanco arrastando
 Lenço no pescoço
 Navalha no bolso

Eu passo gingando
 Provoco e desafio
 Eu tenho orgulho
 Em ser tão vadio

Sei que eles falam
 Deste proceder
 Eu vejo quem trabalha
 Andar no misere
 Eu sou vadio
 Porque tive inclinação
 Eu me lembro era criança
 Tirava samba-canção

O verdadeiro malandro tem paixão pela música. O violão, o pandeiro e uma caixinha de fósforos são instrumentos que não podem faltar na mão de um malandro. Segundo Frydberg (2011), “para ser malandro é preciso amar a música, especificamente o samba” (p.258). Além disso, o malandro possui outras características como a elegância, a ironia, o bom humor e o jeito despojado de levar a vida.

A música “Malandro é Malandro e Mané é Mané” do cantor e compositor Bezerra da Silva fala desse malandro que é esperto, objetivo, gente boa e mulherengo.

E malandro é malandro e mané é mané
 Podes crer que é
 Malandro é o cara que sabe das coisas
 Malandro é aquele que sabe o que quer
 Malandro é o cara que tá com dinheiro
 E não se compara com um Zé Mané
 Malandro de fato é um cara maneiro
 E não se amarra em uma só mulher

Segundo Frydberg (2011), o malandro passou de uma definição negativa para uma característica positiva que auxilia na construção da identidade nacional brasileira.

O malandro sobrevive sem trabalho através do jeitinho, esta é outra característica que faz parte do imaginário brasileiro. O jeitinho estava a princípio ligado a algo pejorativo, era a pessoa que ganhava a vida através de jogos, golpes, pequenos delitos ou à custa dos outros, geralmente de mulheres. Mas ele passou a ser visto como algo bom, depois que se tornou uma característica da identidade nacional brasileira. O jeitinho pode significar esperteza, astúcia, habilidade e inteligência. Com muito “jogo de cintura”, o malandro vai driblando as dificuldades e desventuras da vida de uma grande parcela da população brasileira. (FRYDBERG, 2011, p.257)



O antigo malandro

O terno branco, a camisa bicolor, geralmente com listras nas cores vermelha, azul ou preta, o sapato também de duas cores, utensílios utilizados no dia a dia do malandro carioca, são deixados para trás e são reinventadas novas características desse novo malandro. Elementos novos são trazidos para a atualização deste novo sambista. O novo sambista recria um novo malandro através do uso de colares, geralmente artesanais e de sementes. Os colares artesanais usados pelos novos sambistas dão um ar mais despojado a esses novos artistas. Junto com os colares, aparecem também no lugar do sapato, o tênis, ao invés da calça, usa-se bermuda, no lugar do terno e camisa de manga, a camiseta ocupa o seu lugar. Um exemplo seriam os músicos que tocam nas rodas de samba da Pedra do Sal que se apropriam dessa nova vestimenta da recriação do malandro.



O novo malandro

Nas rodas de samba da Pedra do Sal, tanto a roda de samba que toca às segundas-feiras quanto a roda de samba que se apresenta às sextas-feiras, pude observar que tanto os músicos quanto o público se vestem dessa maneira mais despojada. Afinal de contas, juntando o clima do Rio de Janeiro com a quantidade desenfreada de pessoas que frequentam esse espaço, sem contar que isso acontece em um lugar aberto sem a possibilidade de ar condicionado, não restaria outra opção de vestimenta mais adequada.

Há uma grande influência afro encontrada nas vestimentas dos consumidores das rodas de samba na Pedra do Sal, principalmente nas vestimentas das mulheres, como podemos ver na foto abaixo. A imagem da negra com turbante, roupa branca e colar tem relação com o samba e principalmente com a Pedra do Sal. Os três elementos: o turbante, a roupa branca e o colar remetem a figura das baianas que realizavam seus despachos e oferendas e faziam seus batuques em um espaço marcado pelo negro: Pedra do Sal.



As vestimentas dos consumidores da Pedra do Sal

Através de visitas e observações nas rodas de samba da Pedra do Sal, pude notar uma prática constante entre os consumidores de samba. Existe uma característica do malandro de antes que ainda pode ser observada no malandro de hoje: o uso do chapéu panamá. O chapéu panamá sempre acompanhou o terno branco, a camisa bicolor e o sapato também de duas cores. Esse figurino sempre esteve presente no imaginário do malandro carioca e ainda pode ser visto hoje na recriação desse novo malandro. Alguns dos consumidores das rodas de samba da Pedra do Sal são adeptos a essa parte da vestimenta do antigo e do novo malandro. Pela foto, podemos observar o uso dessa característica do malandro sambista em consumidores da roda “Samba de Lei”.



O uso do chapéu panamá

Já as mulheres se vinculam a um imaginário da figura das baianas afro-brasileiras. O público consumidor feminino se veste com saias ou vestidos longos até o pé, algumas usam faixa na cabeça outras usam turbantes se aproximando ainda mais da figura das baianas afrobrasileiras. Nos pés se costuma usar um chinelo ou uma sandália rasteirinha. O uso de bijuterias artesanais também é bem vindo para incrementar o figurino feminino. São colares, brincos ou pulseiras sempre de madeira ou miçangas sempre muito coloridos. Segundo Frydberg (2011), essa identidade feminina de sambista é recriada através de elementos utilizados por outras artistas famosas que usam saias ou vestidos longos e colares em suas apresentações, como é o caso da cantora Clara Nunes. Essa identidade feminina de sambista está mais vinculada ao imaginário da cultura afrobrasileira do que com a figura do malandro carioca.



Mulheres com turbantes

Outra prática constante entre os consumidores das rodas de samba na Pedra do Sal é o consumo de cerveja. Com as visitas as duas rodas de samba que se apresentam nesse espaço, consegui perceber que a maioria das pessoas consomem cerveja durante a apresentação das rodas. A maioria do público compra a bebida no bar “Bodega do Sal” e logo em seguida se direciona para ao redor da roda. Como não existem mesas em volta, somente a que os músicos ficam, o

público segura as garrafas na mão e na hora das palmas, coloca no chão entre as pernas, o que é perigoso. Pois algum acidente pode acontecer. Em uma de minhas visitas a roda “Samba de Lei”, uma dessas garrafas que estavam apoiadas entre as pernas de alguém, caiu e quebrou. Ninguém se machucou, mas isso podia ter acontecido.

“TERRA DE SAMBA E PANDEIRO”: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ah! Esse Brasil lindo e trigueiro
 É o meu Brasil brasileiro
 Terra de samba e pandeiro
 Aquarela do Brasil - Ary Barroso²⁶

Esse trabalho, primeiramente contou com a introdução da origem do samba com seus antecedentes e suas transformações ao longo do tempo. Toda a trajetória da vida do negro, sua dificuldade de se inserir no mercado de trabalho devido ao preconceito. A Pedra do Sal também foi estudada desde os seus primeiros momentos de ocupação quando os negros cultuavam suas religiões e músicas até ser tombada pelo Patrimônio Cultural. Acredito que todas essas questões foram de suma importância para o entendimento do resgate dessa tradição afrobrasileira nesse espaço onde os negros cantaram e continuam cantando.

Este estudo buscou analisar o samba como elemento formador de identidade que está sendo redescoberto e recriado por novos músicos. É através da redescoberta desse gênero musical popular que esses músicos estão sendo inseridos na tradição. A redescoberta do samba por esses músicos da nova geração representa o desvendar das suas tradições, de práticas musicais e sociabilidades específicas. As identidades dos músicos são recriadas através de práticas, representações e expressões manifestadas através de seus gestuais, modos de cantar, maneiras de se vestir, referências musicais de tempos passados e respeito aos rituais, preservando sempre a “autenticidade e pureza” do samba.

Esse estudo buscou compreender a grande importância do papel de colaboradores que cooperam para que o trabalho artístico aconteça. Sem a colaboração de pessoas com funções específicas, as rodas de samba da Pedra do Sal, talvez não tivessem a mesma eficácia. Com destaque especial para o papel do patrocinador que tem uma função peculiar de conduzir a carreira dessa nova geração de músicos no caminho que deve ser seguido para alcançarem o alvo, que é a consagração e o reconhecimento profissional. A figura do patrocinador é vista

²⁶ “Aquarela do Brasil” é uma das mais populares canções brasileiras de todos os tempos, escrita pelo compositor Ary Barroso em 1939. O samba foi gravado por diversos artistas que vai de Carmem Miranda à Frank Sinatra, passando por Caetano Veloso, Erasmo Carlos e Elis Regina.

como intercessor, como aquele que interliga esses novos artistas e sua profissionalização através da relação que mantém com eles e com o público alvo.

Interessou compreender os processos de consumo na Pedra do Sal como um espaço para a interação e sociabilidade. Onde se têm a recriação de valores; representações compartilhadas e a expressão de processos de identidade. Nessa linha, foram abordados os processos de consumo de duas rodas de samba da cidade do Rio de Janeiro: “Roda de Samba da Pedra do Sal” e “Samba de Lei”. Compreendendo os fenômenos culturais em sua dimensão simbólica, focalizando a apropriação no que se refere ao espaço para a construção de sentidos.

Com a pesquisa feita com os consumidores das rodas de samba da Pedra do Sal, pude entender como se dá a identidade coletiva desse grupo que se reconhece enquanto portador dos mesmos símbolos. Que possuem os mesmos gostos, se expressam de maneira parecida, compartilham hábitos de consumo, modos de vida semelhantes e freqüentam o espaço com o mesmo objetivo. As rodas de samba apresentam papel importante na formação desse público que constrói e mantém relações sociais.

Compreendo a relação dos consumidores das rodas de samba como possuidores de um papel importante quanto à realização dessas rodas que já são fixas na Pedra do Sal. Pois sem o público que além de encher esses espaços toda semana, também exercem a função de apoiar os músicos através de expressões corporais como a dança, o canto e as palmas, a roda não aconteceria. Ao realizar a etnografia com observação participante e entrevistas realizadas, posso afirmar que a grande importância está na ampliação e consolidação hoje do samba capaz de ser consumido e de formar identidades.

Essa pesquisa apresentou que igualmente aos músicos integrantes das rodas de samba, o seu público consumidor também está em busca da tradição, do resgate do samba de raiz respeitando sempre a cultura afrobrasileira. Os consumidores das rodas de samba recriam a figura do malandro sambista se apropriando de características tradicionais como o uso do chapéu panamá que sempre esteve presente na vestimenta do malandro e se apropriam de alguns símbolos no lugar de outros como a troca da calça e camisa listrada por bermuda e camiseta. Já as

mulheres resgatam a tradição das baianas afrobrasileiras através do uso de colares, roupas brancas e turbantes.

Por fim, exponho uma pequena análise feita através da música “Aquarela do Brasil” do compositor Ary Barroso. O samba foi por muito tempo duramente perseguido, considerado música marginalizada e de pobre. O samba passou por um processo de aceitação e reconhecimento. Transformou-se de expressão musical popular em música representativa do Brasil. Tornou-se elemento formador da identidade nacional. O samba começou a representar o Brasil, o povo brasileiro e a brasilidade e hoje vivemos numa “terra de samba e pandeiro”.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

- ALMEIDA, Manuel Antonio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.
- BECKER, Howard S. *Mundos da arte*. Edição Comemorativa do 25º Aniversário Revista e Aumentada. Lisboa: Livros Horizontes, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *A gênese dos conceitos de habitus e de campo*: In: *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 59-73.
- _____. *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação*. Campinas: Papirus, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. O consumo serve para pensar. In: *Consumidores e Cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2010.
- CHAGAS, Mário. *Memória Rupestre ou do caminho no meio da Pedra*. Rio de Janeiro: Revista Museu, 2004.
- DINIZ, André. *Almanaque do SAMBA*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2006.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. O uso dos bens. In: *O mundo dos bens: Para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.
- FRYDBERG, Marina B. *“Eu canto o samba” ou “Tudo isto é fado”: Uma Etnografia Multissituada da Recriação do Choro, do Samba e do Fado por Jovens Músicos* [tese de mestrado]. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRS; 2011.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- LEITÃO, Débora; LIMA, Diana; MACHADO, Rosana. *Antropologia & Consumo: Diálogos entre Brasil e Argentina*. Porto Alegre: AGE Editora, 2006.
- MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lillian de Lucca (org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 1996.
- MARCONDES, Marcos Antônio. (ED). *Enciclopédia da Música popular brasileira: erudita, folclórica e popular*. 2. ed. São Paulo: Art Editora/Publifolha, 1999.
- MATOS, Cláudia. Acertei no milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio. In: *Samba e seu lugar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- MATOS, Gregório de. *Obras completas de Gregório de Matos: Sacra, Lírica, Satírica, Burlasca*. Salvador: Janaína, 1969.
- MATOS, Gregório de. *Obra Poética*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.

MOURA, Roberto. *TIA CIATA e a Pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Coleção BIBLIOTECA CARIOCA, 1995.

O'DWYER, Eliane Cantarino. *O fazer antropológico e o reconhecimento de direitos constitucionais: O caso das terras de quilombo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora e-papers, 2012.

OLIVEN, Rubem George. *A Antropologia de Grupos Urbanos*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

PAIS, José Machado, O fado dançado no Brasil: Trânsitos Culturais. In: *Pensar a Prática*. Goiânia, 2012, p.1-15

SANDRONI, Carlos. *Feitiço Decente: Transformações do Samba no Rio de Janeiro, 1917 – 1933*. Rio de Janeiro: Editora UERJ e ZAHAR, 2001.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Resposta à cultura do racismo*. In: *Revista do Brasil - Política cultural no Rio de Janeiro*, Edição Especial, 1986, p.106-11.

SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad Editora LTDA, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. *Os sons dos negros no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2008.

_____. *Pequena história da música popular*. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. *As Festas No Brasil Colonial*. São Paulo: Editora 34, 2000.

VIANNA, Hermano. *O Mistério do SAMBA*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1995.

WAGENER, Zacharias. *Zoobiblion - Livro de animais do Brasil*. São Paulo: Edgard de Cerqueira Falcão/Conselho Nacional de Pesquisas, 1964.

Internet

Pedra do Sal:

<http://www.audioativo.com/2013/07/23/pedra-do-sal-terreno-sagrado-do-samba/>, acesso em 04/05/2014 às 14h25min.

<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/roda-de-samba-da-pedra-do-sal>, acesso em 04/05/2014 às 15h15min.

<http://www.titanproducoes.com.br/PedraDoSalhistorico.html><http://>, acesso em 04/05/2014 às 18h30min.

Samba:

<http://www.vagalume.com.br/beija-flor-de-nilopolis/samba-enredo-2007.html>, acesso em 04/06/2014 às 17h05min.

<http://carnaval.uol.com.br/2014/blocos-de-rua/noticias/2014/01/17/blocos-no-rio-decidem-sair-a-revelia-sem-pedir-autorizacao-a-prefeitura.htm>, acesso em 05/06/2014 às 21h25min.

<http://letras.mus.br/candeia/95696/>, acesso em 07/06/2014 às 10h15min.

<http://www.samba-choro.com.br/debates/1179204856>, acesso em 10/06/2014 às 15h30min.

<http://letras.mus.br/velha-guarda-da-portela/937689/>, acesso em 10/06/2014 às 16h30min.

“Roda de Samba da Pedra do Sal”

<http://rodadesambadapedradosal.blogspot.com.br/>, acesso em 05/03/2014 às 17h25min.

<http://radioglobo.globo.com/botequim-da-globo/2013/11/19/RODA-DE-SAMBA-DA-PEDRA-DO-SAL-AGITA-O-BOTEQUIM-DA-GLOBO.htm>, acesso em 16/05/2014 às 14h15min.

<http://catarse.me/pt/pedradosal> acesso em 04/06/2014 às 17h12min.

“Samba de Lei”

<http://ovencedornews.blogspot.com.br/2014/01/sambar-e-lei-toda-sexta-feira-na-pedra.html>, acesso em 16/05/2014 às 14h45min.

<http://www.todorio.com/rio/event/zonaportuaria/pedradosal/2012/11/27/2000/ensaio-do-grupo-moca-prosa>, acesso em 07/06/2014 às 14h15min.

Outros:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Exu_%28orix%C3%A1%29, acesso em 02/06/2014 às 21h05min.

<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/quilombo-sao-jose-da-serra>, acesso em 02/06/2014 às 22h30min.

<http://rizomas.net/cultura-escolar/producao-dos-alunos/utopia-e-cotidiano/400-catarse-um-site-de-financiamento-coletivo.html> acesso em 04/06/2014 às 17h12min.

<http://butecolico.blogspot.com.br/2009/11/cancoes-de-o-butecolico-epopeia-de.html>, acesso em 07/06/2014 às 18h05min.

ENTREVISTAS

Proprietários dos bares da Pedra do Sal:

Dona Irene, realizada dia 11 de abril de 2014.

Alexandre, realizada dia 11 de abril de 2014.

Marcelo, realizada dia 11 de abril de 2014.

Músicos integrantes da “Roda de Samba da Pedra do Sal”:

Júnior Travassos, realizada dia 07 de abril de 2014.

Rogério Família, realizada dia 07 de abril de 2014.

PC Correia, realizada dia 07 de abril de 2014.

Peterson Vieira, realizada dia 07 de abril de 2014.

Walmir Pimentel, realizada dia 07 de abril de 2014.

Wando Azevedo, realizada dia 07 de abril de 2014.

Júnior Silva, realizada dia 07 de abril de 2014.

Músicos integrantes da roda “Samba de Lei”

Thiago Torres, realizada dia 14 de março de 2014.

Wagner Silveira, realizada dia 14 de março de 2014.

Maicon Salles, realizada dia 14 de março de 2014.

Kaká Nomura, realizada dia 14 de março de 2014.

Márcio Kalunga, realizada dia 14 de março de 2014.

Wando Cordas, realizada dia 14 de março de 2014.